

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

EDUARDO PEROTTO BIAGI

**FOTOGRAFIA COMO RECURSO MEDIADOR NA EDUCOMUNICAÇÃO
AMBIENTAL**

**CAMPO GRANDE - MS
2017**

EDUARDO PEROTTO BIAGI

**FOTOGRAFIA COMO RECURSO MEDIADOR NA EDUCOMUNICAÇÃO
AMBIENTAL**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Área de concentração: Mídia e Representação Social. Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Greicy Mara França

CAMPO GRANDE - MS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

EDUARDO PEROTTO BIAGI

**FOTOGRAFIA COMO RECURSO MEDIADOR NA EDUCOMUNICAÇÃO
AMBIENTAL**

Banca Examinadora

Professora Dra. Greicy Mara França - Orientadora
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Professora Dra. Rose Mara Pinheiro
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Professor Dr. Jacir Alfonso Zanatta
Universidade Católica Dom Bosco

Professora Dra. Tais Marina Tellaroli Fenelon - Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

CAMPO GRANDE - MS

2017

*Dedico esta pesquisa a
minha esposa Priscilla
e ao meu filho Raul.
Sem vocês eu não sou
nada.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Samuel (*in memoriam*) e Nadya, que eu amo demais e que fizeram todos os esforços pessoais e financeiros para que eu pudesse receber a melhor educação possível em uma época muito difícil para a nossa família e que jamais deixaram de me incentivar. Obrigado por tudo.

Aos meus irmãos, Rafael e Marianna, por me apoiarem incondicionalmente e respeitarem minhas decisões mesmo quando não concordam com elas.

À minha esposa Priscilla Paula Pessoa, que transformou a minha vida há mais de 10 anos e que me faz feliz todos os dias.

Ao meu filho Raul, por me ensinar a pureza e a doçura, e por aos quatro anos de idade me dar lições maravilhosas que carregarei para sempre. Nunca lhe abandonarei meu filho quaisquer que sejam suas decisões.

Aos meus colegas professores Elton Tamiozzo (irmão e conselheiro que nunca me deixou na mão), Claudia Ruas (que possibilitou toda essa maravilhosa jornada acadêmica com seu convite à docência), José Francisco Sarmiento (cuja filosofia de vida me encanta), Maria Helena Benites (uma criatura doce que sempre faz o bem), e Thiago Muller (que me salvou ao mostrar a Educomunicação).

Ao meu amigo Jacir Alfonso Zanatta que não sabe, mas mudou minha vida profissional ao dizer que eu tinha os requisitos para ser professor e que não deveria desistir dessa ideia jamais.

Às professoras avaliadoras da qualificação, Katarini Giroldo Miguel e Rose Mara Pinheiro, pelas excelentes contribuições e por direcionarem o trabalho.

À minha orientadora, amiga, confidente, ombro e norte Greicy Mara França, pelas orientações, broncas e por garantir todo tempo necessário para cada etapa e por me tranquilizar quando mais precisei.

A fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura e se renova, inesgotavelmente.

Roland Barthes

RESUMO

A presente pesquisa propõe analisar se o Click Verde, projeto de extensão da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), utiliza a fotografia como ferramenta para a Educomunicação ambiental. O projeto, que oferece oficinas a alunos do ensino médio de escolas públicas localizadas em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, tem como objetivo propiciar noções de fotografia produzidas com *smartphones* propondo como temática as questões ambientais que são discutidas por meio de suas produções fotográficas e refletem as percepções e vivências de cada aluno sobre o problema. A intenção foi avaliar se existem elementos suficientes para entender que o projeto tem ligação estreita com a Educomunicação. Para cumprir os objetivos, foram utilizados os seguintes procedimentos: revisão bibliográfica para fundamentar os conceitos pertinentes ao trabalho, a coleta de dados por meio de questionário quantitativo e também através da análise da proposta do projeto e a observação e análise das ações e da produção fotográfica resultantes do projeto. Pela revisão bibliográfica e os dados obtidos, percebe-se a importância da educação socioambiental formal, mas também como ações não tradicionais são importantes para incentivar os jovens ao trazer as questões de meio ambiente para uma realidade mais próxima da qual eles vivenciam. Uma das bases da Educomunicação está na produção participativa e, portanto, através da análise das fotografias produzidas pelos alunos do Click Verde também foi possível observar que as intervenções do projeto favorecem o fortalecimento dos conceitos de meio ambiente ao propiciarem através de uma ferramenta amigável discussões críticas que ajudam a preservação dos recursos naturais. Ao final, foi possível afirmar que o Click Verde é um projeto de Educomunicação, mesmo sem ter a percepção disso, isto, porque, suas ações, a produção oriunda das oficinas e seu objetivos estão alinhados aos preceitos educacionais confirmando a hipótese inicial desta pesquisa.

Palavras-chave: Fotografia. Educomunicação. Meio Ambiente. Extensão Universitária.

ABSTRACT

The present research proposes to analyze whether the Click Verde, extension project of the Catholic University Don Bosco (UCDB), uses photography as a tool for environmental education. The project, which offers workshops to high school students of public schools located in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, aims to provide notions of photography produced with smartphones proposing as a theme the environmental issues that are discussed through their photographic productions and reflect the perceptions and experiences of each student about the problem. The intention was to evaluate if there are enough elements to understand that the project has close links with Educommunication. In order to fulfill the objectives, the following procedures were used: bibliographical review to base the concepts pertinent to the work, the data collection through quantitative questionnaire and also through the analysis of the project proposal and the observation and analysis of the actions and the photographic production resulting from the project. The literature review and the data obtained show the importance of formal socio-environmental education, but also as non-traditional actions are important to encourage young people to bring environmental issues to a reality closer to where they live. One of the bases of Educommunication is in the participative production and, therefore, through the analysis of the photographs produced by the students of Click Verde, it was also possible to observe that the interventions of the project favor the strengthening of the concepts of environment by providing through a friendly tool critical discussions which help the preservation of natural resources. At the end, it was possible to affirm that the Click Verde is an Educommunication project, even without having the perception of it, this, because, its actions, the production coming from the workshops and its objectives are aligned with the educative precepts confirming the initial hypothesis of this research.

Keywords: Photography. Educommunication. Environment, University Extension Programs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A primeira fotografia do mundo, hoje conhecida como <i>Point de Vue du Gras</i> , feita em 1826, por Joseph Nicephóre Niépce.....	33
Figura 2 - A primeira câmera portátil de acesso ao público, a Kodak nº 1.	35
Figura 3 - Mapa mostra a proximidade dos bairros atendidos pelo Projeto Click Verde no período de julho a dezembro de 2016.....	85
Figura 4 - Fotografia com indício de queimada.	103
Figura 5 - Fotografia de entulhos de lixo acumulados.	104
Figura 6 - Entulhos e sujeira acumulados em terreno baldio.....	105
Figura 7 - Asfalto esburacado próximo a uma grelha de sarjeta.	106
Figura 8 - Vazamento de água na rua.	107
Figura 9 - Lixo , sujeira e pichação em uma casa.	108
Figura 10 - Acúmulo de lixo em terreno baldio.	109
Figura 11 - Cerca elétrica de uma casa.....	110
Figura 12 - Terreno com indício de queimada.	111
Figura 13 - Lixo descartado em terreno baldio.	112
Figura 14 - Lixo descartado em estrada de chão.	113
Figura 15 - Televisão antiga quebrada jogada no meio da rua.....	114
Figura 16 - Água suja acumulada em buraco na rua.	115
Figura 17 - Fotografia feita durante oficina do Projeto Click Verde.	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classe Social.....	86
Gráfico 2 - Idade	88
Gráfico 3 - Conhece os parques da cidade.....	89
Gráfico 4 - Equipamento para fotografar.....	90
Gráfico 5 - Curso de Fotografia.....	91
Gráfico 6 - O que é meio ambiente	92
Gráfico 7 - Acha que a água pode acabar	93
Gráfico 8 - Necessário separar o lixo	94
Gráfico 9 - Atitude em relação ao lixo urbano	95
Gráfico 10 -Atitude em relação a maus tratos com animais.....	96
Gráfico 11 -Percepção do alunos sobre o que é um problema ambiental.....	97
Gráfico 12 -Sobre a percepção dos alunos do conteúdo ministrado em sala de aula	98
Gráfico 13 -A percepção cotidiana dos alunos sobre problemas ambientais.....	99
Gráfico 14 -Nível de importância dado pelos alunos para o assunto meio ambiente.....	100
Gráfico 15 -Percepção do aluno em relação do meio ambiente e seu modo de viver.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias informacionais.....	22
Tabela 2 - Proposta de Análise Documentária de Manini (2002) incorporando DE, SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA com as alterações sugeridas.....	23
Tabela 3 - Recursos e variáveis para preenchimento da Dimensão Expressiva.....	24
Tabela 4 - Recursos e variáveis para preenchimento da Dimensão Expressiva adaptada ao uso de <i>Smartphones</i>	25
Tabela 5 - Classe Social.....	86
Tabela 6 - Idade	87
Tabela 7 - Conhece os parques da cidade.....	88
Tabela 8 - Equipamento para fotografar.....	89
Tabela 9 - Já tinha feito curso de fotografia	91
Tabela 10 - O que é meio ambiente	92
Tabela 11 - Acha que a água pode acabar.	93
Tabela 12 - Necessário separar o lixo	94
Tabela 13 - Atitude em relação ao lixo urbano	95
Tabela 14 - Maus tratos dos animais	96
Tabela 15 - Percepção dos alunos sobre o que é um problema ambiental.....	97
Tabela 16 - Sobre a percepção dos alunos do conteúdo ministrado em sala de aula	98
Tabela 17 - A percepção cotidiana dos alunos sobre problemas ambientais.....	99
Tabela 18 - Nível de importância dado pelos alunos para o assunto meio ambiente.....	100
Tabela 19 - Percepção do aluno em relação do meio ambiente e seu modo de viver.....	101
Tabela 20 - Análise Documentária da Figura 4	104
Tabela 21 - Análise Documentária da Figura 5	104
Tabela 22 - Análise Documentária da Figura 6	105
Tabela 23 - Análise Documentária da Figura 7	106
Tabela 24 - Análise Documentária da Figura 8	107
Tabela 25 - Análise Documentária da Figura 9	108
Tabela 26 - Análise Documentária da Figura 10	109
Tabela 27 - Análise Documentária da Figura 11	110
Tabela 28 - Análise Documentária da Figura 12	111

Tabela 29 - Analise Documentária da Figura 13	112
Tabela 30 - Analise Documentária da Figura 14	113
Tabela 31 - Analise Documentária da Figura 15	114
Tabela 32 - Analise Documentária da Figura 16	115
Tabela 33 - Analise Documentária da Figura 17	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

ABPEducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

DEA/MMA - Departamento de Educação Ambiental

EA – Educação Ambiental

ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

EDUCOM – Educação pelas ondas de rádio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NCE - Núcleo de Comunicação e Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PRONEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIFACS - Universidade Salvador

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. FOTOGRAFIA: LINGUAGEM, IMAGEM E EDUCAÇÃO	26
1.1. LINGUAGEM VISUAL NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	26
1.2. IMAGEM E PRODUÇÃO DO SENTIDO.....	28
1.3. FOTOGRAFIA	33
1.4. A FOTOGRAFIA E SUA INTERLOCUÇÃO COM A EDUCAÇÃO.....	45
2. EDUCOMUNICAÇÃO	51
2.1. DA EDUCAÇÃO À EDUCOMUNICAÇÃO	51
2.2. BREVE EPISTEMOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO	62
2.3. BREVE EPISTEMOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	69
2.4. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	71
2.5. EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE VALORAÇÃO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS	75
3. ANÁLISE DE DADOS	80
3.1. CLICK VERDE.....	81
3.2. ANÁLISE DA PROPOSTA DO PROJETO	81
3.3. ANÁLISE DA EXECUÇÃO DO PROJETO	84
3.3.1. Análise quantitativa dos questionários	85
3.3.2. Análise documentária das fotografias	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
APÊNDICES	128
ANEXOS	132

INTRODUÇÃO

Como publicitário, sempre estive conectado profissionalmente a área da fotografia, mas talvez por me considerar uma pessoa visual, percebo hoje que a imagem sempre fez parte de toda a minha vida. Então, naturalmente, quando cheguei à docência em 2010, vindo de mais de 15 anos atuando no mercado profissional como Diretor de Arte e Fotógrafo, me cerquei do mundo imagético para atuar como professor e desde então, vejo nas imagens uma forma de conexão com as pessoas.

Diga-se que em nenhuma outra época estivemos tão próximos da imagem e seus textos, hipertextos, significados oriundos das mais diversas mídias que compõem esse universo imagético e virtual trazendo a tona a importância de uma discussão sobre alguns termos como cultura visual, sociedade midiática, comunicação de massa, entre outros que são expressões absolutamente presentes no universo acadêmico o que denota a importância das transformações pelas quais estamos passando e até hoje percebo como apenas comecei a entender a dimensão que as imagens fotográficas proporcionam.

Desde que foi inventada, a fotografia tem uma participação importante e constante na vida das pessoas, seja na sua versão artística, educativa, jornalística ou social. Todavia, se historicamente a fotografia pode ser considerada uma linguagem nova, a produção da imagem como forma de comunicação é algo que remete aos tempos das pinturas feitas nas cavernas por nossos ancestrais no anseio intrínscivamente humano de comunicar.

Percebe-se a fotografia como um lugar comum entre pessoas de diversas culturas e idades, que demonstram uma tendência crescente em se apropriar dessa forma acessível de produzir imagem com finalidade de expressão, de informação ou como registro da passagem da vida humana. Se a fotografia está cada dia mais presente na sociedade (em álbuns impressos e virtuais, nas notícias que lemos, registrando desde viagens incríveis até o que se comeu pela manhã), existe a possibilidade de a educação utilizar tal ferramenta, que tem se tornado cada vez mais democrática em virtude do surgimento de tecnologias que servem de suporte, como as câmeras de telefone celular.

Ainda que a fotografia possa ser vista como uma ciência derivada de outras ciências pelo fato de seus responsáveis virem de diversas outras áreas do conhecimento (KOSSOY, 2001), o seu apelo junto à sociedade atual torna seu estudo uma necessidade latente. Entende-se, inclusive, que a fotografia comporta em si uma gama de possibilidades que podem contribuir pedagogicamente para a reflexão, expressão e sensibilidade em crianças e adolescentes. Tal raciocínio parte do princípio de que para a formação de uma imagem fotográfica é necessário percorrer todas as particularidades de quem a pensa e a produz, resgatando sua bagagem cultural, educacional e ao mesmo tempo promovendo a discussão e a reflexão em quem a aprecia.

Por meio da fotografia, abre-se a possibilidade de que crianças e adolescentes vejam o mundo em que vivem por novos e diversos prismas, e se insiram nele através das imagens que produzem ou vêem. A câmera fotográfica, um equipamento frio como outra máquina qualquer, serve então a um propósito mais humano, tornando-se um instrumento gerador de sentido que excede e transcende sua função original de registro do efêmero, produzindo um conhecimento duradouro.

Considerando ainda que se trata de pessoas na sua infância e adolescência, as fotografias têm ainda a capacidade de, através do lúdico, gerar a empatia e interesse necessários para explorar um assunto técnico como o que foi proposto, a educação ambiental. São uma alternativa para se expressarem, um caminho que permite revelar fatos complexos de serem explicados, tornando-os mais acessíveis e instigantes para a compreensão e obtenção de conhecimento (BUENO, 2012, p. 48).

As linguagens visuais, por seu caráter subjetivo e lúdico, tendem a ser mais afetivas do que as linguagens verbais, que têm se mostrado mais racional e lógica. Quando nos comunicamos através de imagens, podemos entrar em contato com camadas subjetivas, e com temas que possivelmente seriam mais difíceis de serem tratados com uma linguagem verbal. (BUENO, 2012, p.47)

Assim, introduzir no âmbito escolar o universo mais acessível da linguagem visual permite aos sujeitos o poder da transformação ideológica e, considerando as possibilidades da associação de comunicação com educação é possível, usando como ferramenta a fotografia, chegar a uma produção que funcione tanto como técnica quanto como prática pedagógica.

A Educomunicação é uma nova área de reflexão e atuação, que une os campos da Comunicação e Educação com o objetivo de que ambas se auxiliem para minimizar deficiências próprias e aperfeiçoar resultados voltados para o bem comum da sociedade. No Brasil, a construção desta ciência remonta a 1960 com Paulo Freire, que acreditava que a comunicação dava amplitude à educação, e também com o professor Ismar de Oliveira que, em 1970, passou a propor inúmeros projetos de educação por meio das mídias (UBEE, 2015, p.3).

Um ponto importante a ressaltar é a acessibilidade da produção de imagens disponível atualmente, devido às próprias características dos *smartphones*¹ que estão nas mãos das pessoas e cada vez mais presentes nas vidas dos jovens. Como mostram os dados da pesquisa² do suplemento de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgado em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade dos 67 milhões de domicílios brasileiros passaram a ter acesso à internet em 2014 (54,9%), e para efeitos de comparação, em 2013, esse percentual era de apenas 48% o que mostra que o uso do aparelho para acessar a internet ultrapassou o do computador pela primeira vez no Brasil.

Outro estudo³ publicado pela Revista Exame também aponta a importância dada pelo jovem ao aparelho. Para aproximadamente 73% dos brasileiros, o aparelho é tão importante que não saem de casa sem ele e, para os jovens, é o item mais importante a ser levado, à frente de documentos e de dinheiro. Os números apresentados mostram a importância de projetos em não ignorar os *smartphones*, já que estes aparelhos contam com tecnologia de vídeo e a fotografia desde a fábrica.

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que a fotografia é considerada como uma fonte pedagógica ainda não totalmente explorada se considerarmos que

¹ Smartphone é, em tradução literal, "um telefone inteligente". Ele é a evolução do celular. A capacidade de realizar e receber chamadas é "apenas um detalhe" para este aparelho, que permite uma infinidade de possibilidades. Com um smartphone é possível fotografar, filmar, assistir filmes, ouvir música, e em alguns modelos, até ver televisão. Disponível em: <<https://goo.gl/HKQd92>>. Acesso em: 14 jul 2017.

² Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolidou-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil> >. Acesso em: 20 mar 2017.

³ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/dino/estatisticas-de-uso-de-celular-no-brasil-dino89091436131/>>. Acesso em: 20 mar 2017.

os próprios professores ainda precisam se atentar para o seu potencial investigativo e interdisciplinar. Por isso, a mesma se propôs a analisar o Click Verde, projeto de extensão da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) que utiliza a fotografia como ferramenta para a educação ambiental. O projeto, que oferece oficinas a alunos do ensino médio de escolas estaduais localizadas em Campo Grande/MS, tem como objetivo propiciar noções de fotografia produzidas com *smartphones* propondo como temática as questões ambientais, que são discutidas por meio de suas produções fotográficas que refletem as percepções e vivências de cada aluno sobre o problema.

O Click Verde começou no início de 2013 com a proposta de utilizar saídas fotográficas como forma de reconhecer e divulgar os espaços verdes de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O projeto é composto por professores dos cursos de Publicidade e Propaganda e oferece vagas para alunos dos cursos de Publicidade, Jornalismo e Design Gráfico da instituição.

Foram analisadas as ações do projeto Click Verde realizadas de julho a dezembro de 2016. Neste período, o projeto atendeu a duas instituições: a Escola Municipal Elpídio Reis, localizada à Rua Tertuliano Ghermel Cattanei, s/n - Conj. Res. Mata do Jacinto, Campo Grande - MS, e, a Escola Municipal Consulesa Margarida Maksoud Trad, localizada à Rua do Leão, s/n - Bairro Estrela Dalva I, Campo Grande – MS. Ao total, foram contabilizados 25 alunos participantes.

Para dar continuidade à explanação sobre o objeto desta pesquisa, antes se faz necessário revisar brevemente a história da modalidade em que o projeto Click Verde insere-se, a extensão universitária, que a Lei Básica da Reforma Universitária (Lei n. 5.540/68), estabelece que:

[...] as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes (Artigo 20) e instituiu a Extensão Universitária. (FORPROEX, 2012, p.12)

Desta forma, foi delimitado o campo de atuação da extensão universitária e o conceito acabou sendo definido tal como entendemos hoje no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileira como: “[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”

(FORPROEX, 2012, p.15). Ela é vista tanto como um processo dialético como um instrumento que favorece a integração social (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, p.2).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- 9394-96)⁴ estabelece a formação do ensino sob três princípios fundamentais: do ensino, da pesquisa e da extensão. No texto, as universidades devem promover a extensão aberta à comunidade de forma a “difundir conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” por meio de cursos e programas gratuitos ao público que tenha o perfil adequado, sendo que cabe às universidades a decisão sobre a natureza e quantidade de suas atividades de extensão (art. 43, 44, 53).

O objetivo geral proposto pela pesquisa foi analisar se o projeto de extensão Click Verde faz uso intencional de práticas educacionais, ou se suas ações são fruto de coincidência ideológica. Como objetivos específicos, propôs-se a verificação do nível de entendimento do conceito de meio ambiente por parte alunos participantes das oficinas do projeto Click Verde e também a análise das produções fotográficas para verificação da eficácia da atuação do mesmo considerando as metas do projeto.

No decorrer do trabalho que a seguir apresenta-se realizou-se a revisão bibliográfica dos conceitos de fotografia, Educomunicação e educação ambiental, a coleta de dados (por meio de entrevistas, questionário quantitativo e também através da análise da proposta do projeto), e a observação e análise das ações e da produção fotográfica resultantes do projeto, que irão revelar se existem elementos suficientes para entender que o Click Verde tem ligação estreita com a Educomunicação.

METODOLOGIA

Toma-se como base em nosso percurso a teoria de análise documental de imagens proposta por Johana Smit (1987) como método de análise. O comportamento do usuário/pesquisador de imagens é descrito pela autora como

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 abr 2017.

distinto do de alguém que procura um livro. Segundo ela, caso não existam informações sobre o autor ou o título de uma obra literária, mas exista um tópico a ser pesquisado, aquele que as procura ficará satisfeito em obter como resposta o nome de alguns livros que possam relacionar-se com a busca original. Mas, pensando em tal premissa no campo das imagens, essa resposta pode ser muito ampla, ainda mais tendo em vista o tema escolhido por esta pesquisa, que é a Educomunicação com foco em fotos sobre questões ambientais.

A Análise Documentária de Imagens, como a de textos, inicia-se com a leitura do documento fotográfico com fins documentários. Ela requer do profissional da informação um certo conhecimento prévio (um repertório) sobre o conteúdo da fotografia ou do conjunto maior de que faz parte. Isto, contudo, não deve ser condição ou pré-requisito para a efetiva realização da análise. (MANINI, 2002, p. 49)

Exigir exatidão na análise de imagens tende a ser infrutífero, já que mesmo fazendo a descrição das situações, pode-se não chegar ao nível pretendido de especificidade (SMIT, 1987, p. 100). Exemplificando a questão, pode-se solicitar aos alunos a produção de fotografias de ruas sujas e surgirem fotos diferentes sem que a temática esteja totalmente explorada e isso deve ser um ponto levado em consideração quando se faz análise de imagens.

[...] quem trabalha com imagens trabalha com mais detalhes, mais informações e, principalmente, com informações menos evidentes: o que caracteriza um "sorriso meio triste"? E "cabelos meio ralos"? Como descrever e, sobretudo, analisar imagens? Como dar conta deste tipo de material? Com exemplos desta ordem, cabe até questionar se é possível "analisar" imagens... (SMIT, 1987, p.100)

Smit (1987, p.106) também cita a teoria da retórica de imagem⁵ de Roland Barthes ao perceber justamente essa dificuldade de analisar o literal e imagético. O empecilho principal consiste na separação entre a denotação (o que a imagem mostra) e a conotação (o que a sociedade vê ou quer ver, na imagem), sabendo

⁵ A retórica da imagem de Roland Barthes, esclarece que seu objetivo era o de pesquisar se a imagem contém signos e quais seriam estes signos. Para isso, o pesquisador estabeleceu sua própria metodologia, que consistia em postular que os signos a serem encontrados têm a mesma estrutura que a do signo lingüístico, proposta por Saussure: um significante e um significado. (BARTHES, 1990)

ainda que muitas vezes a legenda ou o contexto já nos desvia, sub-repticiamente, para a conotação.

Em função disso, Smit (apud LACERDA, 1993, p.47) categoriza em três, os parâmetros necessários de análise de uma fotografia:

O que a fotografia mostra (Conteúdo Informacional);

Como a fotografia mostra (Dimensão Expressiva);

Onde a fotografia mostra (Objeto Fotográfico).

Essa separação acontece também pela falta de uma sistematização que separe a “forma” e o “conteúdo”. A forma são os dados gerados a partir da produção fotográfica, como: angulação, enquadramento, tempo de exposição, presença/ausência de cor, luminosidade, efeitos etc. A esse agrupamento de dados relativos a forma, chamamos Dimensão Expressiva (SMIT, 1997, p.34). Portanto, Dimensão Expressiva é a parte da imagem fotográfica dada pela técnica: é a aparência física através da qual a fotografia expressa seu conteúdo informacional, é a extensão significativa da fotografia manifesta pela forma como a imagem se apresenta (revelada pela técnica). (MANINI, 2002).

A importância de se considerar a Dimensão Expressiva na Análise Documentária de Imagens está no fato de que o ponto decisivo de escolha de uma fotografia (a partir de um conjunto de imagens recuperadas num sistema de recuperação de informações visuais) pode estar justamente na forma como a mensagem imagética foi construída para transmitir determinado conteúdo informacional (MANINI, 2002, p.88)

Smit (1996) também chama a atenção para o fato de que os procedimentos aplicados à indexação de documentos escritos não podem ser meramente transpostos para a indexação de fotografias pelo simples fato de que o estatuto da imagem fotográfica é diferente daquele do texto escrito e que, além do conteúdo informacional, a Dimensão Expressiva da fotografia deve ser considerada. A autora propõe, inclusive, a seguinte equação: Imagem = Conteúdo Informacional + Dimensão Expressiva.

Nesta pesquisa mantivemos o foco no que diz respeito somente ao conteúdo informacional da imagem e embora a Dimensão Expressiva seja importante no processo de feitura da fotografia, não será feito um julgamento estético ou conclusão

acerca da qualidade técnica da fotografia; ficaremos restritos ao conteúdo e suas categorias informacionais.

A Análise Documentária da imagem recupera as categorias informacionais QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, que também são utilizadas para a análise textual, mas adaptadas ao universo da imagem. Abaixo, apresentamos a tabela de análise proposta por Smit (1996, p. 32) e adotada na pesquisa.

Tabela 1 - Categorias informacionais.

QUEM	Identificação do 'objeto focado': seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex.: Campo Grande, Bairro Nova Lima ou Área Externa de uma Casa)
QUANDO	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex.: junho de 2016 ou dia de verão)
COMO / O QUE	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao 'objeto focado' quando este é um ser vivo (p. ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII)

Na análise individual das fotografias escolhidas dentre as produzidas durante o projeto Click Verde as informações mais importantes serão analisadas a partir da tabela acima, mas embora pertinentes, os dados obtidos ainda não são suficientes para determinarmos a Dimensão Expressiva da imagem (Smit, 1997b), que é algo que deve estar em justaposição com o conteúdo informacional.

A técnica que produz a imagem fotográfica dá valor a Dimensão Expressiva, num caso em que podemos observar a produção interferindo na recepção (daí a importância do ensino da técnica em oficinas de fotografia). Conforme a variação de ângulos, enquadramentos e planos é possível modificar o sentido da fotografia como, por exemplo, nas imagens vistas de baixo para cima em que advogados falam com juízes (que ficam com ar de superioridade) em filmes de tribunal norte-americanos ou no ângulo superior dos olhos de um pai subjugando uma criança (inferiorizada por causa do ângulo da imagem) com seus gritos. Em função disso, o

fotógrafo, ainda que amador, ao definir a técnica faz uma escolha consciente de significados originando a Dimensão Expressiva da fotografia.

Sobre a necessidade de se explicar o tema, Manini (2002) baseou-se em Shatford Layne para definir as categorias de uma imagem (Shatford, 1986), sendo elas: DE alguma coisa (algo concreto) ou SOBRE alguma coisa (o significado da imagem, abstrato). Enquanto o DE é objetivo e consensual, o SOBRE é mais subjetivo, podendo haver consenso limitado devido ao caráter ambíguo que uma fotografia pode ter e, sobretudo, quanto ao repertório daquela que a aprecia ou analisa. O SOBRE é tudo o que não é possível descrever da imagem em si, mas está lá.

Enquanto o DE se ocupará de fazer uma descrição genérica dos elementos pertencentes à cena, o SOBRE será a descrição do “espírito predominante” de uma imagem (FILHO, 2004). O termo DE descreve pessoas, locais, objetos, situações e ações que têm manifestação física; enquanto o termo SOBRE compreende aqueles que descrevem emoções (amor, tristeza) e conceitos/idéias (preservação, verdade, honra, meio ambiente, poluição). Seguiu-se também a orientação de MANINI (2002, p. 103) para fazer uma pequena alteração na tabela: na primeira linha passam a figurar as categorias QUEM e O QUE e na última apenas a categoria COMO já que a autora acredita que a pergunta O QUE está relacionada a um sujeito e o COMO dá uma noção de ação. Além disso, o COMO foi totalmente suprimido, pois trata-se de um campo específico para pessoas, o que para esta pesquisa não é necessário.

Abaixo então, utilizamos a tabela proposta por Manini (2002) com a incorporação do conteúdo informacional e também da Dimensão Expressiva.

Tabela 2 - Proposta de Análise Documentária de Manini (2002) incorporando DE, SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA com as alterações sugeridas.

Nome da Fotografia	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
Categorias			
QUEM / O QUE			
ONDE			
QUANDO			

É importante perceber que o SOBRE não é posto por Smit (1997), de forma individual, a cada uma das categorias. Entende-se que o SOBRE, assim como a Dimensão Expressiva, são sínteses elaboradas a partir de vários conceitos abstratos observados na composição da imagem.

Então para o preenchimento da Dimensão Expressiva, utilizaremos uma tabela de recursos técnicos e suas variáveis para a análise da imagem proposta por Manini (2002, p. 91-92) e que está reproduzida a seguir:

Tabela 3 - Recursos e variáveis para preenchimento da Dimensão Expressiva.

RECURSOS TÉCNICOS	VARIÁVEIS
Efeitos Especiais	Fotomontagem, estroboscopia, alto-contraste, trucagens, esfumação, etc.
Ótica	Utilização de objetivas (olho de peixe, lente normal, grande-angular, teleobjetiva, etc.), utilização de filtros (infravermelho, ultravioleta, etc.).
Tempo de Exposição	Instantâneo, pose, longa exposição, etc
Luminosidade	Luz diurna, luz noturna, contraluz, luz artificial, etc.
Enquadramento	Enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, vista geral, etc.), enquadramento de seres vivos (plano geral, médio, americano, close, detalhe), etc.
Posição da Câmera	Câmara alta, câmara baixa, vista aérea, vista submarina, vista subterrânea, microfotografia eletrônica, distância focal (fotógrafo/objeto), etc.
Composição	Retrato, paisagem, natureza morta, etc.
Profundidade de Campo	Com profundidade: todos os campos fotográficos nítidos (diafragma mais fechado), sem profundidade: o campo de fundo, sem nitidez (diafragma mais aberto)

Entretanto, como o objeto desta pesquisa são somente fotografias feitas a partir de *smartphones*, e que, portanto, possuem limitações e diferenças técnicas na

produção, adaptou-se então os recursos técnicos e variáveis descritos acima, que foram utilizados na análise da pesquisa.

Tabela 4 - Recursos e variáveis para preenchimento da Dimensão Expressiva adaptada ao uso de *Smartphones*.

RECURSOS TÉCNICOS	VARIÁVEIS
Efeitos Especiais	Uso de filtros, aplicativos de edição, fotomontagem.
Tempo de Exposição	Automática, curta ou longa exposição.
Luminosidade	Luz diurna, luz noturna, contraluz, luz artificial, variação de cores.
Enquadramento	Qual o objeto fotografado, utilização de regras de composição.
Posição da Câmera	Alta, baixa, normal.
Composição	Retrato, paisagem, natureza morta, etc.
Profundidade de Campo	Pouca, média ou muita.

Assim, cada fotografia escolhida pela análise será submetida aos seguintes procedimentos: as perguntas da categoria QUEM/O QUE, QUANDO, ONDE e COMO e a grade proposta por Manini (2002), com o conteúdo informacional acrescido da dimensão expressiva.

A pesquisa segue a estrutura: introdução, que faz a apresentação do tema e onde são mostrados conceitos de extensão universitária; primeiro capítulo, em que são apresentados conceitos relacionados a fotografia e linguagem, produção do sentido e interlocução da fotografia com a educação; No segundo capítulo, são apresentados conceitos de Educomunicação, educação, educação ambiental e a Educomunicação como instrumento de valoração das questões ambientais; Já no terceiro capítulo, são detalhado como foram feitos os levantamentos e análise dos dados e os resultados obtidos. Nas considerações finais, estão os argumentos que finalizam esta pesquisa.

1. FOTOGRAFIA: LINGUAGEM, IMAGEM E EDUCAÇÃO

1.1. LINGUAGEM VISUAL NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Estamos cercados por todos os tipos de imagens visuais. Dia após dia, nossos olhos e mentes recebem, com ou sem permissão, uma invasão de estímulos desde o momento em que acordamos, sejam elas em movimento (na forma de filmes, vídeos, ou em fotografias), impressas (em propagandas, notícias em jornais, revistas) ou em um nível ainda mais avassalador, dentro do universo praticamente infinito da internet, que utilizou-se de instrumentos que fazem da fotografia uma ferramenta acessível a uma parcela significativa da população que deseja comunicar-se.

Não é de hoje que o homem busca estabelecer uma comunicação com o outro e também com o mundo que o cerca; isso deve-se em grande parte por ser o homem essencialmente um ser destinado a se comunicar, e esta necessidade fez com que ao longo da história sua criatividade e inventividade buscassem novas maneiras e ferramentas de mediar esta relação. O resultado destes experimentos e inquietações acabaram por formatar a nossa linguagem, composta por signos, símbolos e códigos que expressam nossas ideias, aspirações e conquistas.

Essa linguagem é um campo vasto, com formas e significações diversificadas que nos tornam indivíduos constituídos basicamente por símbolos e uma variedade de linguagens que Santaella (1999) define como uma gama intrincada de formas de comunicação que incluem a linguagem verbal articulada, mas que também podem nos levar até à língua empregada pelos surdos-mudos entre outras formas de comunicação, considerando que todos os sistemas acabam por propiciar uma enorme difusão. Em outro livro, Santaella (2012) traz ainda uma discussão mais intensa sobre a linguagem não-verbal ao atribuir um caráter interdisciplinar ao empreendimento do estudo da imagem distribuindo as discussões em disciplinas como Arte, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Semiótica e teorias de cognição. Essa discussão levou a autora a dividir o mundo das imagens em dois domínios: o das representações visuais por parte de fotografias, cinema, televisão, internet, etc. e o domínio imaterial das imagens que fazemos em nossas mentes relacionados às nossas fantasias, imaginações e representações idealizadas. Domínios que não podem ser separados já que nascem ligados entre si.

Por estas diversas compreensões da linguagem é que Verón (1980) realizou uma análise sobre a compreensão dos textos e das palavras, mas que pode ser trazida em contexto para a compreensão das imagens: para compreender uma frase, devemos ter muitos outros conhecimentos que ultrapassam a análise dessa frase em cada nível linguístico. Devemos conhecer também a referência e o sentido dos morfemas ou das palavras que a compõem; assim, não se pode esperar, neste ponto grande auxílio da gramática. Essas noções constituem o domínio da semântica (Verón, 1980, p. 28)

Possibilitar aos jovens aprender sobre estas significações e sobre a importância de ler e produzir uma imagem é antes de tudo um exercício que a professora Dondis chama de alfabetismo visual, já que a ausência de uma educação estruturada do assunto face ao exaustivo exercício de aprendizagem da escrita deveria ter uma importância igualmente atribuída, já que para a própria autora: "A visão é natural; criar e compreender imagens visuais é natural até certo ponto, mas a eficácia, em ambos os níveis, só pode ser alcançada através do estudo." (Dondis, 1997, p. 16).

Somos constituídos, basicamente por imagens, e ignorar isto como uma ferramenta de auxílio na comunicação com jovens de uma geração que já nasceu com uma compreensão elevada da imagem configura ignorar que a linguagem visual é um aparato sociocultural para uma sociedade comunicativa moderna. E, já que incorporou-se a modernidade ao assunto, em nenhuma outra época estivemos tão próximos da imagem e seus textos e hipertextos, oriundos das mais diversas mídias que compõem esses universos imagéticos e virtuais, trazendo à tona a importância de uma discussão sobre alguns termos como cultura visual, sociedade midiática, comunicação de massa, entre outros que são expressões constantemente presentes no universo acadêmico, o que denota a importância das transformações pelas quais estamos passando.

Antes de tudo, porém, paremos por um instante para lembrar o que McLuhan (2002, p.9) descreveu em sua teoria que afirma que "o meio é a mensagem", e que estamos imersos em uma constante onda de imagens.

Tendo em conta que por mídia não entende-se unicamente os *mass media*⁶ e considerando que as sociedades sempre estiveram mais condicionadas pela natureza de seus *mass media* que pela mensagem que estes lhes transmitem, podemos concluir que quando uma nova tecnologia passa a fazer parte de uma sociedade, satura todas as instituições.

Desliga-se um aparelho, liga-se outro, e quando não estamos sujeitos ao aparato das ruas, lojas, mídias exteriores, carregamos no nosso bolso um aparelho que faz essa mediação de uma forma tão integrada que substitui computador, televisão, cinema e livros e que não facilita, a não ser por uma pura força de vontade de se desconectar, que se desligue deste universo, atraindo nossa atenção para mais e mais imagens, sejam em movimento ou não.

Dessa forma, o conteúdo não está limitado à palavra escrita pois, qual então seria o conteúdo da fotografia se esta não é escrita? É outrossim um processo de pensamento, real, não-verbal em si mesmo com consequências psicológicas e sociais que a mensagem de qualquer meio pode infringir nos seres humanos (MCLUHAN, 2003). Ainda podemos destacar a fotografia como meio “quente”, que são aqueles que suscitam um prolongamento de nossos sentidos, um estado de alta saturação de dados que impulsiona novas indagações (MCLUHAN, 2003), tão necessárias para que os jovens se tornem pensadores e não apenas replicadores do conhecimento adquirido.

Se vemos fotos por todos os lados, elas também vêm a nós, mesmo quando não desejamos, e devemos pensar em quem as escolhe e as coloca em álbuns, revistas, jornais, internet, passando pelo filtro da cultura (BARTHES, 2012).

1.2. IMAGEM E PRODUÇÃO DO SENTIDO

Casasús (1979, p.32), define imagem como: “representação inteligível de alguns objetos com capacidade de ser reconhecida pelo homem necessitando concretizar-se materialmente”. Já no campo da semiótica, as múltiplas definições de

⁶ Conjunto dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.) para difusão de uma mensagem publicitária, ou informativa, em larga escala. Disponível em: <<http://portalmarketing.digital/Mass-Media>>. Acesso em: 10 jul 2017.

Lúcia Santaella evidenciam o caráter da imagem enquanto uma representação por semelhança de um objeto que a própria imagem representa (SANTAELLA, 2002).

Em outro livro, a autora propõe nova discussão sob um ponto de vista ambíguo e polissêmico da imagem, enquanto a sintetiza em três domínios: o das imagens mentais e imaginadas; o das imagens diretamente perceptíveis; e o das imagens como representações visuais, sendo este último o seu objeto de maior interesse, e que foi utilizada nessa pesquisa: “[...] imagens são chamadas de representações por serem criações e produções do homem nas sociedades em que vivem [...]” (SANTAELLA, 2012, p. 17).

Ainda que seja subjetiva, ou que se transforme a cada compartilhamento integrando-se a novas imagens, é possível tornar a imagem uma referência, uma síntese de significados. A imagem, como afirma Boulding, é uma construção resultante de toda a experiência de quem a possui, já que parte da imagem é a história da própria imagem, ou seja, de como ela foi idealizada, pensada e, por último, concebida tecnicamente (BOULDING, 1956). Tal pensamento mostra-se bastante similar ao de Paulo Freire, que compartilhou seu conceito de que a pedagogia do ensinar não pode se restringir à transferência de conhecimento, mas sim à criação de possibilidades para a produção ou construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Na visão de ambos, é mais produtor ensinar a pensar, ao invés de ensinar conteúdos presentes em cadernos.

Novos conhecimentos emergem quando as mensagens se cruzam e se comunicam com a imagem. As mensagens não substituem a imagem - em vez disso, as modificam e as organizam.

Encontrar este processo conjunto pode ser bastante construtivo, uma vez que se trazem as mesmas mensagens, mas de uma nova forma, na esperança de reorganizar e transformar em novas essas mesmas mensagens, agora com uma roupagem mais adequada aos interesses desta geração.

Lutar contra a inserção da imagem e, seria então ir contra a fotografia e em um contexto mais amplo e importante vai apenas gerar a resistência de uma geração acostumada a ela. Ainda assim, não podemos ignorar o fato de que a imagem se mostra como forma de representação subjetiva que se transforma dentro de cada um e que se estende a possibilidades infinitas através das relações pessoais.

Sendo a fotografia uma imagem, ela pode ser a ligação entre objetos e assuntos que integram a realidade externa que é ignorada, podendo se tornar uma referência, uma síntese que apresenta esboços, cores e elementos visuais exibidos simultaneamente com a permissão de explorá-la parte por parte até que chegue à sua totalidade de compreensão. Para Boulding (1956, p.14)⁷: "só nos damos bem no mundo porque nós consistentemente e persistentemente desacreditamos da clara evidência de nossos sentidos. O graveto na água não está dobrado; o filme não é uma sucessão de imagens estáticas; e assim por diante". O que significa que para qualquer indivíduo ou organização não existem "fatos", apenas mensagens filtradas por um sistema que pode ser moldado de modo a termos uma compreensão mais ampla de imagem. Esse entendimento supõe como proposta fundamental que o conhecimento é aquilo que alguém sabe e que pode ser produzido por qualquer indivíduo e que, sem alguém para saber, o conhecimento se torna um absurdo (BOULDING, 1956).

A fotografia pode servir então para dar um auxílio maior a esta linguagem produtora de sentidos. Sua composição a partir de sua própria estrutura e regras contém um texto completo e atual. Apertar a tecla de captura na câmera não é tão somente selecionar uma imagem, mas sim um tipo de comunicação que tem o potencial de confrontar o sujeito com a sua realidade. O teórico francês Patrick Charaudeau igualmente possui um estudo sobre essa lógica de informação e vai ainda mais além ao salientar que cabe inclusive a este enunciador uma compreensão mais aprofundada dos signos para que se possa fazer escolhas mais acertadas na sua intenção de comunicar (Charaudeau, 2012).

Quando a fotografia atua em conjunto aos processos midiáticos, ela participa de suas estratégias ao organizar significados e sentidos cuja finalidade é persuadir. Na visão de Charadeau (2006) que os chamados "efeitos de sentido possíveis" são resultantes do ato fotográfico, os quais podem ou não ser interpretados na leitura da fotografia e que podem, por seu turno, produzir novos efeitos, ainda que o fluxo de comunicação, segundo Peruzzolo (2004), dá-se a partir de enunciador, enunciado e enunciatário. Para o autor as três pontas, diferentemente do entendimento de outras

⁷ Tradução nossa.

teorias, estão em constante interação. São os mesmos elementos que Kossoy (2001) propõe, a diferença é que no caso da fotografia temos: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

Se em cada um de nossos jovens alunos a fotografia produz relacionamentos com tudo que o cerca, cada escolha de assunto pode ser fundamental para estimular ou desestimular certos tópicos para posterior discussão.

Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. Assim, não há meio de recusarmos-nos a ceder às novas relações sensoriais ou ao "fechamento" de sentidos provocados pela imagem. Mas o efeito do ingresso da imagem variará de cultura a cultura dependente das relações sensoriais existentes em cada cultura. (MCLUHAN, 2002, p. 63):

A fotografia pode ser, portanto, mais que metodologia; pode carregar valores e princípios de relações com o conhecimento e com outros seres humanos e o mundo que os cerca. Sobre essa ausência de educação, Mcluhan descreve sobre como as discussões acerca de fotografias apresentam potencial para ser uma das armas de defesa diante dos meios de massa.

[...] até hoje o homem ocidental não se educou nem se equipou para enfrentar os meios com suas próprias armas. O homem ocidental não só se mostra entorpecido e vago em presença do cinema e da fotografia, como ainda agrava a sua inépcia através de uma condescendência e de uma arrogância defensiva despropositais em relação à "cultura popular" e às "diversões de massa". (MCLUHAN, 2002, p. 221)

Questões relacionadas à vida e aos profissionais podem ser melhor entendidas e amadurecidas quando criamos experiências realmente desafiadoras. O autor ainda ressalta sobre o auxílio que a fotografia pode emprestar à mediação da educação.

[...] a completa transformação da consciência dos sentidos humanos por obra da forma fotográfica implica no desenvolvimento de uma autoconsciência que altera a expressão facial e as máscaras cosméticas de modo tão imediato quanto altera nossas posturas, em público ou particularmente. (MCLUHAN, 2002, p. 223)

Essa insatisfação com a falta de percepção em relação à importância da imagem é percebida notadamente quando observamos as organizações sociais e as instituições como extensões de imagens individuais das mentes daqueles que

participam dela. Se imagens sociais são constantemente compartilhadas e causam impacto, devemos fazer uso da mesma ferramenta para distribuir conhecimento em vez de alienação.

Verón (1985) descreve dois campos que devem ser estudados para se compreender melhor a leitura como atividade significativa e processo sociocultural de captura de sentidos: o enunciado (ordem do conteúdo propriamente dito), e a enunciação (modos de se dizer algo); isto é, o discurso na construção de nexos entre a imagem de quem o elabora e também daquele que o consome. Ainda seria possível incluir uma terceira parte para que o estudo fique ainda mais completo, levando em consideração que embora não seja desejável, é possível que as características do enunciador também possam influenciar na construção do enunciado e da enunciação e o autor atenta para a necessidade de distinção entre os papéis "reais" de emissor/receptor e as imagens construídas de enunciador/destinatário - estes últimos, considerados entidades discursivas.

Esta dupla distinção é fundamental: um mesmo emissor poderá, em discursos diferentes, construir enunciadores diferentes, conforme, por exemplo, o alvo visado; pelo mesmo motivo construirá, cada vez diferentemente, seu destinatário. (VERÓN, 2004, p.218)

Pode-se afirmar então que essa dinâmica, em sua essência, é baseada na complementaridade, e consiste em um acordo não consciente alicerçado nas memórias e experiências dos sujeitos que estabelecem relações entre si através do ato comunicativo; este, calcado na troca simbólica de sentidos entre os elementos contidos em textos e imagens. Neste ponto que Eliseo Verón vai além de outros estudiosos como Stuart Hall⁸ já que analisa não somente o nível semântico ou técnico (seja da imagem ou do texto) mas também passa a analisar o nível pragmático. Hall e Verón colocam em primeiro lugar os estudos em relação ao efeito, já que antes que a mensagem tenha um "efeito" (seja qual for a definição dada), satisfaça uma "necessidade" ou tenha "uso", primeiro tem que ser significativa ou decodificada (HALL, 2003a, p. 390), o que não implica em deixar de lado os estudos de efeito, ou pior, em fazer a separação entre estes e os estudos de sentido.

⁸ Stuart Hall foi um famoso teórico cultural e sociólogo jamaicano e uma das figuras fundadoras da escola de pensamento que hoje é conhecida como Estudos Culturais britânicos ou a escola Birmingham dos Estudos Culturais.

1.3.FOTOGRAFIA

A fotografia é a consequência inevitável do deslumbramento do homem diante das imagens (KUBRUSLY, 1982, p.24). Tanto é que em 1826, um cientista de nome Joseph Nicephóre Niépce, após 10 anos de experiências, realizou um experimento que mudou a história da humanidade: pela ação da luz, capturou uma imagem e depois de uma exposição de 8 horas a fixou em uma superfície, registrando o que seria mais tarde reconhecido como a primeira fotografia, ainda que o processo não tivesse recebido este nome (BUSSELLE, 1988).

Figura 1 - A primeira fotografia do mundo, hoje conhecida como *Point de Vue du Gras*, feita em 1826, por Joseph Nicephóre Niépce.



O processo era inovador, mas ainda permanecia inadequado para tornar a fotografia comum a todos, e a descoberta decisiva seria feita um pouco mais tarde por Louis Daguerre (BUSSELLE, 1988, p.30). O salto aconteceu quando Daguerre, em 1835, sensibilizou uma chapa revestida de prata que apesar de não mostrar nenhuma imagem, continha o que conheceríamos como a imagem latente⁹, que permitiria capturar imagens de forma mais rápida e com muito mais precisão. (BUSSELLE, 1988, p. 31).

⁹ Uma imagem que não é visível até que um processamento químico ocorra.

Segundo Kossoy (1989) foi uma invenção que veio para ficar, e que teve e tem até hoje um consumo crescente e ininterrupto, o que acabou resultando em avanços técnicos, que eram artesanais no princípio, mas que foram se sofisticando à medida que este consumo acontecia, particularmente na Europa e nos Estados Unidos, justificando investimentos cada vez maiores em equipamento e materiais sensíveis a luz.

O termo fotografia, no entanto, só viria a aparecer com William Henry Fox Talbot, 1839, na leitura de seu texto intitulado *Notas Sobre a Arte do Desenho Fotogênico, ou processo pelo qual os Objetos Naturais podem ser delineados sem a ajuda do lápis do artista* (KUBRUSLY, 1982, p.30-31). Talbot ainda traria outra contribuição decisiva, tornando possível a impressão a partir de negativos, de imagens exatas e repetíveis.

A fotografia foi definida segundo o significado do seu processo de feitura e suporte para observação a partir da data de produção por Kossoy (1989, p.26) como:

[...] uma representação plástica (forma de expressão visual) indivisivelmente incorporada a seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializaram. Uma fotografia original é, assim, um *objeto-imagem*: um artefato no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido.

No início, todas as técnicas e linguagens fotográficas eram derivadas de outras áreas, mas logo a sua importância para história passou a ser valorizada como afirma Kossoy (1989, p. 14):

A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria um papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.

Naquela época a fotografia já tinha um papel fundamental, pois tinha a possibilidade de trazer inovação e várias possibilidades, como o poder de expressar modos e costumes de povos espalhados ao redor do planeta, o que tornou o mundo mais familiar e preciso.

Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua cópia ou representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua

imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado.
(KOSSOY, 1989, p. 15).

O que antes eram segredos, como por exemplo as expressões culturais de povos distantes, passaram a ser exibidos e documentados pela fotografia. Já era possível de certa forma conhecer um país sem precisar visitar pessoalmente o local. As paisagens urbanas, as religiões, a cultura, e inclusive os conflitos armados eram motivos fotográficos. O mundo se tornava cada vez mais familiar na medida em que a fotografia se tornava portátil. E essa portabilidade, de tornar os prazeres da fotografia acessíveis ao público cabe a uma única pessoa: George Eastman. (BUSSELLE, 1988, p.36).

Figura 2 - A primeira câmera portátil de acesso ao público, a Kodak nº 1.



Em 1888 Eastman inventou um sistema fotográfico no qual a pessoa simplesmente apertava um botão, e tal invento era revolucionário. A Kodak nº 1 era uma pequena câmera (9,2 x 7,9 x 16,5 centímetros) com um rolo com 100 exposições (BUSSELLE, 1988, p. 36) e permitia ao cidadão comum a experiência fotográfica sem as preocupações técnicas que havia até então.

Colocar uma câmera fotográfica nas mãos do cidadão comum, alterava o filtro da produção cultural do mundo. Não eram somente os artistas, os sábios e os letrados os donos das imagens. "Era o início de um novo aprendizado do real, em

função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual e direta dos hábitos e fatos dos povos distantes" (KOSSOY, 1989, p.15).

Em pouco tempo a fotografia começou a produzir outros tipos de imagens. Entre elas, imagens documentando condições subumanas de trabalho e existência. Emergia uma incômoda realidade muito diferente daquela idealizada e registrada pelos pintores. Eram imagens cruas, que pela simples existência impunham alguma providência. Imagens que clamavam contra um estado de coisas que não se podia mais fingir não ver. (KUBRUSLY, 1983, p 11).

Baseado nessa nova linguagem de comunicação Dubois (2007) articulou linhas gerais de estudo da fotografia em três diferentes temas: a fotografia como espelho do real, em que ela é posta como uma imitação da realidade, atribuindo semelhança entre a foto e seu referente; a observação da fotografia como transformação do real, em que a foto é uma "impressão" ou um efeito do real e em que ela não é um espelho neutro, mas um instrumento de análise, de interpretação e que pode ser culturalmente codificada; e a fotografia como um traço do real, que leva a discussão para o objeto e o impacto da sua imagem, da qual não conseguimos nos desvencilhar, mesmo conhecendo todos os códigos de sua formação. Nesta pesquisa, trabalhamos com a segunda linha de raciocínio proposta por Philippe Dubois, pois nota-se a fotografia como fonte transformadora do ambiente em que se está.

Walter Benjamin¹⁰, em texto escrito em 1955, situou a fotografia no mesmo patamar da palavra escrita. Um papel quase semelhante causou a ruptura entre o industrialismo mecânico e a era gráfica do homem eletrônico e atribuiu ao olho humano a capacidade de apreender mais rapidamente, o que acelerou o processo de incorporação da reprodução da imagem (BENJAMIN apud GRÜNNEWALD, 1969). Para quem estuda os meios, a visão de traduzir um sentido para outro como no caso da fotografia acaba sendo uma boa indicação sobre como todos os outros meios ou linguagens também podem fazer exatamente a mesma coisa (MCLUHAN, 2003).

¹⁰ BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: <<https://goo.gl/rM7Z8G>>. Acesso em: 24 mar 2015.

Para Barthes (2012) o assunto é apenas uma parte do processo que começa no *Operator*, que é quem produz, o fotógrafo, que no caso desta pesquisa são os alunos do Click Verde. O tema, o referente, aquele ou aquilo que será um recorte imortalizado da realidade é o *Spectrum*, que no caso do Click Verde são os problemas ambientais e por último, temos o *Spectator* que são aqueles que consumirão a fotografia. Kossoy (1989, p. 22) faz a mesma análise, embora substitua o espectador pela tecnologia de produção.

O produto final, a fotografia é, portanto, resultado da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia em cada época.

Nas três intenções de fazer, suportar e olhar de Barthes e Kossoy, o tema é o que mais toma a atenção, já que é aquilo que percebemos no início, o que vemos de imediato.

É certo que a fotografia é algo que a humanidade aprendeu a respeitar nesses mais de 170 anos de sua origem. Uma demanda que se ampliou ao longo do século XX, ao ponto que é possível contar a própria história da sociedade através das imagens de eventos, transformações sociais e adventos de tecnologia (CIAVATTA; ALVES, 2004). E da mesma forma que a fotografia pode ser utilizada como história, ela tem força para ir além e ultrapassar seu aspecto documental e ser estimulada em função de um tema, como o meio ambiente, por exemplo (CIAVATTA; ALVES, 2004). E, se o fotógrafo tem uma ideia pré-concebida do tema, espera-se que, estimulado, antes de passar pelo ato fotográfico o produtor da imagem faça uma pesquisa, em primeira instância sobre o contexto da imagem e finalidade da produção do corte temático, para depois fazer um estudo mais técnico relacionado ao local, ao equipamento necessário, a luz e as opções que fará relacionadas à estética e às técnicas.

O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal (KOSSOY, 1989, p. 27).

Ainda sobre essa trajetória de produção Kossoy (1989) propõe outros três estágios que marcam a existência da fotografia: a intenção, que pode partir do

próprio fotógrafo ou que pode ser estimulada por uma parte externa; o ato do registro, que envolve a materialização do pensamento em fotografia; e por último, os caminhos percorridos por esta fotografia, que podem ser traduzidos como os espectadores que a viram, as molduras nas quais foi colocada, as mídias sociais em que foi compartilhada. Mesmo com um caminho tão longo, seu conteúdo continuará inalterado, o tempo passa para todos, menos para fotografia.

Dubois (2007), tem um pensamento parecido sobre esta intenção fotográfica quando lança um olhar sobre as escolhas feitas por quem está fotografando. Tal escolha ele chama de *o corte*. Tão importante quanto qualquer aspecto técnico e quanto à escolha do tema (a quem o autor chama de índice), é a escolha do corte fotográfico em que logo suscitam dois aspectos: o corte temporal e o corte espacial. Sobre o corte temporal, Dubois (2007, p. 168) diz que o ato fotográfico não é apenas um recorte do real, mas também deve trazer a ideia de “um tempo que passa” para “um tempo petrificado”, que irá perpetuar a cena, tirando-a do mundo dos vivos, no qual o tempo passa, para o mundo dos mortos.

Essa fração de segundo congelada pode ser extremamente valiosa se for relevante. Esse instante perpétuo pode vir a tornar-se um referencial de discussão e análise se o fotógrafo tiver consciência de que o corte temporal tornará aquele momento único e infinito.

Já sobre o corte espacial, para Dubois (2007, p.178), o espaço capturado deve ser pensado como uma construção de um mundo em que o fotógrafo não irá compor um quadro vazio; em vez disso, ele irá subtrair de uma vez todo o espaço pleno que já está lá.

Além da obviedade da ideia de que estamos selecionando um espaço para retratar, a questão espacial ainda suscita outras discussões, como a importância daquilo que a fotografia não está mostrando, que é tão relevante quanto aquilo que ela de fato revela, o que para este projeto configura-se em um ponto crucial, já que tão valiosos quanto os possíveis problemas visíveis, são as fotografias que mostram a ausência destes mesmos problemas no espaço recortado pelo fotógrafo.

Passando para o campo técnico da produção, a professora Ana Maria Maud estabelece algumas discussões sobre a forma de expressão fotográfica (MAUD *in* CIAVATTA; ALVEZ, 2004, p29-32) que são: tamanho, formato e suporte, tipo de foto, sentido da foto, direção da foto, distribuição de planos, objeto central e nitidez.

Os referidos conceitos são amplamente difundidos como "regras" de composição e podem ajudar na produção da imagem. Trata-se de um sistema que precisa ser desmontado na cabeça de quem vai fotografar, a fim de resultar em um processo de criação em que a imagem é elaborada e construída técnica, cultural, estética e ideologicamente (KOSSOY, 2007).

Embora seja importante o tecnicismo do processo, pensar é fundamental refletir sobre a diferença desse aspecto na linguagem fotográfica para as outras linguagens que a permeiam (desenho, pintura, animação). Na fotografia o assunto obrigatoriamente estava presente, ou seja, se não há manipulação da mesma, a realidade não será simulada, ou uma ficção: será exatamente o que se vê na foto e, transportando isso para a temática da educação ambiental, resultará em que concomitantemente estejam presentes o assunto fotografado e o fotógrafo.

Hoje, a fotografia é considerada com uma a narrativa do mundo atual. São diferentes mundos que podem fazer parte ou não de suas imagens. Elas são importantes dentro da linguagem e resultam de um processo que não começa no momento da captura da imagem, mas, outrossim, é contínuo, envolvendo técnica, estética e ideia, elementos que aos olhos do observador comum podem passar totalmente despercebidos de significados.

Entretanto, é necessário que se compreenda seu papel cultural, sua informação, sua desinformação e até sua manipulação da capacidade de compreensão e emoção (KOSSOY, 2007). A atuação da fotografia é decisiva, assim como a do texto, e as imagens estão diretamente relacionadas às suas intenções, uso e finalidades. Sua produção ficará para a posteridade, um importante documento para conhecermos nossa história, ainda que seja um indício dela mesma. Descobrir os significados das imagens pode ser uma maneira de discutir com os jovens, de um modo mais familiar, em que o contexto eles estão inseridos na nossa sociedade (KOSSOY, 2007).

Para a maioria dos jovens o dia a dia é uma descoberta de novidades que se passam em uma velocidade alucinante. Tudo acontece e é percebido ao mesmo tempo, e é compartilhado de volta sem nem ao menos o mínimo de discussão. Alguns elementos realmente passam despercebidos, como, por exemplo, os problemas ambientais, e talvez falte a eles processar esses pensamentos antes que se tornem alienação superficial.

Dentro desta pressão cotidiana a que estão submetidos, é difícil não pensar que estamos deixando de lado algumas experiências na construção dos saberes. A fotografia, em se tratando do público juvenil, poderia oferecer uma mediação educativa, que, se bem planejada, seria de extrema importância para desacelerarmos, na intenção da valorização da reflexão do olhar. Pode trazer sentido para aquilo que está logo ao lado e que passa despercebido todos os dias.

Sobre a internet, podemos constatar cotidianamente que a rede é parte de quase tudo em nossa vida, e não seria ideal nos privar da sua capacidade e dos dispositivos ao nosso alcance. Estamos conectados, quer esbravejem os críticos ou aplaudam os incentivadores, e esta é uma prática que é necessário que se incorpore ao espaço acadêmico. Os próprios meios de comunicação de massa reforçam essa atitude, ao nos criar vontades e delírios de consumo a ponto de nos flagrarmos desejando ardentemente aquilo que não precisamos comprar.

Ainda assim, é necessário salientar que houve uma mudança de atitude decorrente dos caminhos que a sociedade de consumo tomou. Se a fotografia esteve ligada à experimentação do olhar, ao esmero técnico, à criação artística e aos fatos jornalísticos, devemos entender que alguns produtores de imagens, em certo âmbito, estão agora mais preocupados com a quantidade e com a ostentação do que com a própria concepção da mesma.

Roland Barthes encarava as fotos em que ele era o retratado como uma pequena morte, em que se perguntava constantemente sobre quatro imaginários que se cruzam e se afrontam questionando a existência da foto de si mesmo:

[...] sou ao mesmo tempo aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele que se serve para exibir sua arte. Não paro de me imitar, por isso que cada vez que me deixo fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura. (BARTHES, 2012, p.21)

Se as imagens nos atraem, então é nesse mundo virtual imagético que queremos propagar atitudes forjadas na tentativa de se vender a embalagem de um produto diferente do seu conteúdo. São imagens de coisas que atraem, não de pessoas. Quando são pessoas, na verdade são pessoas vestidas de coisas que queremos ser, ter e viver, anseios que podem inclusive determinar a quais grupos se pode ou não pertencer.

Podemos dizer então que o desejo de aprender a fotografar não está apenas ligado ao desejo de evoluir o olhar, de aprender a ver o mundo de uma maneira diferentes dos demais, mas sim, de obter recursos para a captação de atenção.

Sob esta ótica, as imagens se tornam fundamentais no processo de tornar as pessoas objetos de idolatria. Em face a este ponto, é perceptível que os jovens têm tendência a classificar seus pares em determinados grupos, incluindo-os ou excluindo-os das atividades cotidianas dependendo da marca do modelo dos aparelhos de *smartphone* que possuem. Sendo assim, a fotografia seria uma forma de diminuir esse comportamento, uma vez que a atenção da ciência é centrada no olhar, e não no que é usado para a captação. Mesmo assim, é preciso que se observe a presença dessa velocidade de compartilhamento no nosso dia a dia.

É nessa linha de raciocínio que esta pesquisa caminha, abraçando o intuito de mostrar a fotografia, particularmente aquela feita com *smartphones*, como ferramenta para melhorar e reforçar o entendimento da temática de educação ambiental. Tal condição, em certo ponto, é contraditória ao entendimento do MEC de afastar os *smartphones* de sala de aula com o pretexto de que o mesmo atrapalha o andamento das atividades.

Sobre essa cultura visual impregnada no dia a dia dos jovens e permeada pela falta de sentido produtivo, Ratto (2012) alerta que na nossa sociedade o uso do signo visual para comunicar e atrair o olhar pode levar trivialidade ao tema e que a reprodução constante de imagens repetitivas pode esvaziar o sentido inicial. Calvino (1990, p. 212), muito anteriormente a esta pesquisa, já havia atentado para o surgimento da cultura visual e para o que a quantidade exagerada de estímulos poderia produzir na sociedade: "Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo". Ou seja, as imagens parecem mais cegar, do que revelar o olhar.

Ainda sobre o vazio da produção, Bauman (2012), coloca que a identidade de consumo e produção social garantem que tipo de ser eu cada um é e permite que esse "eu" se ampare com outros iguais a mim na tentativa de alcançar um "nós" que pode ficar em segurança, livre de ansiedades. O autor relativiza a rapidez com que as ideias aparecem e desaparecem sem a chance de ao menos serem entendidas da maneira correta. Junte-se a isso toda uma cultura de imagens que foram

produzidas sem nenhuma reflexão e teremos um cenário de produção do sentido cada vez mais sem sentido.

A Professora Rosa Maria Bueno Fischer faz relação entre a velocidade e o acesso que essas tecnologias podem proporcionar e a criação de uma geração sem tempo, que passa muitas horas por dia se relacionando através de computadores e dispositivos, ocupando-se de uma produção que de fato não produz nada a não ser pessoas cada vez mais sem tempo (FISCHER, 2008). É justamente na direção desta perspectiva que a presente pesquisa discute como é possível melhorar o aprendizado de jovens que podem ter suas realidades modificadas através de uma linguagem que lhes é familiar e que, ao mesmo tempo que tem um enorme potencial, é pouco discutida e refletida por eles mesmos.

A escola precisa sair de sua zona de conforto e incorporar esses dispositivos de produção tecnológica para dentro de suas paredes. Não é uma questão de transformar em espetáculo, de construir salas, laboratórios, colocar os alunos para usarem computadores, mas de aprimorar a conexão professor-aluno ao fazer com que uma linguagem seja amigável para ambas as partes envolvidas no processo. Este é o mundo deles e o ensino da fotografia digital como mediadora de assuntos importantes pode ser uma ponte muito frutífera no fortalecimento da imaginação e da discussão reflexiva, ao contrário de ser apenas mais uma tecnologia alocada em um espaço de técnica e repetição. A escola precisa ser espaço crítico, e essa crítica também tem que ser direcionada para os próprios professores discutirem a importância de experimentar outros modos de relação com a produção e o consumo de imagens. Todavia, entende-se também que esse rompimento com anos de história e de pedagogia consagrada pode ser muito difícil no contexto atual da educação brasileira.

Melucci (1997) traz à tona a reflexão sobre como se tornaram líquidos os nossos tempos e como reagimos a essas mudanças. Os jovens tomam os adultos como exemplos, mas nesse caso seríamos nós os alunos já que são eles que podem ser os professores de uma sociedade que precisa aprender ainda com suas próprias mudanças. Na visão de Farias (2006) é necessária uma mudança de atitude urgente. Se as transformações trazem mudanças na produção, nas experiências e na identidade, devemos abraçar essas novas vivências para que não sejam

excluídas das escolas a ponto de ignorarmos a conexão que elas fazem com a própria compreensão da sociedade atual.

Para os envolvidos esta é uma tarefa diária, pois além de caminhar em direção a uma mediação mais precisa, precisamos estabelecer um diálogo mais próximo com estas linguagens e possibilidades. A juventude caminha a tal velocidade que sempre nos trará surpresas e diversidades diante de propostas diferenciadas. A educação para um mundo da visualidade e da imagem fotográfica é um caminho de experimentação de sentidos que pode ao mesmo tempo trazer luz a assuntos importantes, mas que diante de uma cultura da instantaneidade, pode gerar um vazio de percepção. São tantos os estímulos que o ato de pensar pode se transformar no ato de consumir, impedindo de maneira específica a capacidade de transferir a técnica fotográfica para o verdadeiro objetivo: propiciar uma comunicação atraente. Pode-se afirmar até que a composição da produção fotográfica é diferente dependendo do seu dispositivo de produção, mas o ato em si continua o mesmo desde sua invenção, com as mesmas características, e, se bem trabalhadas, ainda passíveis de contemplação e espanto.

Barthes (2012) reforça isso quando afirma que a fotografia é uma mediadora da relação com as imagens de uma forma próxima à criatividade e à imaginação. Nesta linha de raciocínio também buscaremos estabelecer uma relação, fazendo do processo uma experiência rica em estética e conteúdo e capaz de obter uma resposta ainda mais satisfatória na percepção do jovem sobre o ato de pensar.

Barthes (2012) encontrou nas imagens uma dicotomia entre os aspectos racionais e emocionais da fotografia, entre aquilo que despertava seu interesse de maneira geral, e aquilo que especificamente lhe espetava, lhe feria, lhe impactava. Do seu aspecto racional, encontrou o que chamou de *studium*, um elemento que carrega culturalmente dentro de si e que permite interpretar uma imagem de maneira geral, sempre associada aos elementos pertencentes a nossa cultura. Ao elemento emocional, aquele algo inexplicável que nos atrai em qualquer foto, chamou de *punctum*, numa tentativa de traduzir o que lhe causava a observação de certas imagens, “[...] parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar (...) é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere). Vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso” (BARTHES, 2012, p.32-33).

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discutí-las em mim mesmo, pois a cultura (com quem tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. (BARTHES, 2012, p. 33)

Essa dualidade na interpretação perfaz nossas relações com a fotografia, que vão se alterando e modificando: ou notamos as intenções racionalmente, ou nos aflijimos e nos perdemos na temática para logo após nos encontrar envolvido emocionalmente com ela. Trabalhamos aqui com a noção de que o mundo é tão gráfico e violento na apresentação das imagens aos seus públicos que o *punctum* termina por perder seu impacto na imagem ao competir em um universo de filmes em três dimensões, óculos de realidade virtual e experimentações tão imersivas que uma "simples" fotografia, mesmo com toda essa densidade de pensamento, acaba por passar despercebida aos olhos juvenis.

Por isso, se ficarmos somente restritos ao *studium* em uma leitura fotográfica óbvia, rasa e técnica, e, ainda que não seja descartável, é restrita, pois é somente o início da compreensão maior que virá a seguir com o *punctum*, que é aquela que vai trazer o real sentido da produção fotográfica.

Ferrara (1999) faz uma conexão com o *punctum* de Barthes quando vê a fotografia como uma forma de revelar a maneira como um indivíduo percebe a mensagem, sendo que se a imagem não puder exercer sobre ele alguma emoção ou conexão, ela poderá demonstrar o quanto o observador conhece sobre a temática abordada.

Por isso trazemos para a discussão Silveira & Alves (2008) que acreditam que a fotografia seja um instrumento adequado a ser utilizado em trabalhos de educação ambiental. Também a identificam como uma modalidade artística capaz de estimular a integração de indivíduos com o meio ambiente de maneira lúdica, criativa e atraente, “pois o contato com a fotografia pode permitir que coisas esquecidas ou nunca vistas sejam percebidas, educando o sujeito para a imaginação e para um olhar multifacetado que vai além da imagem cristalizada que se tem naquele momento” (Ibid, p. 142). Assim, a fotografia torna-se instrumento a ser utilizado em sala de aula a partir do ato de fotografar - pois ele trará a percepção do fotógrafo - até a análise pelo olhar de uma segunda pessoa que somente visualiza a imagem,

visto que este indivíduo também descreverá suas sensações e sentimentos sobre aquilo que a fotografia representa.

Não basta apenas a compreensão da importância, é necessária uma imersão maior no assunto e os jovens são papel fundamental nesse processo, vez que nos ensinam a todo instante, pois nasceram já submetidos a mudanças constantes. O que para nós é um evento a ser percebido, para eles é um cotidiano trivial. O tempo e o pensamento também são duas questões pertinentes, tanto no universo das culturas juvenis como no da fotografia. Ambas imortalizam questões para as futuras gerações e a escola tem sido cada vez mais um espaço destas retomadas e discussões. Verón (1989) coloca a fotografia como uma estratégia que foi amplamente utilizada pela imprensa ao apresentar ao público o que se entende como um fato. Se a compreensão das palavras fica a cargo do leitor, a fotografia presencia o instante, o real acontecimento que não deixam margens para opiniões.

Não é fato novo que as fotografias ou as imagens de uma maneira mais abrangente sempre tiveram uma finalidade, mas logo elas, que são tão familiares, tão complexas na escolha do recorte temático, acabaram por muitas vezes sendo reduzidas ao “gosto ou não gosto”, que simplistas no entendimento, eram traídas pelo ser humano nas questões do sentido. Mas este pensamento não está relacionado com o nosso conforto de observação pela estética, já que em uma concepção disciplinar a fotografia está conectada a outras questões tão reconhecíveis como a arte e o cinema, e agora, às animações gráficas e à internet.

Ressalta-se ainda que, mesmo com todas estas áreas possuindo divergências de técnicas específicas relacionadas a sua linguística e a sua feitura e com sua hibridização, é possível perguntar se, com tantas conexões com outras áreas do conhecimento imagético, esse hibridismo é de fato real ou se esse entrelace está muito mais ligado ao dispositivo do que propriamente à técnica de uma ou de outra.

1.4.A FOTOGRAFIA E SUA INTERLOCUÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Como já exposto, atualmente há uma proliferação massiva de fotografias veiculadas pela mídia pelo uso de várias tecnologias que dificultam ao observador a absorção e o processamento tamanho o número de informações visuais que nos impactam. Mas, segundo Costa (2005) foi com o estudo da semiótica e

particularmente com "o desenvolvimento dos meios de comunicação e em especial das tecnologias de registro de imagens, como a fotografia e o cinema, que abriu-se espaço para o estudo sistemático das imagens" COSTA (2005, p.20), tal observação é ainda mais pertinente hoje em dia, com a proliferação dos *smartphones*.

Dentro deste contexto da sociedade, a população - particularmente os jovens e as crianças - estão em uma posição de maior vulnerabilidade em relação aos meios de comunicação, às mídias sociais e ao compartilhamento indiscriminado de imagens. Silva (2010) pondera que tal discurso pode ser persuasivo em todos os sentidos, sendo carregado de ideologias e que, ao expor seus conceitos, as pessoas não são apenas convencidas, mas consideram estes ideais como verdadeiros e únicos. Fontana (*apud* Novaes, 1988) ainda faz um alerta sobre o domínio das imagens e sobre como este excesso nos impede de realmente aprendermos a ver.

Se em algum momento passamos de uma sociedade estritamente verbal para a escrita, é possível verificar que estamos cada vez mais apoiados nos signos imagéticos e que, sendo assim, precisamos pensar com certa velocidade na educação do olhar como um requisito para que as mensagens imagéticas e seus sentidos e significados não se percam devido à quantidade das mesmas.

Ver imagens é um ato que deve ser aprendido e ensinado, e que a presença da imagem no cenário de produção, circulação e consumo da cultural local e global expressa também um duplo sentido: o de mediação e o de objeto da aprendizagem. (CARLOS, 2011, p.16)

O uso da imagem na educação brasileira não é fato novo e remonta dos tempos do Padre Anchieta em 1759. Naquela época, em suas missões históricas (no que hoje é o estado de São Paulo), o padre jesuíta utilizou o recurso para educar e catequizar índios, colonos e estrangeiros (CARLOS, 2011); podemos afirmar que ao longo da história o uso da imagem foi ganhando proporções cada vez maiores até enraizar-se na nossa cultura de maneira intensa e diversificada. Essas práticas chamaram a atenção dos profissionais de educação que a pressupunham com uma função mediadora do pensar e do fazer educativo e que poderia ser direcionada na constituição dos sujeitos socialmente desejados (CARLOS, 2011).

Essa preocupação também foi alvo de discussão de Ghedin (2008) que direcionou sua pesquisa a fim de refletir e compreender a utilização da imagem em ambiente pedagógico. Ele defendia seu uso como auxílio da aprendizagem na

transformação do abstrato em concreto e vice-versa. Não por acaso, que nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia¹¹ publicadas em 2006, tenham sido colocados as seguintes competências do pedagogo (Art. 4, Parágrafo único, VII):

Relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didáticos-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Uma das questões que podem ser discutidas acerca dessa abordagem é que hoje quaisquer instrumentos com características da escrita são tidos como únicos portadores das mensagens nos processos de comunicação. Carlos (2002) faz uma ressalva, colocando que essas implicações acabariam por excluir totalmente outras produções que não tivessem os mesmos códigos. Se o texto for o centralizador do conhecimento, tudo o que estiver fora deste campo será ignorado e excluído e, neste escopo de exclusão encontra-se a fotografia.

Por isso a escola tem uma grande tarefa pela frente, que é a de possibilitar a essas e às novas gerações uma preparação em direção à produção crítica da imagem, bem como seu consumo em face das novas tecnologias de acesso a elas. Barthes (2005) considera que vivemos cercados de imagens, mas que, no entanto, ainda não sabemos quase nada sobre. O autor relaciona ainda seus questionamentos sobre a imagem com as perguntas feitas pelo paradigma da comunicação de Harold Lasswell¹² e propõe: O que é? O que significa? Como age? O que comunica? Quais são seus efeitos prováveis e inimagináveis?

Essas perguntas fazem parte de um contexto de época, de descoberta da ciência por trás da imagem e da fotografia na busca pela análise, pesquisa e uma ação resultante. Podemos, contudo, observar que, embora tenham se passado vários anos destas perguntas, a pedagogia ainda é relutante em atuar em favor destes questionamentos, não com o objetivo de dar respostas definitivas, mas de discutir e evoluir.

¹¹ Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 20 fev 2017.

¹² O modelo comunicativo proposto em 1948 indica que o ato da comunicação resume-se em responder às seguintes perguntas: quem (emissor), diz o quê (mensagem), através de que canal (meio) com que efeito? (efeitos/resposta).

Apesar da imagem e da fotografia só aparecerem na construção do conhecimento de forma marginal, as escolas têm feito algum uso pedagógico como uma alternativa viável para a formação de subjetividades e identidades. Como afirma Carlos (2008): "a pedagogia da imagem se compromete com a compreensão, análise e investigação crítica do mundo codificado nas múltiplas plataformas de signos e de linguagens visuais". O próprio Paulo Freire (1999) destaca que antes de ler nós vemos o mundo e que não há palavras neste mundo que estamos vendo. Ainda é preciso considerar que cada aluno, cada turma, tem sua própria dinâmica e tempo de aprendizado e interpretação da escrita, o que não modifica o fato de querer se expressar para auxiliar em sua compreensão de mundo. Quem está nele e interage com ele já é um produtor de conhecimento e cultura, não importando o meio que esteja utilizando para isso e a escrita por si só pode não ser suficiente para atender as múltiplas linguagens se vivemos em meio a uma cultura visual. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós a partir do modo como estamos situados (BERGUER,1999).

Também é importante desconstruir o termo "cultura visual" em dois acontecimentos. Em relação à cultura, utilizaremos definições de Carlos (2011): A primeira é "que a cultura são todos os artefatos gerados por meio da inteligência e criatividade humana, possíveis ao atendimento de suas necessidades de sobrevivência e de sociabilidade", sendo "um acontecimento peculiarmente humano" (CARLOS, 2011, p. 56). Cristina Costa, em seu livro Educação, Imagens e Mídia (2005) ao analisar a importância da imagem na cultura humana, destaca:

O observador que contemplar A Última Ceia fará uma leitura mais profunda da obra se conhecer a bíblia e se souber que o pintor foi Leonardo da Vinci, filósofo e cientista, um dos maiores nomes do Renascimento, movimento artístico que buscava aproximar as divindades da condição humana, fazendo-as encarnar nossas ansiedades e sofrimentos. Desse modo, em meio à racionalidade expressa na disposição espacial da cena milimetricamente construída, ele poderá "ver" [grifo do autor] a comoção que perpassa os personagens, produzida pelo anúncio da morte próxima do mestre e da traição de um dos presentes à ceia (p.33)

Mesmo sendo uma defensora da linguagem visual na educação, Costa (2005) destaca que o uso exige planejamento e aprendizado, o que faz com que o docente

invista um tempo ainda maior para aprimoramento e estudos, o que, no cenário da educação brasileira, pode ser uma realidade muito difícil de ser alcançada.

O segundo ponto trata do termo “visual” que, ainda nas palavras da mesma, autora pode ser definido como aquilo que "simboliza um aspecto da cultura - o de toda a região da cultura humana que pode ser objetivada, exteriorizada e interiorizada visualmente" (CARLOS, 2011, p.57). Temos que entender que possuímos duas visões, uma natural, que provém do nosso órgão do sentido e outra cultural, que depende de um reconhecimento intrincado de significados e sentidos, valores e concepções dentro de determinadas sociedades e em dados momentos históricos. Cultura visual seria então o conjunto formado por essas produções possíveis de serem vistas, sentidas, representadas e valorizadas por quaisquer meios de artefatos culturais visuais - como fotografias por exemplo, objeto desta pesquisa. Afinal, a produção do fotógrafo, seja ele, amador ou profissional, não acontece apenas no momento do registro, mas também em sua significação. Nesse sentido Costa (2013, p.23) afirma que:

[...] a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada, iluminista e burguesa, centrada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento, e outra, globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forme hegemônica os meios audiovisuais.

Santaella (2012), entende que não se deve manter uma visão purista, restrita e condicionada ao saber somente escrito já que ao longo da história nós expandimos nosso escopo para outras linguagens, como a visual.

A escola, mais que um local de conteúdo, deve ser social e proporcionar a mediação do conhecimento também através da visualidade. Se nos livros didáticos as imagens já estão presentes há muito tempo, bem como constam também dos *slides* apresentados pelos professores em suas aulas, ainda existe uma escassez do uso da linguagem fotográfica como prática pedagógica e falar de fotografia em sala de aula tem um sentido muito mais amplo do que o destas práticas já reconhecidas. Trazer a cultural visual para dentro de sala de aula é também fazer uso de fontes amadoras e de fontes profissionais e, porque não, também do próprio docente, que com seu olhar crítico acerca do ambiente irá refletir sobre o aprimoramento da sua

visão de mundo. Mesmo assim, diante de um cenário contrário e amplamente avesso, algumas experiências significativas¹³ já foram realizadas com a inserção da fotografia em contexto educacional, mas faz-se a ressalva de que a maioria destas experiências relatadas são derivadas de produtos jornalísticos, como o fotojornalismo, jornais impressos e jornais murais.

Costa (2013, p. 84) também apresenta diversas possibilidades para o uso da fotografia como instrumento da educação na ilustração, fonte de conhecimento, descoberta, atenção e memória, entre os quais destacamos:

- a) **Apresentação de temas:** é possível introduzir novos temas que sejam motivadores e suscitem questões relacionadas ao que queremos informar.
- b) **Ilustração de um tema:** após ideias introdutórias é possível que uma sequência de fotografias permita a visualização de aspectos particulares do estudo.
- c) **Exercício de fixação:** as imagens possibilitam exercícios importantes de fixação de conceitos em que a análise e visualização de imagens permitem estudar detalhes e casos especiais.
- d) **Pesquisa:** a fotografia pode ser utilizada de duas maneiras diferentes - propor ao aluno procurar em jornais e revistas imagens que falem do assunto tratado ou através da produção do próprio aluno que com a sua câmera faça o registro de imagens do tema.
- e) **Exercício de avaliação:** a produção fotográfica permite ao professor avaliar o aprendizado do tema e capacidade crítica do aluno.

Diante do exposto, surge a urgência de novas experiências didáticas que não apenas gerem rompimentos, mas que sirvam realmente como uma ponte mais contemporânea entre o ensino e o conteúdo. Assim, as sugestões acima podem ser ainda mais eficientes se a própria linguagem fotográfica for tema de uma prática educativa. Por isso, uma oficina de fotografia pode propiciar aos alunos uma evolução do pensamento e da função dessas imagens. Dentro dos princípios da Educomunicação, sobre os quais explanaremos a seguir.

¹³ Ver o artigo "Fotografia de imprensa em sala de aula: usos e reflexões" de José Roberto Gonçalves disponível em < <https://goo.gl/5GVUDT> > último acesso em 03 jan 2017.

2. EDUCOMUNICAÇÃO

2.1. DA EDUCAÇÃO À EDUCOMUNICAÇÃO

Ao mesmo tempo em que a chamada revolução da informação¹⁴, em curso desde meados do século XX, teve consequências em todas as formas de relações sociais, houve uma mudança significativa de um sistema de educação para uma sociedade de educação, com saberes e até modos de produção compartilhados. Nesta rede educativa, em que não há idade ou lugar para aprender, qualquer espaço utilizado pela comunicação, seja pequeno como uma câmera de celular ou grande como a internet, são espaços passíveis de formas de aprendizagem.

Diante do contexto histórico presente no século XXI, a comunicação adquiriu um papel fundamental na socialização e difusão de informações ao homem. Porém o aumento em progressão geométrica dos conteúdos em circulação tem gerado impactos para os receptores positiva ou negativamente. (DA SILVA; PACHECO; RUTHS, 2016, p. 2)

A escola pode perder sua hegemonia de lugar exclusivo de legitimação do saber, mas tão pouco designa à família a exclusiva responsabilidade pela formação de crianças e dos adolescentes, que também são intermediadas pela mídia e pelos meios. A educação, agora é múltipla, difusa e descentralizada (BARBERO, 2014), e essa reconfiguração além do tradicional é a mudança que a comunicação relega ao sistema educacional.

A ideia de união entre comunicação e educação já é antiga e segundo Soares (2012) alguns autores contribuíram para constituir a formação do campo que leva em consideração vários escritos, oriundos de diferentes áreas do conhecimento (SOARES, 2012). Por isso, aproximar a educação de uma sociedade profundamente alterada pelos meios de comunicação de massa, pela globalização e por todas as transformações dos sistemas de produção passa primeiro pela compreensão da

¹⁴ A revolução da informação faz parte do conceito das três ondas de Alvin Tofler, sendo que a primeira onda caracterizou-se pelas atividades agrícolas, pelo fluxo material e a força física. A segunda onda, veio com a revolução industrial e o acúmulo de riquezas. A terceira onda, é a revolução da informação, em que flui o conhecimento e a criatividade. (TOFLER, 1995)

comunicação, da educação e de uma cultura fortemente ligada pelas tecnologias de informação.

O entendimento da mudança do protagonismo juvenil escolar passa também pela própria necessidade de buscar compreender como essa nova educação está tirando da escola seu soberanismo como detentora do saber.

A escola deixou de ser o lugar por excelência do aprendizado. Verificamos hoje que o ambiente educacional constitui um espectro difuso, desprovido de centro, um ambiente que assume a forma de um “ecossistema comunicativo” dinâmico, indiferente aos ritmos institucionais e que faz circular uma grande multiplicidade de saberes e proporciona diferentes formas de aprender. (ALVES, 2007)

O termo “ecossistema comunicativo”, grifado pela autora acima, dá uma ideia de como a educação está envolvida em algo muito maior do que a aquisição de conhecimento. O termo também é utilizado por Soares (2005) para definir o processo de Educomunicação, pois é através da cultura que a comunicação e a educação se entrelaçam e isso não quer dizer propor uma educação instrumentalizada, mas que a comunicação venha a assumir um papel mais central nesses processos educativos (SOARES, 2002).

Os mesmos princípios que norteiam essa nova educação e a Educomunicação não podem ser dissociados também da prática de extensão no que diz respeito ao acesso à produção e à difusão da informação na alteração da realidade e em outros campos como: a consciência social, diálogo e cidadania, nas relações entre sociedade e seus indivíduos. (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, p. 2). Ainda é necessário elencar outros princípios que contribuem para guiar as ações extensionistas independente da ferramenta ou da disciplina utilizada como: a alteridade, a consciência social, o diálogo, a integração social, a cidadania, as relações colaborativas entre sociedade e indivíduos, o processo educativo como espaço público, a aprendizagem como processo coletivo e a democratização das mídias, que são também os ideais buscados pela Educomunicação (Domingos da Silva, 2009) e pela nova educação.

A proposta da Educomunicação é auxiliar a educação “pela” comunicação e não “para” ela. Assim, as ferramentas midiáticas são postas em uma perspectiva mais ampla, pois não seria o objeto de estudo – este é constituído pelas pessoas e

como elas se relacionam com as mídias (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, p. 3).

Embora no exterior o termo seja traduzido como “educação para mídias” (como no francês “éducation aux médias” ou no inglês “medias literacy”) e sejam considerados equivalentes, o conceito no Brasil, modificado para o nome de Educomunicação, é apreciado de uma forma mais aberta que vai além de propor uma leitura crítica das mídias, indo de encontro ao ecossistema comunicacional exposto anteriormente e propondo uma ligação mais próxima com o popular, que rejeita o processo linear de comunicação composto apenas por um emissor e um receptor (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, P. 3).

Mario Kaplún faz uso do termo educador para designar o profissional que desenvolve essa articulação entre educação e comunicação, ajudando a consolidar o conceito no Brasil (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, P. 8). O pensamento de Kaplún está apoiado fundamentalmente nos conceitos educacionais de Paulo Freire ao propor uma comunicação educativa. Dessa forma, ele se diferencia dos modelos que são voltados ao conteúdo e ao papel do professor como único detentor do conhecimento e o expande para um modelo centrado nos efeitos e nos processos. Enquanto os dois primeiros são externos, o último é voltado para dentro, para o sujeito. (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012, P. 8).

Nesse modelo interno, a troca é o ponto fundamental, pois o que importa é a problematização da realidade. Erros são considerados parte do processo e a solidariedade e cooperação são valorizadas (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012). Esse modelo parece muito próximo das práticas extensionistas que pautam-se pela mudança de uma realidade e pelas trocas de experiências. O formato possibilita que a educação seja um processo contínuo no qual o sujeito pensa, produz e transforma a sua própria realidade.

Paulo Freire também acreditava que somente o diálogo comunica verdadeiramente e com sua pedagogia voltada para a autonomia aborda justamente esses conceitos, ao romper com os padrões puramente baseados nas posições hierárquicas dos seus atores e no saber centrado no professor. (FREIRE, 1977)

A ideia de Freire (1977) é uma educação com liberdade, sem que o professor seja uma figura centralizadora que venha a impor conceitos e práticas aos seus alunos unicamente pela sua posição em sala de aula e pela sensação de saber tudo

enquanto seus educandos não sabem de nada. FREIRE (1978, p.14) alertou inclusive sobre o risco assumido pelo educador ao colocar-se neste papel onipotente no qual ele deposita seus métodos inteiramente nos livros.

As cartilhas, por boas que sejam, do ponto de vista metodológico ou sociológico, não podem escapar, porém, à uma espécie de “pecado original”, enquanto são instrumento através do qual se vão “depositando” as palavras do educador, como também seus textos, nos alfabetizados. E por limitar-lhes o poder de expressão, de criatividade, são instrumentos domesticadores (FREIRE, 1978, p.14).

Sua proposta então é que as propostas pedagógicas evoluam para além dos livros e do conteudismo para uma educação baseada em trocas, exatamente como firmam hoje as práticas extensionistas e os conceitos primordiais de Educomunicação, com transmissão de ideias por uma via de mão dupla, com cada participante exercendo ativamente essa liberdade de produzir conhecimento sem restrições, isso porque se os tempos são diferentes, os alunos também não são mais os mesmos, conforme observado por Ketzer;Scortegagna (2013, p. 5):

A educação contemporânea precisa trabalhar com uma nova realidade da comunidade discente. Os alunos não mais trazem para a escola uma mente passiva e receptiva às informações que serão ensinadas pelos professores. Eles irão trazer à aula uma mente repleta de informação adquirida pelos diversos meios que os rodeiam em seu dia a dia, e, por isso, sendo um tanto avessos a um conteúdo fechado e sem o ritmo e a dinamicidade que o contexto contemporâneo imprime em suas culturas individuais.

Seria interessante que a educação agisse por todos os lados possíveis, colocando o aluno em contato com informações durante toda a sua vida, e com o advento e massificação do uso da internet, esse processo se torna ainda mais necessário, já que todos os assuntos estão literalmente ao alcance de um clique. (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 111).

Silva; Pacheco, Ruths (2016, p. 2) reforçam essa visão de educação e explanam sobre como os meios de comunicação fazem ou deveriam fazer parte da vida escolar do aluno juntamente com as tecnologias que as acompanham. Afirmam ainda que há um consenso a respeito da contribuição destas ferramentas para auxiliarem em um conjunto de atividades que contribuem para a aprendizagem e para as práticas sociais envolvendo ambientes comunicacionais e a cidadania.

Soares (1999, s/p), um dos maiores expoentes da Educomunicação no Brasil, indica Paulo Freire (1825-1997) e seus pensamentos sobre a capacidade de diálogo dos processos de comunicação como um dos grandes incentivadores das práticas educacionais ao fazer um levantamento histórico dos educadores que influenciaram a prática da Educomunicação.

Há muito, pioneiros vêm tentando esta façanha. Desde os anos 30, com a consolidação da radiodifusão, teóricos como Anísio Teixeira lembravam a necessidade de incorporar os meios de informação aos processos educativos. Nos anos 50 e início dos 60, o rádio foi usado por Paulo Freire em seu projeto nacional de alfabetização de jovens e adultos, através do MEB – Movimento de Educação de Base. (SOARES, 2004, p.2)

Segundo ele, a prática também sofreu influências dos textos do psicólogo Burrhus Skinner (1904-1990) e sua contribuição das tecnologias de informação mecanicistas que são utilizadas na educação desde os anos 1950 e do pedagogo Célestin Freinet (1896-1966), que defende o uso do jornal como veículo de expressão para crianças e adolescentes. Ainda sob a ótica de Soares é relevante a contribuição nesse contexto do já citado educador Mário Kaplún (1924-1998), com seus estudos sobre a relação da comunicação com os processos educativos. Neles, Kaplún propõe que a educação e a comunicação sejam utilizadas para propagar ações de estímulo-reflexão nos alunos, a fim de que criem uma visão mais crítica dos meios. Kaplún considera que este método de leitura crítica, irá gerar um receptor ativo e analítico de informações veiculadas pela mídia massiva, exemplificando essa concepção ao abordar as mudanças de olhar que ocorrem com práticas educacionais. (KAPLÚN apud PEREIRA; COUTINHO, 2014, p. 2).

Paulo Freire, além do pioneirismo na temática, mostra que a percepção dos problemas de comunicação em comunidades agrícolas¹⁵ agregam um valor enorme na análise da palavra “extensão”, fazendo a ponte para palavra transmissão (FREIRE, 1977) e permitindo assim uma reflexão sobre a importância que a comunicação exerce sobre a educação e a extensão, sendo vital para ambas.

¹⁵ FREIRE, P. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 1977.

No caso do termo em questão, essa atitude de Paulo Freire mostrou-se crucial para determinar o curso das ações do projeto Click Verde e pautar suas atividades diante dos seus alunos, já que a prática do diálogo e da colaboração mútua, contraposta a um cenário contemporâneo de competitividade e egocentrismo, dá oportunidade para uma prática sincera de compreensão do outro e do lugar em que se vive.

Outra importante contribuição para a visão da nova educação que estabelece a simbiose entre comunicação e educação vem de Orozco (1997) e de seu pensamento centrado na análise do comportamento da sociedade diante de um ambiente cultural em que não se percebe a disposição por parte da escola em repensar seu papel tradicional. Alves (2007) complementa esta postura resistente da escola em entregar o protagonismo do saber e recorre a algumas indagações que Martin-Barbero faz aos educadores a fim de demonstrar o abalo que a educação sofre por conta destas mudanças sociais.

[...] que atenção estão prestando as escolas, e inclusive as faculdades de educação, às modificações profundas na percepção do espaço e do tempo vividas pelos adolescentes, inseridos em processos vertiginosos de desterritorialização da experiência e da identidade, apegados a uma contemporaneidade cada dia mais reduzida à atualidade, e no fluxo incessante e embriagador de informações e imagens? Que significa aprender a saber no tempo da sociedade informacional e das redes que inserem instantaneamente o local no global? Que deslocamentos cognitivos e institucionais estão exigindo os novos dispositivos de produção e apropriação do conhecimento a partir da interface que enlaça as telas domésticas da televisão com as laborais do computador e as lúdicas dos videogames? Está a educação se encarregando dessas indagações? E, se não o está fazendo, como pode pretender ser hoje um verdadeiro espaço social e cultural de produção e apropriação de conhecimentos? (ALVES *apud* MARTIN-BARBERO, 2007, p.13)

A educação formal, contudo, continua a resistir às inovações e as iniciativas no campo das tecnologias no ensino e não empolgam nem legisladores, nem núcleos formadores de professores, as Faculdades de Educação (SOARES, 2004, p.2). Martin-Barbero (2014), contudo, tem uma ressalva sobre essa afirmação e postura de resistência e observa que, de modo geral, a escola na América Latina está em crise já há algum tempo e, principalmente, os colégios públicos encontram-se desacreditados pela população e pela imprensa, necessitando também de renovação.

[...] nem nossos governos nem nossos pedagogos especializados parecem ter percebido que a educação já não é concebida a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial quanto temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual as idades para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um [...]. Estamos passando de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua. (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 121)

A solução então proposta por Jesús Martín-Barbero é fazer a escola desistir desta postura e abraçar novas práticas de saber que já fazem parte do dia-dia das crianças e dos jovens. (ALVES, 2007, p. 13).

[...] que a escola – da primária à universidade – pense menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios, e mais no ecossistema comunicativo que configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e trama de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o do trabalho, entre o espaço privado e o público, penetrando de forma já não pontual – pela imediata exposição ao, ou em contato com, o meio – mas transversal a vida cotidiana, o horizonte de seus saberes, gírias e rotinas. (ALVES *apud* MARTÍN-BARBERO, 2007, p.13)

No entanto, apenas incorporar ferramentas e novas tecnologias enquanto se perpetuam as mesmas práticas consistiria em nenhuma mudança de fato. Uma das vantagens da Educomunicação é utilizar essas ferramentas para incentivar o protagonismo juvenil.

A Educomunicação visa incentivar ações de protagonismo juvenil no campo da interface entre comunicação e educação, levando a pensar as relações entre comunicação e educação do ponto de vista da responsabilidade social¹⁶, e não apenas em relação à utilização das mídias para o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos. (DA SILVA; PACHECO, 2016, p. 2)

¹⁶ Para uns é tomada como uma responsabilidade legal ou obrigação social; para outros, é o comportamento socialmente responsável em que se observa a ética, e para outros, ainda, não passa de contribuições de caridade que a empresa deve fazer. Há também, os que admitam que a responsabilidade social seja, exclusivamente, a responsabilidade de pagar bem aos empregados e dar-lhes bom tratamento. Logicamente, responsabilidade social das empresas é tudo isto, muito embora não sejam, somente, estes itens isoladamente. (VIEIRA, Roberto F. *apud* Zenisek, 2007, p. 27)

Por isso, novos equipamentos não trazem novos significados por si só; é preciso que a escola entenda seu papel nessa evolução e também compreenda que a comunicação tem função fundamental no ambiente cultural e social atual.

As tecnologias não são neutras, mas constituem hoje enclaves de condensação e interação de mediações sociais, conflitos simbólicos e interesses econômicos e políticos, pelo que elas fazem decisivamente parte das novas condições de narrar. (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 111).

Trazer a educação para próximo da dinâmica dos meios de comunicação é justamente descentralizar a produção do conhecimento do sistema educativo atual, em que governam somente escolas e livros. (MARTIN-BARBERO, 2001).

Fazer Educomunicação não é, portanto, simplesmente levar textos midiáticos para a sala de aula, a fim de usá-los como substituto dos livros didáticos no ensino de tópicos como a gramática ou mesmo a geopolítica e a história. Tampouco, trata-se da exibição de filmes ou apresentação de sites como ilustração de conteúdos trabalhados nas aulas expositivas. (ANDRADE-DUVERNOY; RÉGNIER, 2012)

Martin-Barbero (2014) mostra a desconstrução da linguagem como ação para a tecnicidade midiática e como estratégia cultural na escola, pensando formas de torná-la um espaço saudável de conflitos de culturas – (MARTÍN-BARBERO, 2014). Sua reflexão é acerca de como os meios tecnológicos são repudiados na escola e como às vezes são considerados como uma incultura. Para o autor, um exemplo disso é a descentralização da cultura em que a ordem tradicional das etapas do saber dá lugar ao modelo de circulação, compartilhamento e interação que os meios audiovisuais, o videogame e o computador promovem em crianças e adolescentes (MARTÍN-BARBERO, 2014). Essas são mudanças históricas e culturais fundamentais que fazem repensar a linguagem e as narrativas utilizadas, e a escola precisa entender, ao invés de estigmatizar (MARTÍN-BARBERO, 2014).

Isso não significa o desaparecimento da escola como espaço do discurso de seu tempo, mas demonstra a necessidade de transformação desses saberes sem lugar-próprio para que as formas de aprendizagem possam atualizar-se diante do novo modelo de comunicação escolar e também do ecossistema tecnocomunicativo.

A aplicação educacional pretende também criar e fortalecer ecossistemas comunicativos nas escolas. Um ecossistema educativo consiste no sistema de troca recíproca de saberes e ideias entre todos os participantes do círculo que formam o ecossistema

comunicativo: alunos, pais, professores etc. (KETZER; SCORTEGAGNA, 2013, p. 4)

Tal ecossistema é abordado por Martin-Barbero nas análises dos progressos da educação, nas novas formas de fazer, perceber, sentir e se relacionar com o mundo contemporâneo e como isto traz diferentes interpretações da percepção e consumo da cultura nos fluxos de informação atuais. (MARTIN-BARBERO, 2002). Como é um dos mais proeminentes estudiosos da comunicação contemporâneos, é importante notar que seu trabalho se relaciona muito com o trabalho de Soares (1999) quando este promove a releitura desse ecossistema para firmar o campo da Educomunicação.

Para Soares (2012, s/p). "importa ressaltar o entendimento de que as linguagens e códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso represente". Ou seja, o ponto principal não são meramente ferramentas de comunicação, mas como os indivíduos fazem uso delas e como estas estão inseridas na sociedade.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) também reflete sobre a produção contemporânea que, segundo o órgão, é "essencialmente simbólica" e necessita do "domínio de linguagens como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos", e ainda sugere uma educação mais cuidadosa com as linguagens, que abandone o conteudismo e passe a adotar uma forma mais interdisciplinar de ensino (BRASIL, 2000, p. 20).

O MEC revela o valor dessas atitudes ao considerar essas relações "relevantes para práticas sociais e produtivas e a inserção do aluno como cidadão em um mundo letrado e simbólico" (BRASIL, 2000, p. 19)). "Temos, assim, como aceito por um órgão definidor das políticas públicas da educação, que os processos e procedimentos comunicativos possibilitados pela linguagem são uma garantia de participação ativa na vida social" (SOARES, 2012).

Um rápido apanhado histórico mostra que desde os anos 1930, quando da chegada da televisão já existiam algumas discussões sobre como a comunicação e a educação se instalaram no Estados Unidos e que em 1960 Paulo Freire já indicava que a educação é um processo comunicativo em sua essência. (KETZER; SCORTEGAGNA, 2013, p. 4).

Mas o conceito de fato só passou a ser disseminado com o nome de Educomunicação de forma concreta em universidades e na sociedade científica a partir de 1970. No Brasil, esse reconhecimento foi ainda mais tardio e somente em 1998 com documento do MEC intitulado “O Novo Ensino Médio” é que o conceito ganharia mais força e popularidade entre educadores e instituições, fazendo aparecer projetos e promovendo o nome do profissional como aquele capaz de diagnosticar, coordenar e elaborar projetos que envolvam a inter-relação entre educação/comunicação (KETZER; SCORTEGAGNA, 2013, p. 4).

A Professora Rose Mara Pinheiro fez um importante trabalho de levantamento das origens da Educomunicação no Brasil. Em sua pesquisa, citou a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) como uma das fontes mais importantes na evolução do campo da Educomunicação.

No mesmo levantamento, no período que compreende 1989 a 1991, Pinheiro (2013, p.21) demonstrou o surgimento de um curso de especialização intitulado Comunicação e Educação. O objetivo era o desenvolvimento de profissionais críticos aos meios de comunicação ao mesmo tempo em que postulava sobre o papel educador desses meios.

Em outra ação da ECA/USP, em 1994, abre-se a turma de Pós-Graduação, Lato Sensu junto ao Laboratório de Gestão de Processos Comunicacionais. Em paralelo, nasce o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) e a revista Comunicação e Educação, que seria o primeiro periódico do Brasil, que tinha como temática central, a discussão, análise e investigação de questões relacionadas a comunicação/educação (PINHEIRO, 2013, p.21).

Também na USP foi realizada entre 1997 e 1998 uma pesquisa pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) em parceria com pesquisadores da Universidade Salvador (UNIFACS), que analisou a inter-relação da Comunicação Social com a Educação oferecendo uma definição de uma categoria de profissional, à época emergente, como sendo um Educomunicador (SOARES, 1999). A hipótese inicial da pesquisa era de que existe um campo com espaço já conquistado e autônomo de intervenção social de "Inter-relação Comunicação/Educação", ou simplesmente Educomunicação. O campo não é tratado como uma nova disciplina, mas sim como uma nova área do conhecimento, com paradigmas discursivos transversos, com conceitos transdisciplinares (SOARES, 1999).

A pesquisa de Pinheiro (2013) também levantou outras ações, incluindo o 1º Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, em 1998 na cidade de São Paulo. O NCE viria a se notabilizar ainda mais entre 2001 e 2006 ao prestar consultoria para projetos dos mais diversos níveis, entre governo e iniciativa privada.

A contribuição do núcleo é tão marcante, que acabou por originar políticas públicas do tema, como a Lei Educom¹⁷, que regulamentou o Programa EDUCOM - Educomunicação pelas ondas do rádio, instituído no Município de São Paulo pela Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004. Logo em seu Art. 2º a lei define a prática da Educomunicação como sendo:

[...] a inter-relação entre processos e tecnologias da informação e da comunicação e as demais áreas do conhecimento e da vida social, ampliando as habilidades e competências e envolvendo diversas linguagens e formas de expressão para a construção da cidadania (SÃO PAULO, 2005).

A lei, que foi direcionada à formatação de um projeto de Educomunicação radiofônico, regulamenta que a prática educacional será desenvolvida por meio de projeto com objetivos entre os quais se destacam dois: possibilitar a alfabetização midiática da população e ampliar o acesso da população atendida pelo sistema de educação e cultura do Município às tecnologias da informação e da comunicação (SÃO PAULO, 2005).

Por fim, Pinheiro (2013, p.23) traz a criação do projeto da Licenciatura em Educomunicação em 2007. Segundo a autora, a "iniciativa comprova, reconhece e legitima o fenômeno educacional, que nasceu fora do meio acadêmico, ao longo dos últimos 50 anos".

Destaca-se de todos os responsáveis pelas ações da ECA/USP citadas aqui, incluindo a pesquisa de perfil profissional, o professor Ismar de Oliveira Soares, um dos idealizadores do campo no Brasil e que levou a prática da Educomunicação para as salas de aula. Seu trabalho no desenvolvimento de projetos de educação por meio de mídias chegou a ser adotado como prática pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (PINHEIRO, 2013). Hoje ele ocupa o cargo de presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores e

¹⁷ Disponível em <<https://goo.gl/ZjfP3b>>. Último acesso em: 03 mar 2017

Profissionais em Educomunicação - ABPEducom além de ser o Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sendo uma das principais - senão a principal - figura da Educomunicação do Brasil na atualidade.

2.2. BREVE EPISTEMOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO

Antes de definir o termo, primeiro é necessário embasar em quais alicerces a Educomunicação se apoia como prática educativa. Soares (2012) construiu linhas de articulações teórico-práticas como pontos de contato e de aprofundamento do diálogo entre a educação e o sistema de ensino e que são de importância teórica para entender como a Educomunicação é pensada. São elas:

- Pressupostos divididos em dois axiomas: o primeiro, que entende que a educação só é possível mediante ação comunicativa; o segundo, que afirma que toda comunicação é em si uma ação educativa.
- Educomunicação como campo de interface: no sentido de que uma mídia ou formato (como o da fotografia) é livre para produzir e divulgar o que convém na formação de hábitos e valores de seus públicos.
- Educomunicação nos distintos âmbitos da prática educativa: Coloca sua presença na gestão escolar e no âmbito disciplinar e transdisciplinar.
- Formação de professores adaptados a todas as evoluções inerentes do mundo da comunicação e das novas tecnologias.

Estas, porém, não são as únicas correntes disponíveis para um entendimento da interface da Educomunicação. Soares (2014, p.141), também se utilizou de contribuições de outros autores na busca por uma epistemologia mais completa do campo. Os trabalhos de professores como Jorge Huergo por exemplo, analisam a Educomunicação por uma visão antropológica da cultura latino-americana, enquanto Maria Aparecida Baccega e Adilson Odair Citelli, identificam na linguagem e na construção dos significados a amálgama do novo campo. Já para Roberto Aparici, a Educomunicação ganha densidade na era digital com as práticas da educação midiática.

Mas a definição do termo de maneira mais abrangente é trazida a esta pesquisa a partir dos trabalhos do Núcleo de Comunicação e Educação da

Universidade de São Paulo (USP) que definem Educomunicação como sendo um campo que atua na interface entre os tradicionais domínios da educação e da comunicação. Suas práticas podem vir a servir como um caminho de renovação social que tem por objetivo amplificar a maneira como as pessoas podem se expressar, particularmente na infância e na juventude. (SOARES, 2012).

Uma ciência que fala de pessoas, de relacionamentos, de liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo. (SOARES, 2012)

Sua base conceitual visa integrar as práticas educativas ao estudo dos sistemas de comunicação, de modo a construir uma convivência positiva e crítica entre alunos e mensagens midiáticas. Sua aplicação prática fortalece os ecossistemas comunicativos nas escolas, facilitando a troca recíproca de todos os que participam dela: alunos, pais, professores, comunidade. (KETZER; SCORTEGAGNA, 2013, p. 4). Mas, além de desenvolver o senso crítico, a Educomunicação é uma forma eficiente de democratização da comunicação, uma vez que “quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático, quanto mais ligado às condições de sua circunstância” (FREIRE, 1985, p.95).

A ponte com as atividades extensionistas é assim demarcada, já que esta privilegia a parceria entre a universidade e o ensino básico, com contribuições relevantes que alterem a realidade de uma comunidade. Assim, a Educomunicação também se caracteriza no campo extensionista já que prevê interação da produção do conhecimento entre a universidade e as diferentes camadas da sociedade, sempre atenta às relações comunicacionais e educativas visando com foco na cidadania (DA SILVA; PACHECO, 2016, p. 3).

A Educomunicação pode então ser vista como a maneira através da qual os meios de comunicação podem ser inseridos no ambiente educacional, e um caminho possível para esta inserção seriam as atividades extensionistas, desde que a ideia central de qualquer projeto de Educomunicação proposto, fique em torno de ferramentas tradicionais de comunicação (TV, Jornal, Fotografia, Internet, etc.) a fim

de promover uma discussão e reflexão sobre o papel do ser humano em sua sociedade a partir de uma perspectiva que o coloca como agente de comunicação. Em Tassara (2008), encontramos uma definição a cerca destas práticas na Educomunicação.

Processo de comunicação com intencionalidade educacional expressa e que envolve a democratização da produção e de gestão da informação nos meios de comunicação em seus diversos formatos, ou na comunicação presencial. Educomunicação pode ser definida, também, nas práticas educativas que visam levar à apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação, por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação. (Tassara, apud Brasil, 2008, p. 9)

A partir dos pontos abordados até aqui entende-se que a Educomunicação tem, por princípio, a formação crítica de cidadãos e que esta por sua vez busca (às vezes de maneira teórica e outras vezes de maneira prática) na comunicação uma base para dar algo além de voz e liberdade de expressão: gerar também um amadurecimento crítico diante dos espetaculosos meios de comunicação de massa.

Através da Educomunicação também seria possível transformar o sujeito de receptor passivo da informação para um emissor com pensamentos próprios já que, ao desconstruir as mensagens dos meios de massa, também estamos desconstruindo aquelas que são orientadas para o comércio e a persuasão e sendo esta linguagem midiática muito ligada aos conceitos de comunicação estamos propriamente fazendo o trabalho de transformar o receptor (KAPLÚN, 1996).

Para exemplificar algumas atividades práticas que podem ser realizadas na direção dessa desconstrução, Soares ([2004]) definiu um conjunto de ações possíveis a Educomunicação:

- a) Realizar a integração das práticas educativas no que se refere à observação do papel exercido pelos meios de comunicação na sociedade buscando formas positivas de colaboração, sem se deixar manipular pelos mesmos.
- b) Fomentar a criação de ecossistemas comunicativos na escola que permitam uma maior integração e promoção de um ambiente aberto e democrático para a relação entre direção, professores, alunos e também

para a relação entre a escola e a comunidade. Uma prática que vai contra os formatos autoritários e unilaterais da comunicação.

- c) Realizar a melhora na capacidade de expressão e comunicação das ações educativas em um processo que visa ser um facilitador tanto na aprendizagem quando na expressão dos integrantes.

Em entrevista, SOARES (2010) afirmou que a Educomunicação é muito mais do que apenas uma metodologia de ensino e que por suas características interdiscursivas acabam abrangendo muitos significados, de modo que tentar se chegar a uma única definição seria equivocado. Em vez de retidões teóricas, observa-se que a ilustração das atitudes demonstrada entre fatos e relatos, contribui para o entendimento de como a sociedade incorpora e implementa o conceito há mais de 60 anos.

Embora o que tenhamos visto até agora seja promissor como campo de atuação e apresente muitas possibilidades didático-pedagógicas, a Educomunicação vem sofrendo forte resistência. Não apenas porque rediscute os formatos tradicionais, mas também graças aos notórios¹⁸ baixos índices¹⁹ de avaliação do ensino básico, o que fazem da prática uma atividade secundária face ao empenho em aumentar a quantidade de horas de estudos em matemática e português (SOARES, 2013).

Quem sofre não é apenas a Educomunicação, outras disciplinas essenciais podem padecer do mesmo problema. O Professor Ismar de Oliveira Soares alerta para esta resistência:

Testemunhei, pessoalmente, em capitais brasileiras, resistências de gestores públicos a projetos que faziam uso de recursos audiovisuais sob a desculpa de que “distraem os alunos”, necessitados de “concentração” para dar conta das expectativas conteudistas dos exames nacionais de avaliação. (SOARES, 2013, p. 131)

Como todo novo campo de trabalho, a Educomunicação também exige amadurecimento teórico e técnico por parte de seus defensores. O campo tem potencial não para substituir, mas para transformar a construção do conhecimento

¹⁸ Disponível em <<https://goo.gl/Wfio1i>>. Último acesso em 06 jan 2017.

¹⁹ Disponível em <<https://goo.gl/l11jms>>. Último acesso em: 06 jan 2017.

tradicional em uma maneira mais participativa de se chegar a novos conhecimentos através de olhares e posições críticas.

Mas estas posições só surgirão a partir da relação entre a comunicação e a educação sob a perspectiva de dar a um público receptor passivo as ferramentas para transformá-los em sujeitos capazes de lidar com os meios de comunicação de massa, tanto na interpretação como receptores, no crítico olhar como emissores, na realização de produções individuais ou coletivas que promovam diálogos através de ferramentas mais acessíveis a fim de desenvolver não só o intelecto crítico, mas o cidadão.

A relação entre educação e comunicação é bastante complexa. Uma pluralidade de meios educativos se apresenta para o educador poder fazer escolhas conscientes e apropriadas. Numa era da informação, os meios educativos se multiplicaram, impregnando toda a cultura. A informação está generalizada e a cultura dominante em todas as esferas da vida social tornou-se perigosamente midiática. Digo “perigosamente” porque a tentação da sociedade atual é tornar-se espetáculo, entretenimento. Os meios passam a ser considerados como fins. Costumo dizer que temos muitos meios de comunicação e pouca coisa para comunicar de relevante. Os meios são usados muito mais para emitir comunicados do que realmente para comunicar. Diante desse quadro, a tentação do educador é de se afastar dos meios, perdendo uma grande oportunidade de empoderar sua práxis. (GADOTTI, 2005, p. 23)

Gadotti (2005) ainda defende a diversidade, de forma que a prática educacional não fique focada no melhoramento do que já existe, mas sim, que se faça uma democratização de vários meios, particularmente os educacionais.

O que importa, portanto, na educação, não é tanto melhorar um único meio de educar, aperfeiçoando-o ao máximo. O que importa é colocar à disposição dos educadores e dos educandos uma multiplicidade de meios. São tão necessárias as bibliotecas quanto as videotecas, os laboratórios, os panfletos, a televisão, o rádio, o vídeo, a Internet, o CD e o DVD. Quando se fala de inclusão digital, precisa-se discutir de que inclusão estamos falando. Não significa simplesmente ter acesso, democratizar o acesso. É fundamental discutir para quê, a favor de quem, o quê. (GADOTTI, 2005, p. 23).

É neste contexto de interdisciplinaridade que a fotografia funcionaria com uma linguagem que pode interagir, estimular e modificar uma pessoa que já está acostumada à produção de imagens. Seu campo naturalmente multidisciplinar, aliado às facilidades possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico, sobrepõe-se aos formatos que habitualmente os jovens conseguem na educação dita tradicional.

Porém, mesmo com estas disposições, ainda é preciso avaliar em qual área de atuação se encaixa o objeto desta pesquisa e se suas características podem ser percebidas como práticas educomunicativas.

Um primeiro ponto seria definir o campo de atuação do projeto e nesta questão Soares (apud PINHEIRO, 2013, p. 28-29) traz o campo da Educomunicação para além da recepção crítica e propõe uma intervenção dividida em cinco áreas de atuação:

- a) Expressão comunicativa: Trata-se do esforço de grupos em buscar novas formas de expressão que superem a escrita. O que se busca, contudo, não é simplesmente a melhoria no desempenho dos indivíduos, mas o resgate de seu poder comunicador ou de sua capacidade de expressão;
- b) Educação para a comunicação: centrada nos esforços sistemáticos de educadores, no sentido de colaborar com os usuários dos meios massivos, na formação do que Paulo Freire denominou “consciência crítica”, frente às mensagens editadas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa;
- c) Mediação tecnológica nos espaços educativos: voltada para a identificação da natureza da interatividade propiciada pelos novos instrumentos da comunicação e para a democratização do acesso às novas tecnologias, desmistificando-as e colocando-as a serviço de toda a sociedade;
- d) Gestão da comunicação nos espaços educativos: caracterizada pela abordagem sistêmica das relações entre os recursos da comunicação e as atividades humanas, garantindo o planejamento e a implementação organizada dos recursos da informação, de modo a assegurar a eficácia na construção dos ecossistemas comunicativos;
- e) Reflexão epistemológica sobre o campo da Educomunicação, que inclui a pesquisa e a avaliação sistemática, destinadas a compreender a complexidade das relações entre comunicação e educação.

Outro ponto seria estabelecer claramente se os objetivos do projeto de extensão que é objeto de análise desta pesquisa estão em comunhão com os objetivos comuns mínimos propostos por Soares (apud PINHEIRO, 2013) na questão da prática dos projetos educomunicativos:

- a) O 'empoderamento' das pessoas para se expressarem e, portanto, para se apropriarem dos recursos midiáticos, a partir do seu ponto de vista e dos seus próprios projetos e interesses;
- b) A aplicação do diálogo entre os agentes no processo educativo, com a promoção das capacidades e habilidades preexistentes, mas pouco desenvolvidas, tendo como resultado o uso cada vez mais intenso das novas tecnologias e de novas linguagens na interação humana e grupal;
- c) A formação dos agentes educacionais para a mediação social de conflitos e para a promoção de valores de solidariedade social;
- d) A ampliação da capacidade dos agentes culturais para a discussão de temas transversais e próximos ao cotidiano social;
- e) A promoção da gestão participativa dos processos comunicativos.

A própria Convenção Internacional Sobre os Direitos da Criança²⁰, aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1989, recomenda através do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, recomendou que a sociedade brasileira adotasse medidas que garantam o estímulo à liberdade de expressão de crianças e adolescentes. Nisto, observa-se que desde aquela época já existia um dispositivo legislativo que impulsionava as práticas de Educomunicação como uma das boas práticas de discussão para novas políticas públicas.

Essa discussão proporcionada pela Educomunicação, que entrega nas mãos de educandos e educadores as rédeas reflexivas e práticas acerca dos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que questiona os conteúdos produzidos pelas mesmas, vai possibilitar a diminuição do impacto das mensagens ao mesmo tempo em que coloca nas mãos dos jovens a produção de um novo conteúdo. Isso reitera uma prática com potencial pedagógico de mudança social. A prática traz novos olhares ao campo educacional e uma discussão sobre as posições ocupadas hoje por professores enquanto autoridades inquestionáveis do conhecimento.

Esse estímulo deve ser permanente e contínuo, nos mesmos moldes estabelecidos pelas periodicidades dos veículos de comunicação. Entretanto, a

²⁰ Disponível em: < <https://goo.gl/Gg74Wh>>. Acesso em: 15 ago 2017.

diferença pode advir dos formatos interdisciplinares proporcionados pela Educomunicação. É possível estabelecer inclusive uma dinâmica entre parceiros e escolas na promoção dessas atividades, com um complementando o outro.

O professor se ocuparia, por exemplo, dos aspectos tradicionais da educação na formação dos conceitos de meio ambiente, e poderia, através de atividades alternativas como as oficinas de fotografia, estabelecer nova dinâmica que auxiliasse na fixação do conteúdo, de forma inclusiva, democrática e autônoma já que serão os alunos os protagonistas e produtores desses produtos midiáticos.

Só a palavra Educomunicação, por si só, já tem em seu significado a formação do cidadão crítico em relação à mídia, especialmente à televisão²¹. Além disso, se separarmos a palavra, encontraremos um neologismo com três conceitos: educação, comunicação e ação. Sob esta perspectiva de objetivos claros, mas não simples de serem interpretados e atingidos, pode-se afirmar que a Educomunicação já é uma realidade com fundamentação teórica e com forte apelo interdisciplinar.

Observa-se que o objetivo da Educomunicação será sempre proporcionar uma aproximação entre os campos oferecendo uma alternativa estimulante através de atividades que promovam a integração dos alunos com a comunidade em que residem, discutindo seu papel e sua participação nas mudanças da sociedade.

A função da comunicação é inalterada e permanece a mesma daquela voltada aos fins comerciais, mas agora pode ser utilizada com um formato aplicado aos produtos oriundos da produção dos alunos. Diante do exposto, a Educomunicação se torna uma ferramenta propícia e moderna para lidar com os anseios desta geração em face de temas complexos, como por exemplo a Educação Ambiental.

2.3. BREVE EPISTEMOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Podemos definir ambiente como o local em que elementos naturais e sociedade têm um relacionamento que alude em processos de socialização da transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 1998). Para Dias (2006), a educação ambiental é parte importante de um processo que pode ser individual ou

²¹ MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=educ>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

coletivo conforme a necessidade, desde que ele esteja voltado para discussões que despertam no indivíduo um senso de coletividade e pertencimento.

A educação ambiental é percebida como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir - individual e coletivamente - resolver problemas ambientais, presentes e futuros. (DIAS, 2006, p. 19)

Na esfera educativa, o Pronea objetiva trazer a comunidade para dentro da discussão e coloca este ponto como um de seus objetivos da educação ambiental:

[...] assegurar, no âmbito educativo, a integração equilibrada das múltiplas dimensões da sustentabilidade - ambiental, social, ética, cultural, econômica, espacial e política - ao desenvolvimento do País, resultando em melhor qualidade de vida para toda a população brasileira, por intermédio do envolvimento e participação social na proteção e conservação ambiental e da manutenção dessas condições ao longo prazo. (BRASIL, 2014, p.27).

Dias (2006) entende que a Educação Ambiental pode ser um processo em que se vivenciam experiências, o que leva a crer no sucesso de uma abordagem prática que motive a construção de um ambiente justo e equilibrado. A fotografia surge como essa opção, pois é capaz de sensibilizar com o encanto causado por seus componentes, e de ensinar por meio das informações contidas nela ou que podemos extrair do seu conteúdo (BORGES, ARANHA e SABINO, 2010).

Neste contexto de exercício da Educação Ambiental, o foco apenas em conteúdos expositivos (em disciplinas como Biologia) torna-se insuficiente, quando a busca é pelo ensino integrado e harmonizado visando a visualização e solução de problemas. Guimarães (2004b) alerta que o ensino deve fazer mais do que somente sensibilizar para o que é bom ou ruim a respeito do meio ambiente e pede que a compreensão seja elevada acima do racional: é preciso que as pessoas percebam que a preservação ambiental deve envolver também o amar, o ter prazer em cuidar, o sentimento de pertencimento à natureza (BARBOSA; PIRES. 2011. p. 71).

A educação ambiental como tema transversal, está ligada a outras áreas do conhecimento científico e não como uma disciplina estanque, e tem como objetivo fundamental construir saberes balizados em atitudes conservacionistas e acompanhar as transformações nos hábitos e costumes da comunidade envolvida nesse processo educativo. (SANTANA; MOURA, 2007, p.100)

No entanto, mesmo com uma abordagem que vai além da sala de aula, a escola continua a ter um papel fundamental, já que todas as mudanças de atitude passam por este espaço pedagógico.

A EA deve estar presente em todos os espaços (escolas, nos parques, nas associações de bairro, nos sindicatos, universidades, meios de comunicação em massa) que educam cidadãos. Dentre todos estes espaços, a escola tem especial destaque. (COSTA & LOPES, 2013, p. 7)

A escola é quem colocará de maneira contínua e progressiva, pensamentos, ideias e condutas que a sociedade irá requerer. Mas em se tratando de meio ambiente acredita-se também que para isso é necessário ir longe, visitando parques, deslocando as atividades da escola para diferentes contextos, quando na verdade o próprio local em que a mesma está já fornece uma realidade pictórica da situação. O problema é que na maioria das vezes essa contextualização acaba ficando a critério somente do professor.

Tratando-se da Educação Ambiental, o professor deve conseguir problematizar o saber ambiental apresentado no suporte digital, colocando-o em uma perspectiva onde os alunos possam apropriar-se dele e utilizá-lo para a construção das atitudes ecológicas. (RODRIGUES & COLESANTI, 2008)

2.4.A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Embora novo²² em termos de discussão nacional, já que no Brasil os primeiros grandes movimentos ambientais surgem somente a partir de 1960 (ASSIS, 2013) e os estudos acadêmicos a partir de 1984 - com a primeira dissertação de doutorado sendo ainda posterior, datada de 1989 na Universidade de São Paulo (REIGOTA *apud* CARVALHO, 1989) - a preocupação com o meio ambiente é antiga no restante do mundo com trabalhos que remontam de filósofos e pensadores da Grécia Antiga e suas significativas contribuições na relação do homem com a natureza (DIAS, 2001).

²² A primeira lei relacionada ao meio ambiente foi a Lei 601 de Dom Pedro II proibindo a exploração florestal nas terras descobertas, a lei foi ignorada, continuando o desmatamento para implantação da monocultura de café. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/historico-brasileiro>>. Último acesso em: 08 de jan de 2017.

No Brasil, a importância do tema é tão grande que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) o incorporou como um dos temas transversais²³ em seus parâmetros curriculares e ressaltou que o seu aprendizado deveria ter a mesma importância dos conteúdos clássicos.

A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais (BRASIL, 1998, p.25)

A prática da educação ambiental é regulamentada pela Lei 9.795/1999 (BRASIL, 1999) em seus artigos primeiro e segundo:

Art 1º. Entende-se por Educação Ambiental os processos pelo meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art 2º. A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo em caráter formal e não formal.

Em suas diretrizes, o Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA, estabelece que a educação deve ser mais que uma abordagem sistêmica, e que precisa que ela evolua ao ponto de interagir com a complexidade exigida no mundo contemporâneo, envolvendo os diferentes níveis de realidade, as diferentes culturas e os diferentes olhares das trajetórias individuais e coletivas. (BRASIL, 2014).

Mais do que isso, define a comunicação e a tecnologia entre suas linhas de ações e estratégias para a educação ambiental com o "estímulo e apoio à veiculação de informações de caráter educativo sobre meio ambiente, em linguagem acessível a todos, por intermédio dos meios de comunicação em geral" (BRASIL, 2014, p. 33).

Por isso, considera-se que a prática pedagógica deve ter a intenção de desenvolver uma consciência crítica, assim como, valores e atitudes que promovam

²³ Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana (BRASIL, 1998, p.17).

a melhoria da qualidade de vida entre homens e natureza além de buscar desenvolver um aprendizado que leve o indivíduo a compreender o vínculo existente entre nossas ações cotidianas e o impacto que elas produzem no meio ambiente. A importância dessa consciência crítica está relacionada também à nossa crescente preocupação com a conservação, recuperação e preservação em vários setores da sociedade, não somente naqueles relacionados diretamente ao meio ambiente e que discutem periodicamente o desenvolvimento sustentável.

A educação ambiental faz parte dessa tomada de consciência e pode ser vista como uma forma de intervenção na problemática ambiental e, ainda, como mediadora de programas educativos que começam antes e vão além da escola formal (BORGES; ARANHA; SABINO; 2010, p. 150).

Se a prática não deve ficar restrita, então, o conteúdo também não deve ser restrito à escola nem tão pouco somente às questões ecológicas. Pretende-se que a educação seja associada aos problemas da construção de um mundo mais igual e honesto. Daí advém a ideia de que são necessárias atitudes também sobre a ética e a cidadania (BARBOSA; PIRES. 2011. p. 71).

A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos (GUIMARÃES, 2004b, p. 30).

Devido a essa grande importância, a área da educação ambiental, desde quando inserida na pauta da educação, já esteve presente em inúmeras discussões, e um dos principais assuntos sempre foi a maneira que deve ser trabalhada a educação ambiental nas escolas. Se antes os temas estavam restritos aos cuidados com os recursos naturais, hoje, o tema é considerado muito mais dinâmico, e se estudam estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade, considerando que cada pessoa deve entender qual a sua parte e como suas atitudes podem intervir no ambiente em que se vive (BARBOSA; PIRES. 2011. p. 70).

A proposta de Educação para o século XXI, contida no Relatório da UNESCO, coordenado por Jaques Delors (1999), defende, na perspectiva holística, um modelo pautado em quatro pilares fundamentais do conhecimento: aprender a conhecer;

aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser. E, relacionando estes pilares à prática de educação ambiental percebe-se que ao cidadão é preciso ensinar a conhecer o seu meio para que este o valorize e, assim, aprenda a conviver com diferentes formas de vida, de uma maneira equilibrada e harmoniosa (SANTANA; MOURA, 2007, p.106).

No que diz respeito à escola, que sempre foi notadamente um espaço propício para esta discussão, os professores e o próprio local sempre estiveram engajados em atividades e projetos que tinham (e têm) por objetivo concreto desenvolver a consciência ambiental. Contudo, é visível que existe em algumas práticas uma falta de dispositivos didáticos e práticos sobre o que fazer, e como fazer essa intervenção (BARBOSA; PIRES. 2011. p. 70). A busca por outros instrumentos que viabilizem o diálogo dos presentes no ecossistema escolar facilitaria essa prática, ideia já vista anteriormente nesta pesquisa com Paulo Freire, que propõe uma metodologia baseada na transformação do sujeito frente à tomada de consciência e da concepção problematizadora de educação (BARBOSA; PIRES. 2011. p. 71).

A Educação Ambiental Crítica deve apontar para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos (Jacobi, 2004, p. 28), contribuindo para a formação de um sujeito ecológico (Carvalho, 2004, p. 18).

Existe uma necessária evolução da escola no sentido de conhecer as questões fundamentais do meio ambiente também pela perspectiva cotidiana dos atores que a compõe e não somente por aquela que se toma emprestada dos livros, que por vezes apresentam distâncias continentais entre seus conteúdos e seus leitores. Conforme observado por Barbosa e Pires (2011. p. 71) foi implantada uma educação ambiental conservadora, convencional em que se valoriza a divulgação ecológica na tentativa de sensibilizar à preservação ambiental. Pesquisadores como Santana e Moura (2007, p.101) buscam um outro caminho, um que se aproxima do sujeito, apreendendo sua realidade para possibilitar o entendimento da comunidade local e as implicações das alterações ambientais no espaço de vivência. Uma das sugestões dos autores, inclusive, é o uso da fotografia: “com a utilização da fotografia, em uma pesquisa participante, produz-se conhecimentos úteis para o

desenvolvimento de práticas de educação ambiental, visando propostas de solução em curto e médio prazo” (SANTANA; MOURA, 2007, p.101).

2.5. EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE VALORAÇÃO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS

No ano de 2004, aconteceu em Brasília-DF a I Oficina Nacional de Comunicação e Educação Ambiental, promovida pelo Departamento de Educação Ambiental - DEA/MMA. O evento teve um caráter aberto e participativo entre governo e sociedade e visava a construção de um programa de comunicação socioambiental sob o olhar da Educomunicação (Brasil, 2008). Todos os princípios e ações culminaram no texto-base de uma publicação feita em 2005. Lançada posteriormente naquele ano pelo Ministério do Meio Ambiente para consulta pública, a publicação visava atingir pesquisadores, docentes e profissionais envolvidos que foram incentivados a participar e contribuir na consulta.

O resultado deste esforço levou à sistematização de correções e inclusões nos dois anos posteriores feitas por mais de 60 colaboradores nascendo então uma publicação oficial do governo que tem como objetivo principal:

[...] subsidiar propostas de políticas públicas associadas ao Programa Nacional de Educação Ambiental e orientar práticas de comunicação no campo da Educação Ambiental, tendo como foco princípios de dialogismo e participação em toda ação comunicativa irradiada a partir deste campo. (BRASIL, 2008, s/p).

A perspectiva popular, autônoma e democrática da Educomunicação aproxima e ajuda a Educação Ambiental com ações de monitoramento e intervenções pontuais e, outras vezes, com gestão e divulgação de informações de interesse coletivo nos mesmos moldes que os interesses comerciais o fazem, mas a mesma fica focada na produção de produtos informativos e no gerenciamento de redes de informação. Tudo isto só se tornará realidade se houverem condições de inclusão dos atores, o que tem por significado não apenas o direito à informação.

Uma política de comunicação ambiental baseada nos princípios da democratização, promoção da autonomia e emancipação se materializa quando há condições de inclusão ampla no direito à comunicação, o que significa não só poder ter acesso à informação e aos bens culturais mediatizados ou não, mas também acesso à participação na criação e na gestão dos meios de comunicação.

Brasil (2008) descreve as circunstâncias e as aplicabilidades da Educomunicação voltada ao meio ambiente, e como o termo pode remeter a diversas questões diferentes entre elas, entre as quais destacamos: é um campo do conhecimento, uma episteme; refere-se também à educação para a recepção crítica dos conteúdos da comunicação de massa; é promoção de “ecossistemas comunicativos” a partir do espaço educativo e corresponde ao movimento de gestão participativa dos meios de comunicação, democratização dos sistemas e defesa do direito à comunicação. Também faz referência aos processos formativos de habilidades comunicativas na compreensão educativa da comunicação social a partir da percepção do papel formador dos conteúdos dos meios de comunicação de massa onde, muitas vezes, predomina a disseminação de valores de consumo insustentável.

O termo Educomunicação Ambiental ou Socioambiental possui uma definição própria dentro da Educação Ambiental.

Refere-se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que”²⁴ se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza. (BRASIL, 2008, p.[10])

Enquanto algumas ações estratégicas²⁵ do Ministério do Meio Ambiente voltadas à prática estão publicadas em sua página na internet, podemos destacar outras práticas que foram realizadas tanto no campo acadêmico de pesquisa quanto no campo da prática educacional dentre as quais destacamos o Projeto Perfil:

Projeto de pesquisa desenvolvido por Ismar de Oliveira e executado pela ECA/USP, entre 1997-99, com o intuito de traçar o perfil dos pesquisadores e especialistas na área. A conclusão do projeto Perfil apontou para a legitimação de um ofício que já era desempenhado na América Latina. (BRASIL, 2008, p. [12])

E também o Cassete Fórum:

²⁴ Grifo do autor.

²⁵ Disponível em <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educunicacao>>. Último acesso em 08 de jan de 2017.

Desenvolvido por Mário Kaplún, o objetivo do projeto não era produzir programas para serem veiculados na programação da Rádio comercial, mas contribuir com a formação da comunidade. (BRASIL, 2008, p. [12])

Apesar de algumas experiências, nota-se que a fotografia ainda é pouco explorada como uma ferramenta da Educomunicação. Um pouco da problemática pode ser por conta de seu caráter específico, que exige do professor um grau de conhecimento mais aprofundado sobre o tema, uma demanda que exige formação e especialização por parte do docente.

A ausência de informações ou nosso amadorismo no uso de imagens na atividade diática não nos devem desestimular, entretanto. O apelo afetivo da imagem é tão grande e a cultura imagética de nossa sociedade é tão densa que ela, por si só, promove um movimento de leitura e de interpretação dos seus conteúdos. Dificilmente temos uma atitude de estranhamento diante de uma imagem. (COSTA, 2013, p.87-88).

Não se trata de um determinismo tecnológico ou conceitual de modo a posicionar a Educomunicação ambiental em detrimento de outras formas pedagógicas. O fato de ser uma possibilidade de mudança também não coloca a fotografia como responsável, de modo isolado, pela melhora da qualidade em nossas escolas. Esse enfoque midiacentrista deve ser evitado para que as ferramentas de comunicação sejam coadjuvantes ativas em um processo conjunto de construção do conhecimento.

Para Orofino (2005, p. 69) o uso das tecnologias na educação é “uma abordagem ancorada na perspectiva dos usos sociais das tecnologias busca problematizar as relações entre demandas sociais em diálogo com os imperativos da produção”. Já Costa (2013) faz um paralelo com o trabalho de Roland Barthes ao entender de que maneira a fotografia poderia gerar um impacto positivo na leitura interpretativa da imagem e no auxílio à educação e divide esta interpretação em: a) o impacto causado pela raridade da foto em que o observador se deixa levar pela originalidade e surpresa, b) o ato ou gesto do fotógrafo, c) a sua capacidade de ter captado a imagem, d) a técnica e os efeitos empregados e, por último, e) os achados ou descobertas que fazemos quando empregamos um olhar mais atento à fotografia.

Barbosa & Pires (apud Silveira & Alves, 2008, p.75) acreditam na fotografia como um instrumento para atividades de educação ambiental sendo capaz de gerar

um estímulo lúdico e criativo que permita as coisas esquecidas e não vistas passem a ser percebidas já que algumas imagens, pela simples existência, impõem alguma providência. (KUBRUSLY, 2006). Mesmo pensamento de Santana & Moura (2007):

Entre as diversas formas de se promover a construção de saberes em educação ambiental crítica, a linguagem fotográfica se coloca como um instrumento de informações capaz de oferecer a aproximação com o lugar a ser analisado e, com isso, desenvolver sentimentos pela aproximação com a realidade. (SANTANA; MOURA, 2007, p.101)

A fotografia em forma de projeto educacional, pelo seu formato integrado, imprime aos participantes o protagonismo que a educação às vezes deixa de lado e por seu apelo como prática contemporânea, tem o potencial de atrair os jovens para a prática da educação ambiental e de um olhar mais crítico sobre a conservação do nosso meio ambiente.

Mesmo assim, a falta de recursos pode acabar se tornando um dos impedimentos na hora de propor novas interações pedagógicas e as oficinas de fotografia, como o Click Verde, surgem como um suporte que ajudam a fazer esta aproximação. Dias aponta a importância dessa comunhão de ensinamentos na educação ambiental.

Tanto o ensino formal como o informal são indispensáveis para modificar a atitude das pessoas, para que estas tenham capacidade de avaliar os problemas do desenvolvimento sustentável e abordá-lo. Para ser eficaz, o ensino sobre meio ambiente e desenvolvimento deve abordar a dinâmica do desenvolvimento do meio físico/biológico e do sócio-econômico e do desenvolvimento humano (que pode incluir o espiritual), deve integrar-se em todas as disciplinas e empregar métodos formais e informais e meios efetivos de comunicação. (DIAS, 2004, p.28).

Como já colocado, os *smartphones* já estão nas mãos das crianças e dos jovens e em vez de proibir seu uso, podemos aproveitar essa oportunidade para desenvolver novas práticas por meios desta tecnologia que possui uma câmera fotográfica embutida, geralmente utilizada para fins pessoais e banais. Trazer esta nova significação não deve servir apenas como um aprofundamento técnico de um aparelho tecnológico, mas deve apurar a sensibilidade do olhar fotográfico para fornecer um meio de ensinar as informações que estão presentes nas imagens criando a aura do “aprender brincando”.

Sem dúvida, a fotografia integrou-se definitivamente em várias áreas das atividades humanas, proporcionando processos criativos na busca de novos patamares do conhecimento, em todas suas formas e níveis. Ao fornecer um sem número de possibilidades plásticas e/ou gráficas, a fotografia provoca dúvidas, gera questionamentos e sugere soluções na busca de resultados, tanto para artistas quanto para cientistas, e também ao homem comum, em sua contemplação desinteressada (ou não) do mundo que o cerca. (BORGES; ARANHA & SABINO, 2010, p. 152)

Santana & Moura (2007, p. 105), também evidenciam que a fotografia proporciona melhor entendimento na transmissão de conteúdo por fazer a ligação entre o conceito e a realidade.

O suporte, no entanto, não é a solução derradeira para mudanças na temática, servindo apenas como essa ponte entre a educação tradicional e a Educomunicação, mais moderna, no sentido de que abraça componentes que já fazem parte do cotidiano dos alunos juntamente com as ferramentas midiáticas. Paulo Freire (1983) defende a mesma ideia de explorar a vida cotidiana do aluno para atrair a sua atenção no processo de aprendizagem. O trabalho da escola seria inclusive facilitado com experiências extra-escolares:

[...] que fazem, como fazem, como brincam, como trabalham e com esses instrumentos aguçam a curiosidade e a possibilidade de crianças conhecerem melhor o que conhecem e a conhecerem de forma sistematizada o que não conhecem (FREIRE, 1983, 44).

O contexto não é somente o de passar informações visuais (forma como geralmente a fotografia é utilizada), mas dar a oportunidade para que a produção dos alunos possa servir também como meio de discussão para os problemas ambientais que os cercam, fotografando e de fato vendo o local em que vivem.

3. ANÁLISE DE DADOS

O levantamento de dados foi realizado em duas etapas distintas. A primeira consistiu em analisar a proposta de aprovação do Click Verde como projeto de extensão na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e a partir desta, é possível observar os parâmetros que permearam sua construção. A proposta foi comparada com as diretrizes estabelecidas por Ismar de Oliveira no tocante as linhas de articulação teórico-práticas, o conjunto de ações possíveis, a definição do campo de atuação e os objetivos práticos para projetos educacionais.

Além disso, nesta primeira fase foi realizada uma entrevista semi-estruturada com questionamentos básicos apoiados na hipótese do uso da Educomunicação como preceito para a elaboração do projeto. A entrevista, feita por e-mail, foi realizada com a idealizadora do projeto, a Professora Dra. Claudia Mara Stapani Ruas²⁶.

A segunda etapa analisou o público-alvo e a produção fotográfica do projeto. Para analisar público-alvo, foi utilizado questionário estruturado pré-existente aplicado pelo Click Verde em suas atividades. Sobre este questionário, foi realizada uma entrevista semi-estruturada para dar validade aos dados. A entrevista, feita por e-mail, foi realizada com o professor que primeiro aplicou o questionário no projeto, o Professor Mestre Elton Tamiozzo de Oliveira²⁷, à época da idealização do questionário, coordenador do Click Verde. Após, foi feita a análise quantitativa dos gráficos, que teve por objetivo determinar o perfil sócio-econômico e o nível de saber dos participantes a respeito do meio ambiente, depois foi feita a análise documental das imagens produzidas durante as oficinas que envolvia a percepção do assunto retratado e a dimensão expressiva da imagem. Para fazer a comparação entre o conteúdo ministrado em sala de aula sobre meio ambiente, foi necessária fazer uma entrevista com o Professor Fernando Jorge Magalhães Filho, do Projeto Construindo

²⁶ Docente na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande - MS, nos cursos de Publicidade e Educação Física.

²⁷ Docente na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande - MS, nos cursos de Publicidade, Design e Administração.

Saberes em Engenharia e que faz parceira com o Click Verde, que discorreu sobre o conteúdo da apresentação feita aos alunos.

3.1. CLICK VERDE

O Click Verde é um projeto de extensão da UCDB, que começou no início de 2013 com a proposta de utilizar saídas fotográficas como forma de reconhecer e divulgar os espaços verdes de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O projeto é composto por professores dos cursos de Publicidade e Propaganda e oferece vagas para alunos dos cursos de Publicidade, Jornalismo e Design Gráfico da instituição.

Acessando o site da universidade²⁸, é possível ver que o projeto está vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários que mantém trabalhos em diversas áreas como: saúde, educação, comunicação, meio ambiente, tecnologia e produção. No site da UCDB, o Click Verde aparece vinculado à área de meio ambiente. Sobre o funcionamento, consta que acontece às terças, quintas e sextas-feiras das 13h às 17h. O projeto foi inicialmente criado pela Professora Dra. Cláudia Mara Stapani Ruas e pelo Professor Mestre Elton Tamiozzo de Oliveira, hoje está sob a coordenação do Professor Especialista Gabriel Ferracioli de Oliveira²⁹.

3.2. ANÁLISE DA PROPOSTA DO PROJETO

Uma análise inicial mostrou indícios que o projeto tem um viés de Educomunicação. No entanto, através de entrevista (APÊNDICE A), verificou-se que os idealizadores do projeto na época não tinham conhecimento da ciência da Educomunicação. Mas, na proposta de trabalho do projeto do ano de 2016, é possível verificar a preocupação didático-pedagógica na escolha da fotografia como ferramenta (ANEXO B, p. 7).

Optou-se pela fotografia, pois sempre foi natural ao homem procurar o registro puro e simples das belezas à sua volta. Um único símbolo é capaz de transmitir uma enorme mensagem; daí o dito popular “uma imagem vale por mil palavras”³⁰. O objetivo é utilizar a fotografia como um elemento didático pedagógico na educação

²⁸ <http://site.ucdb.br/extensao/5/programas-e-projetos-de-extensao/873/meio-ambiente/913/click-verde/914/>

²⁹ Docente na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande - MS, nos cursos de Publicidade e Design.

³⁰ Grifos do autor.

ambiental. Esta prática deverá aprofundar o conhecimento dos envolvidos (docentes, acadêmicos extensionistas e público participante) sobre os locais, procurando reconhecer as características, necessidades, exigências e peculiaridades, impelindo um novo olhar, uma nova reflexão, sobre os espaços públicos, sua relação com a comunidade e sua importância no contexto ambiental de nossa cidade.

Outro aspecto importante sobre o projeto de extensão objeto desta análise é a preocupação com o impacto que será gerado pelas suas ações:

Como resultado, esperamos provocar mudanças de comportamento e de pensamento que, por meio do conteúdo teórico e prático da oficina, será um fator para essas mudanças com relação ao meio ambiente. (ANEXO B, p. 8).

Sobre a dinâmica de suas ações nas oficinas, observou-se na proposta do projeto de 2016, que o mesmo utiliza duas etapas: uma teórica e outra prática.

Na parte teórica o projeto Arte-Educação, grupo de teatro mantido pelo vereador Eduardo Romero (parceiro do Click Verde desde 2014) realiza a educação ambiental com os alunos nas escolas. Esse trabalho de educação ambiental será dividido também com o Projeto de Extensão Saberes em Engenharia da UCDB. Após essa fase os alunos recebem aulas teóricas para propiciar o aprendizado dos fundamentos da fotografia e dos equipamentos fotográficos (podendo ser inclusive aparelhos celulares). (ANEXO B, p.13).

Também foi observado que dentre os objetivos do projeto, constam aspectos já fundamentados nesta pesquisa sobre a área de Educomunicação. No objetivo geral, podemos observar que o projeto percebe a fotografia como uma ferramenta que faz a ligação entre o cotidiano e o meio ambiente:

Utilizar a fotografia como ferramenta na educação ambiental, seja reconhecendo espécies, registrando de forma criativa e pessoal, divulgando os espaços verdes ou estimulando reflexões sobre a realidade socioambiental de Campo Grande, MS. (ANEXO B, p. 13)

Nos objetivos específicos também podemos citar que constam ações educacionais de reflexão e que também consta a ideia do produto final do trabalho realizado. Entre as ações do Click Verde estão (ANEXO B, p. 13):

- a) Qualificar os participantes para utilizar a linguagem fotográfica como uma forma de expressão e como uma forma de valorizar e preservar o meio ambiente;

- b) Consolidar a fotografia como meio de expressão e experimentação que pode contribuir para a divulgação dos espaços verdes da capital, bem como estimular a participação de cada um no processo de preservação ambiental;
- c) Debater e refletir sobre o conhecimento que os participantes possuem sobre o seu meio ambiente antes da exercitação da fotografia;
- d) Divulgar, através de uma mostra fotográfica os resultados como uma estratégia de conscientização para a questão ambiental e como forma de levar um número de visitantes, cada vez maior, aos espaços públicos;
- e) Produzir, com o material fotográfico selecionado, álbum fotográfico digital com o objetivo de divulgação dos espaços verdes, como espaços turísticos.

Os objetivos do projeto acima citados estão alinhados conforme Soares ([2004]) quando este define um conjunto de ações possíveis para projetos educacionais:

- a) Realizar a integração das práticas educativas no que se refere à observação do papel exercido pelos meios de comunicação na sociedade buscando formas positivas de colaboração, sem se deixar manipular pelos mesmos.
- b) Fomentar a criação de ecossistemas comunicativos na escola que permitam uma maior integração e promoção de um ambiente aberto e democrático para a relação entre direção, professores, alunos e também para a relação entre a escola e a comunidade. Uma prática que vai contra os formatos autoritários e unilaterais da comunicação.
- c) Realizar a melhora na capacidade de expressão e comunicação das ações educativas em um processo que visa ser um facilitador tanto na aprendizagem quando na expressão dos integrantes.

Na proposta, verifica-se que o projeto se encaixa com a conduta da Educomunicação em todos os seus objetivos mesmo que o termo Educomunicação não seja exposto em nenhum momento.

Outrossim é perceber a relação dos objetivos do Click Verde com o proposto por Soares (apud PINHEIRO, 2013, p. 28-29) na definição do campo de atuação dos

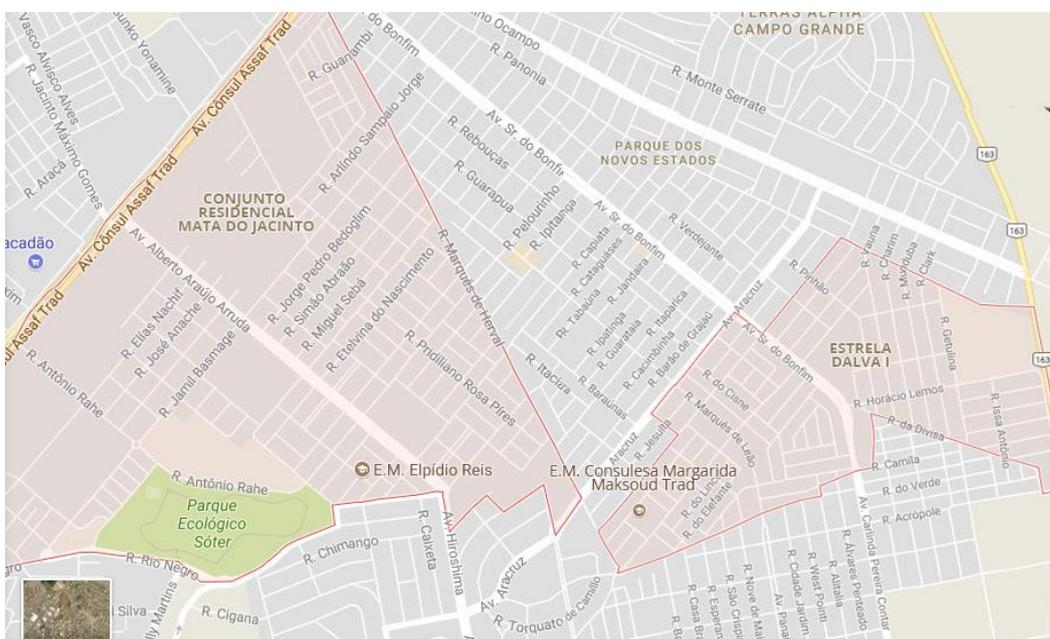
projetos que almejam praticar a Educomunicação, sendo que é possível afirmar dentro das cinco áreas de atuação, que o Click Verde se encaixa na seguinte proposta: expressão comunicativa e na mediação tecnológica em espaços educativos.

A partir do observado, conclui-se que o projeto Click Verde, embora, não tenha sido idealizado com essa nomenclatura na UCDB, nem tenha sido enquadrado pelos seus idealizadores como tal, e que na proposta não tenha sido encontrada nenhuma referência a palavra, o projeto enquadra-se na categoria de Educomunicação devido a sua proposta e as suas ações alinhadas com os pressupostos educacionais explicitados nesta pesquisa.

3.3. ANÁLISE DA EXECUÇÃO DO PROJETO

Foram analisadas as ações do projeto no período que compreendeu julho a dezembro de 2016. Neste período, o projeto atendeu a duas escolas municipais: Escola Municipal Elpídio Reis, localizada à Rua Tertuliano Ghersel Cattanei, s/n - Conj. Res. Mata do Jacinto, Campo Grande - MS, 79033-490 e, Escola Municipal Consulesa Margarida Maksoud Trad, localizada à Rua do Leão, s/n - Bairro Estrela Dalva I, Campo Grande - MS, 79034-505. Ao total foram contabilizados 25 alunos participantes no projeto, a escolha ficou a critério das próprias escolas. Também é importante salientar que os participantes do projeto foram agrupados devido à proximidade das escolas e dos bairros conforme mostra a imagem (FIGURA 3) a seguir. Isto se deve ao fato de que há um trânsito de alunos de um bairro para o outro e de uma escola para a outra e vice-versa. Em função disso, decidiu-se considerar os dois bairros como uma única região.

Figura 3 - Mapa mostra a proximidade dos bairros atendidos pelo Projeto Click Verde no período de julho a dezembro de 2016.



Fonte: Google Maps.

3.3.1. Análise quantitativa dos questionários

Para avaliar a idade e a condição social do público-alvo das oficinas realizadas pelo Click Verde, foi aplicado um questionário pré-existente do Click Verde (ANEXO A) que utilizou o Critério Brasil³¹ de classificação socioeconômica que leva em conta o grau de instrução e os itens de conforto da família.

Para obter o grau de entendimento e a percepção do público a cerca da relevância socioambiental, no mesmo questionário foram utilizados campos com perguntas específicas sobre meio ambiente. Ainda neste questionário, foram feitas perguntas sobre fotografia para determinar o grau de saber do público-alvo do Click Verde. Optou-se nesta etapa de análise, pela elaboração de gráficos referentes às perguntas do questionário para as discussões.

Tamanho da Amostra: 25

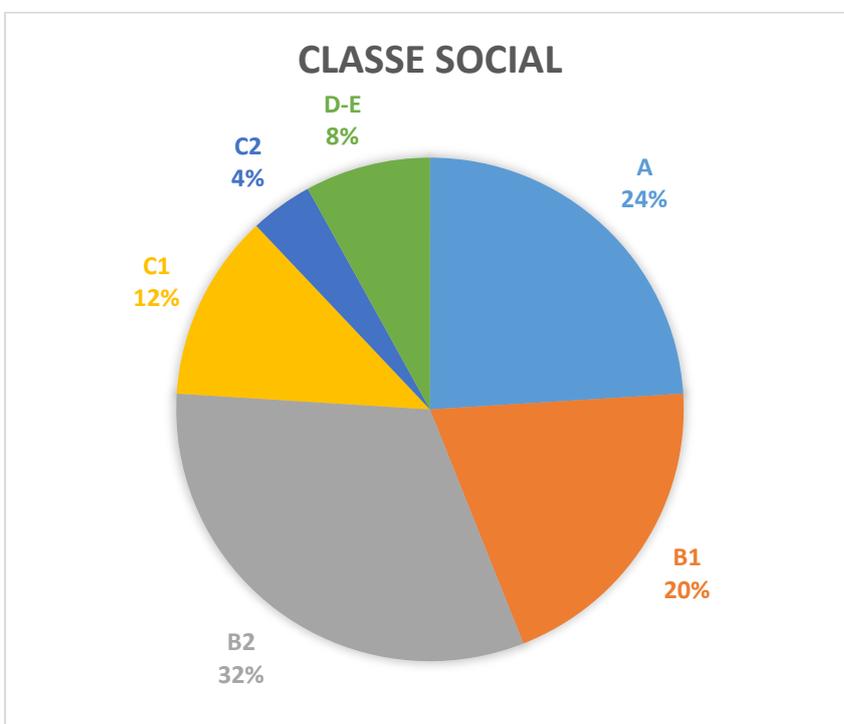
³¹ O Critério Brasil é o padrão estabelecido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep) e adotado pelas empresas do setor para classificar os estratos sociais. Na formulação do critério, são variáveis para estimar a renda das famílias. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>. Último acesso em: 13 mar 2017.

Total de Respostas: 25

Tabela 5 - Classe Social

Classe	Quantidade
A	6
B1	5
B2	8
C1	3
C2	1
D-E	2

Gráfico 1 - Classe Social



Observando-se a classe social (Gráfico 1) dos participantes foi possível verificar que diferentemente do consenso geral do baixo poder aquisitivo das famílias com filhos em escolas municipais, a maior parte (76%) pertence às classes A e B (ver Gráfico 1). A classe social foi originada a partir dos dados do próprio questionário utilizando como parâmetro de medição, o Critério Brasil. Os dados

resultantes são diferentes daqueles publicados³² pela Associação das Empresas de Pesquisa (ABEP) em 2015, que apontam que na Região Centro-Oeste a maior parte dos habitantes pertencem às classes C e D (71,8%). Essa discrepância pode ter relação com a amostra da pesquisa ser não-probabilística, mas revela importante dado sobre o público-alvo: existe a possibilidade de que os alunos possuam *smartphones*. Mesmo assim que fique registrado que a pesquisa da ABEP enfatiza que a renda média familiar produzida pelo critério seja somente uma estimativa e que mesmo pertencendo a uma classe no critério, é possível que os ganhos sejam mais parecidos com outra classificação socioeconômica.

Os valores se baseiam na PNAD 2014 e representam aproximações dos valores que podem ser obtidos em amostras de pesquisas de mercado, mídia e opinião. A experiência mostra que a variância observada para as respostas à pergunta de renda é elevada, com sobreposições importantes nas rendas entre as classes. Isso significa que pergunta de renda não é um estimador eficiente de nível socioeconômico [...] (ABEP, 2016)

Tamanho da Amostra: 25

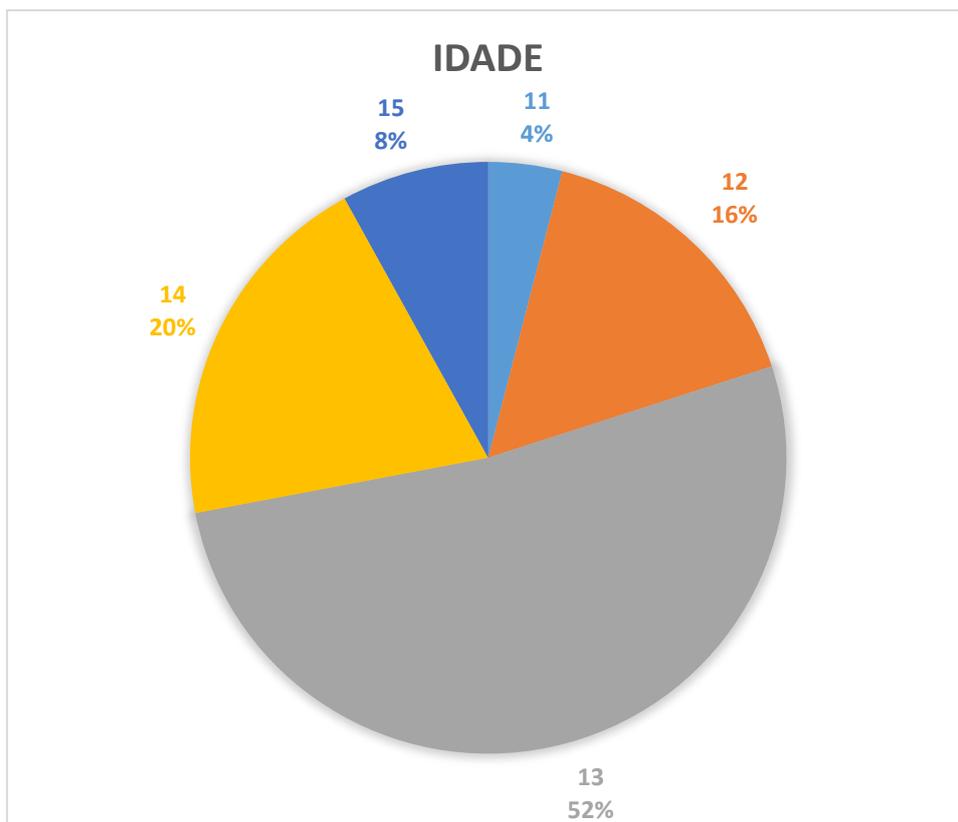
Total de Respostas: 25

Tabela 6 - Idade

Idade	Quantidade
11	1
12	4
13	13
14	5
15	2

³² Disponível em: <<https://goo.gl/VzCjXq>>. Último acesso em: 10 jun 2017.

Gráfico 2 - Idade



Sobre a idade (Gráfico 2), a maior parte dos alunos atendidos pelo projeto está na faixa etária dos 13 anos, mas olhando os dados como um todo é possível afirmar que o projeto segue sua proposta de trabalhar com alunos do ensino médio.

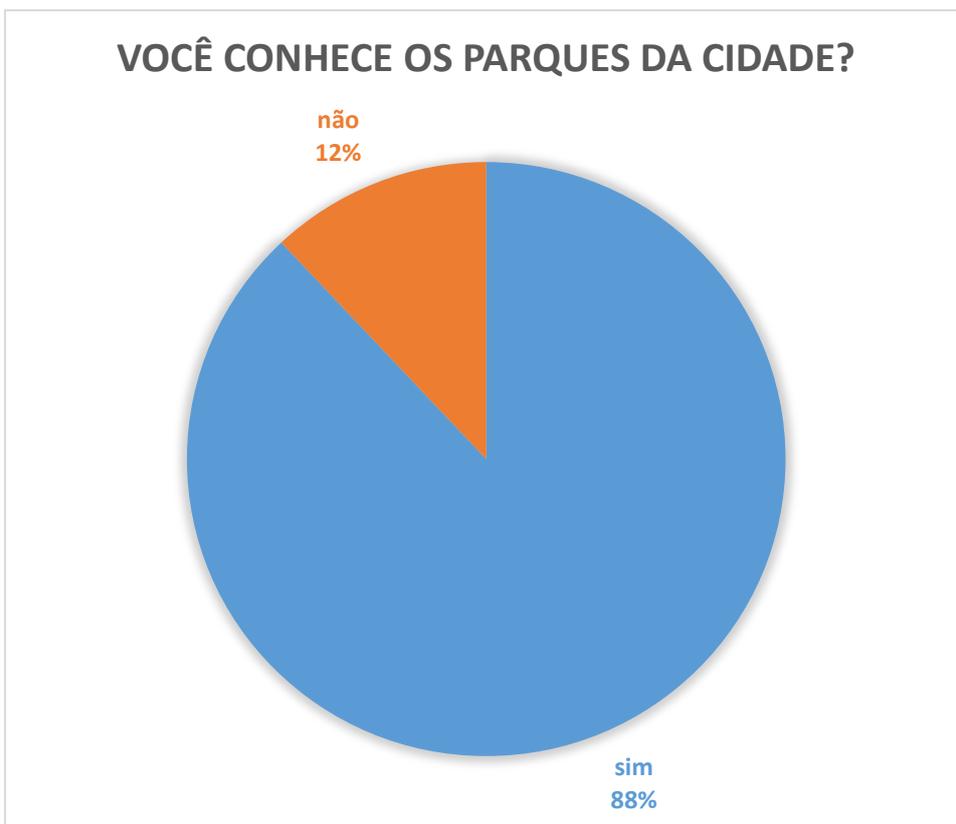
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 7 - Conhece os parques da cidade.

sim	22
não	3

Gráfico 3 - Conhece os parques da cidade.



Um dado que mostra que mesmo em uma cidade bastante arborizada e com um parque próximo aos bairros mensurados, ainda não existe uma cultura de visitação à natureza por todos integrantes do projeto.

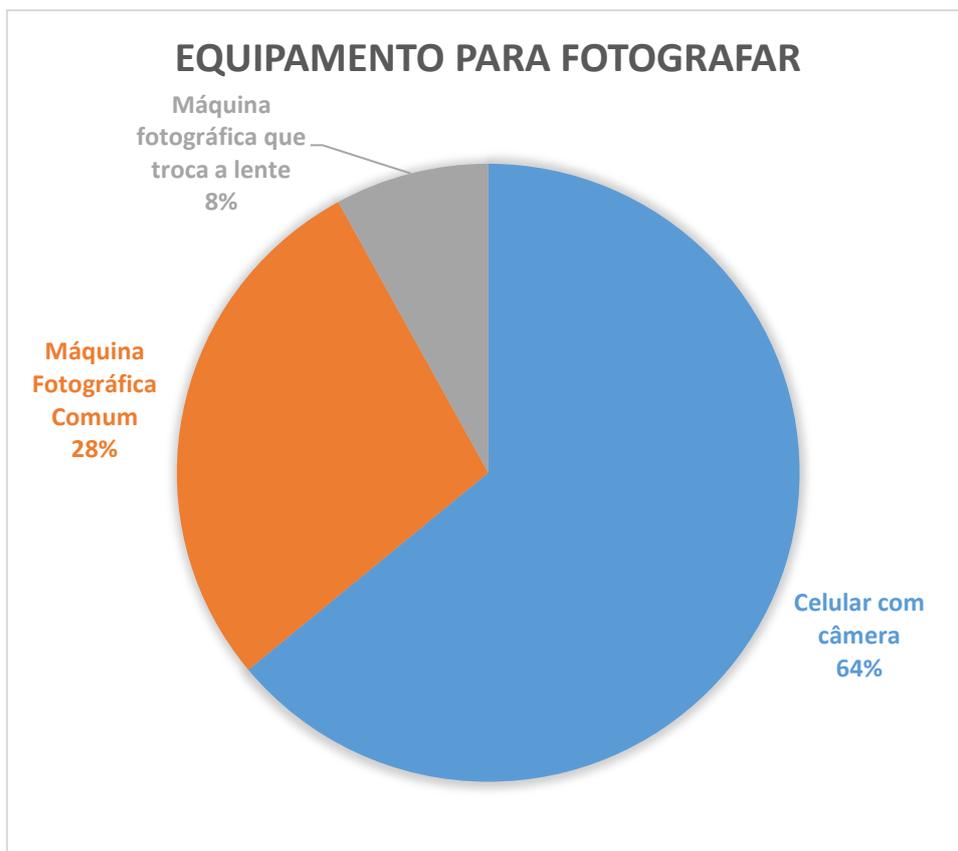
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 8 - Equipamento para fotografar

Celular com câmera	16
Máquina Fotográfica Comum	7
Máquina fotográfica que troca a lente	2

Gráfico 4 - Equipamento para fotografar



No gráfico 4 podemos perceber que os alunos das oficinas possuíam um equipamento para fotografar e que a maior parte (64%) possui um celular com câmera (*smartphone*) o que reflete ao menos uma condição mais estável. O número poderia ser até maior, mas como a questão era optativa e sem a possibilidade de uma segunda resposta, é possível que mesmo possuindo um *smartphone* optaram por assinalar outras opções por ter um equipamento fotográfico melhor.

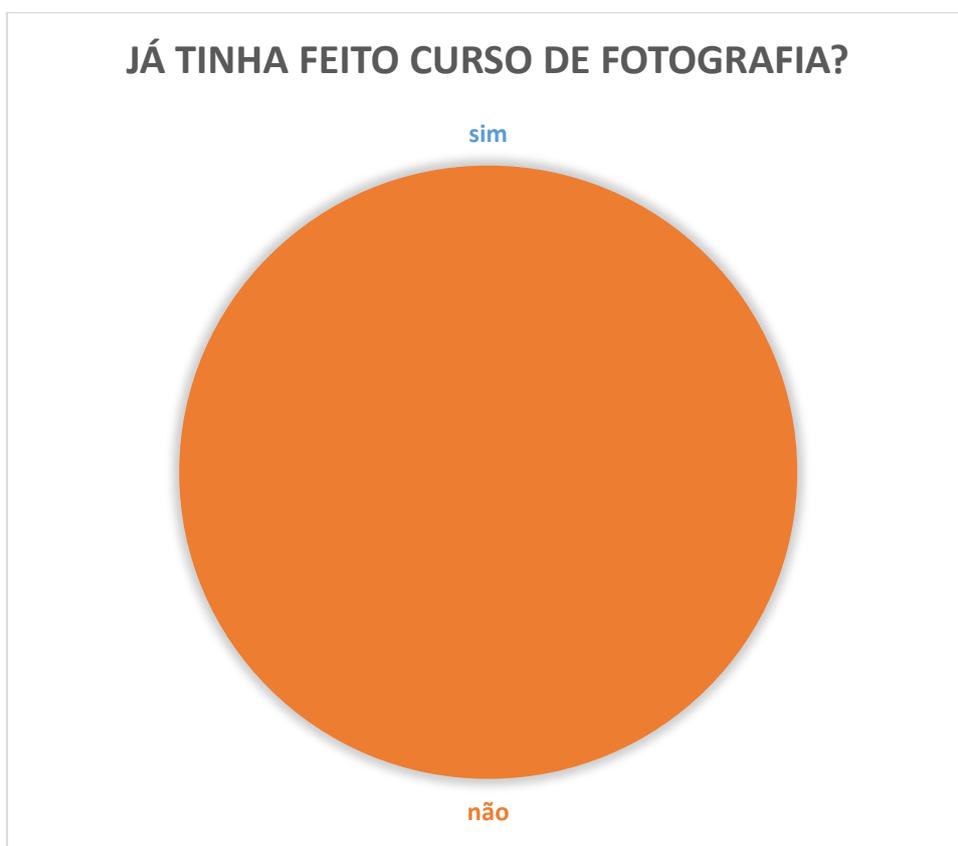
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 9 - Já tinha feito curso de fotografia

sim	0
não	25

Gráfico 5 - Curso de Fotografia



O gráfico 5 indica que apesar do acesso aos equipamentos, nenhum integrante da oficina já havia participado de qualquer curso de fotografia. O dado mostra o apelo que a fotografia exerce no participante e mostra que a prática das oficinas se mostra eficaz na atração dos jovens.

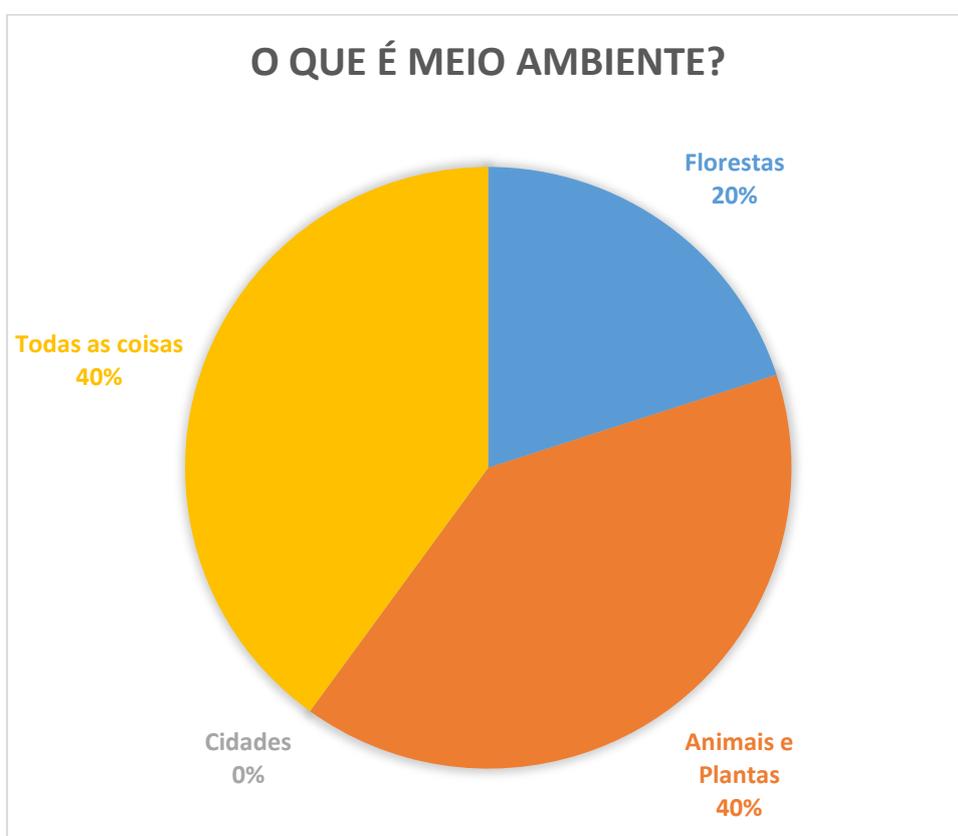
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 10 - O que é meio ambiente

Florestas	5
Animais e Plantas	10
Cidades	0
Todas as coisas	10

Gráfico 6 - O que é meio ambiente



No gráfico 6 percebe-se um conflito na percepção da temática ambiental pelos alunos que em sua maioria não vêem o meio ambiente como sendo todas as coisas que nos cercam e que em sua maioria (60%) possuem um entendimento mais restrito optando por assinalar respostas relativas apenas a fauna e a flora.

Diante desses quantitativos, retorna-se ao exposto por Dias (2004, p.28) de que o ensino formal necessita da ajuda do ensino informal e de uma integração

interdisciplinar para melhor aprendizado e abordagem dos problemas meio ambiente.

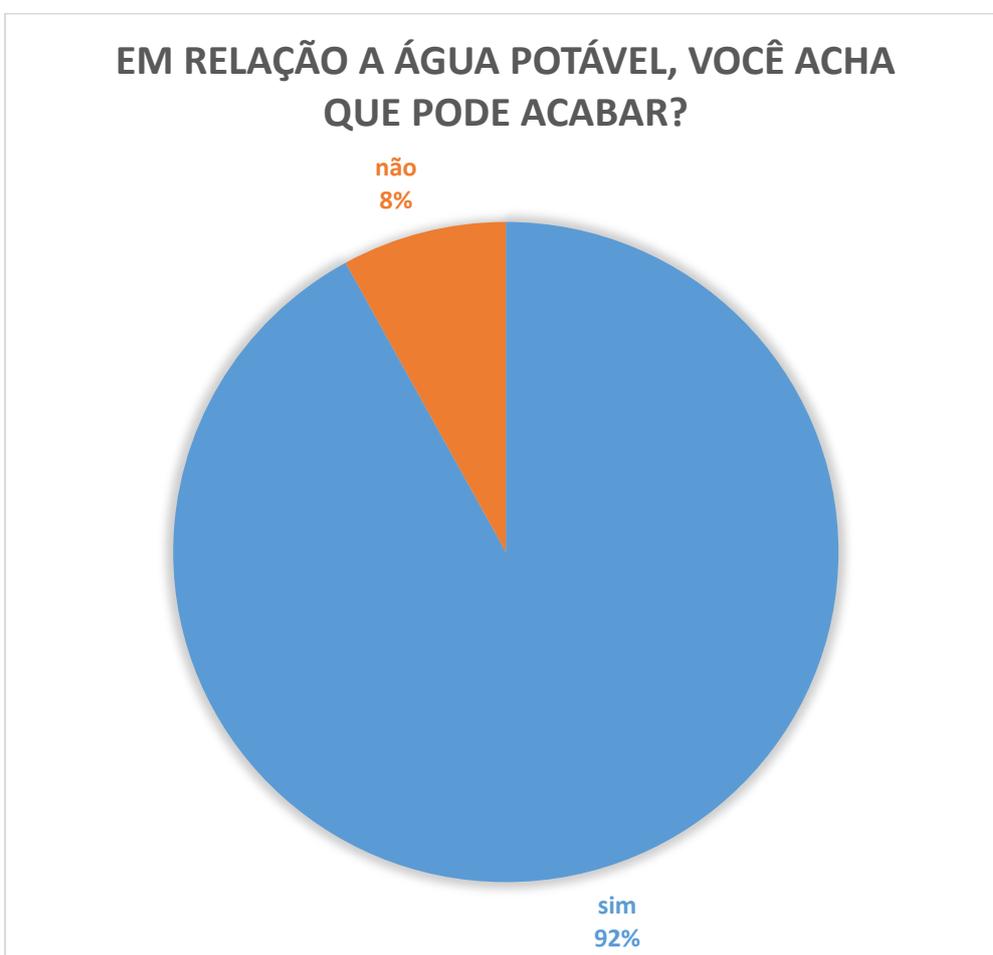
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 11 - Acha que a água pode acabar.

sim	23
não	2

Gráfico 7 - Acha que a água pode acabar



O gráfico 7 revela que apesar de todas as campanhas feitas pelos meios de comunicação, escolas e sociedade, o esforço ainda não é suficiente para acabar com a percepção de que a água é um produto infinito. É um número pequeno, mas que não pode ser ignorado em se tratando da conservação do meio ambiente.

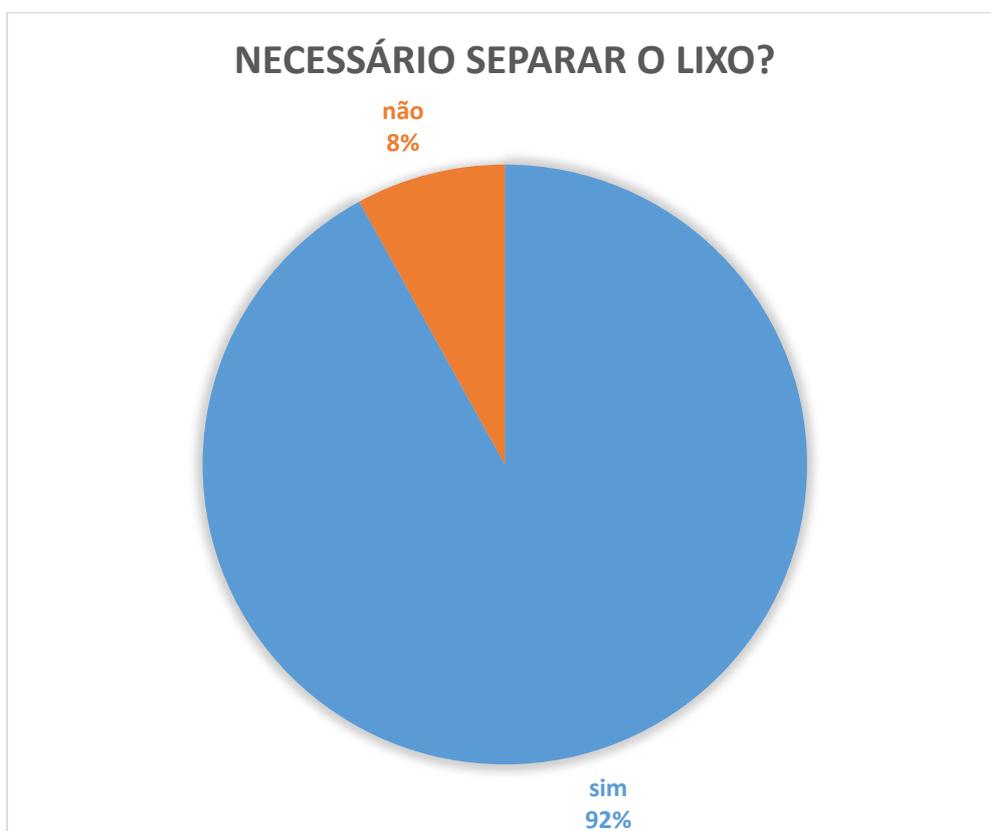
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 12 - Necessário separar o lixo

sim	23
não	2

Gráfico 8 - Necessário separar o lixo



O gráfico 8 mostra que a consciência em relação a separação do lixo está solidificada. O descarte do lixo ainda é um grande problema, mas devemos lembrar que a produção de lixo em excesso é um problema ainda maior.

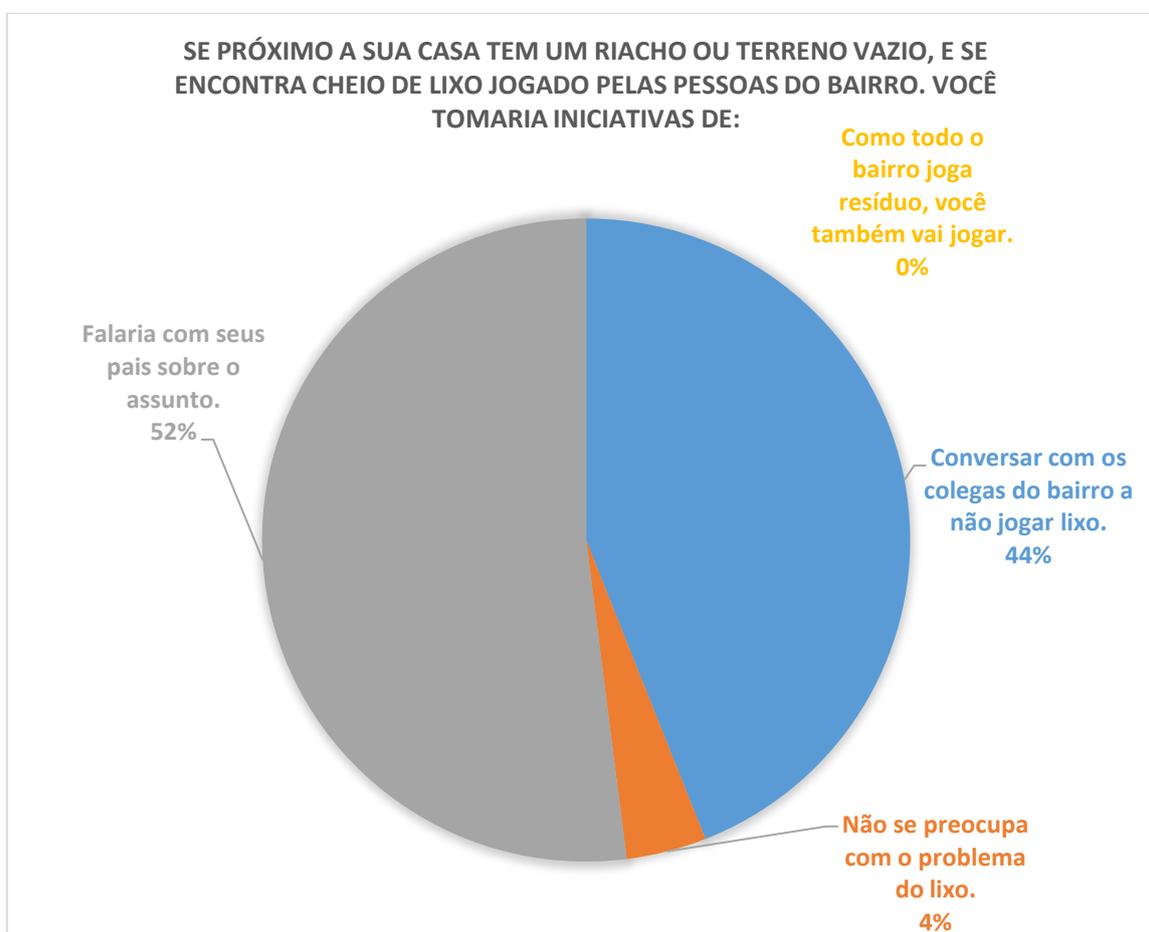
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 13 - Atitude em relação ao lixo urbano

Se próximo a sua casa tem um riacho ou terreno vazio, e se encontra cheio de lixo jogado pelas pessoas do bairro. Você tomaria iniciativas de:	
Conversar com os colegas do bairro a não jogar lixo.	11
Não se preocupa com o problema do lixo.	1
Falaria com seus pais sobre o assunto.	13
Como todo o bairro joga resíduo, você também vai jogar.	0

Gráfico 9 - Atitude em relação ao lixo urbano



Reforçando o dado positivo do gráfico anterior, percebermos que nos dados obtidos no gráfico 9 temos que quase todos (96%) os alunos se encontram em alerta quanto aos problemas do lixo.

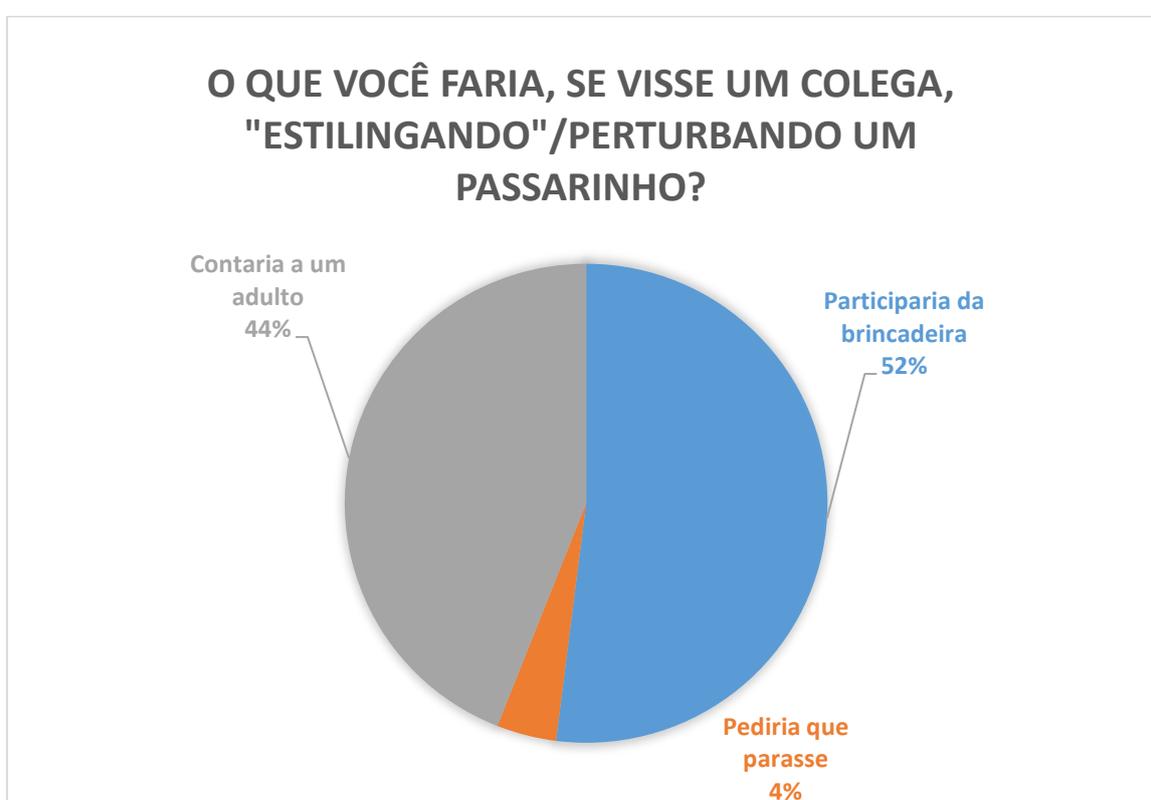
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 14 - Maus tratos dos animais

O que você faria, se visse um colega, "estilingando"/perturbando um passarinho?	
Participaria da brincadeira	13
Pediria que parasse	1
Contaria a um adulto	11

Gráfico 10 - Atitude em relação a maus tratos com animais



O gráfico 10 faz um alerta em relação a temática ambiental. Todas as respostas foram satisfatórias e nenhum aluno se propôs a participar de maus tratos aos animais. Essa atitude pode revelar que muitas vezes as crianças e adolescentes tomam decisões erradas em grupo que podem não ser práticas individuais. E cabe também aos projetos de Educomunicação uma atitude de reforço de que a conservação do meio ambiente é uma prática de todos os dias.

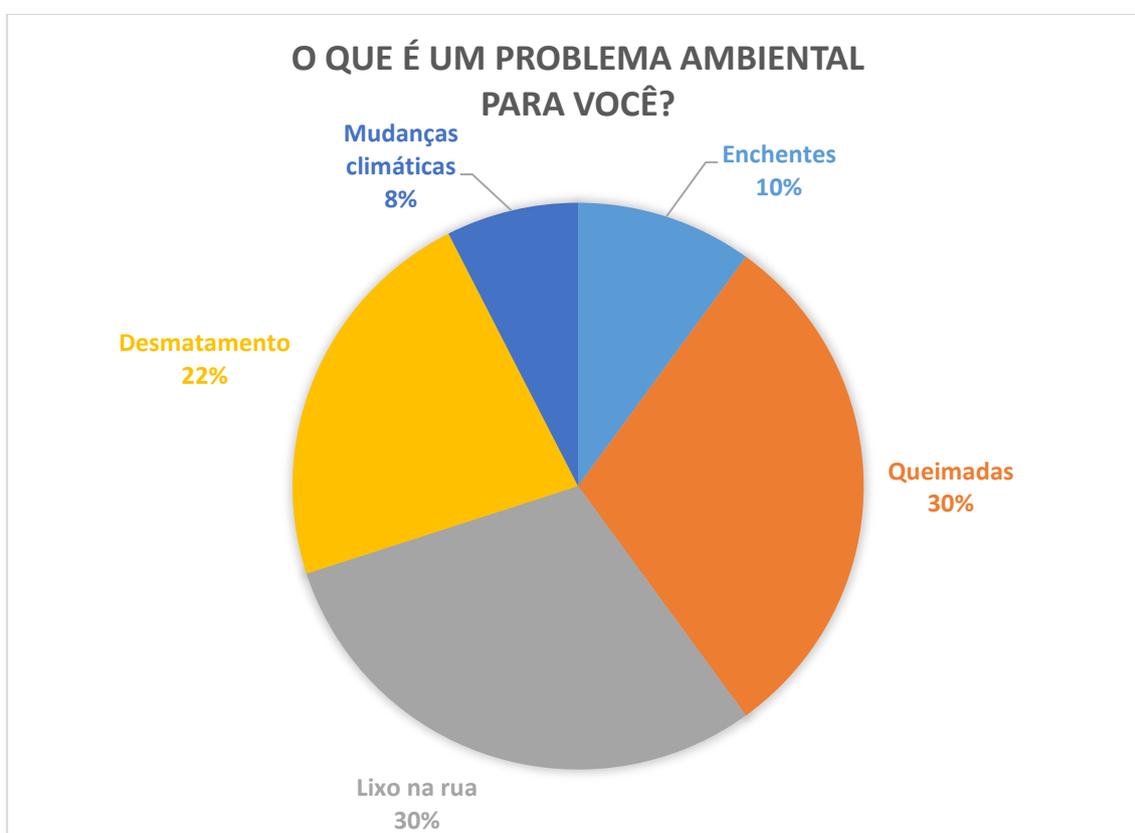
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 15 - Percepção dos alunos sobre o que é um problema ambiental

Enchentes	4
Queimadas	12
Lixo na rua	12
Desmatamento	9
Mudanças climáticas	3

Gráfico 11 - Percepção do alunos sobre o que é um problema ambiental



O gráfico 11 mostra como os alunos estão divididos em relação a sua definição de um problema ambiental. A maioria consideram o lixo (30%) e as queimadas (30%) como sendo os principais. Esse dado pode partir de uma percepção pessoal do lugar em que vivem, sendo que na cidade e nos bairros em que residem esses podem ser os problemas mais aparentes. O desmatamento (22%) surge como terceira alternativa. Imagina-se que itens que possuem mais

lembrança advém de um reforço midiático, que tende a mostrar mais nos meios de comunicação de massa dependendo da época do ano (ex: no verão os meios falam mais da dengue, em setembro época de seca, mais das queimadas). Também são os tópicos mais abordados nos livros didáticos como sendo os principais problemas ambientais.

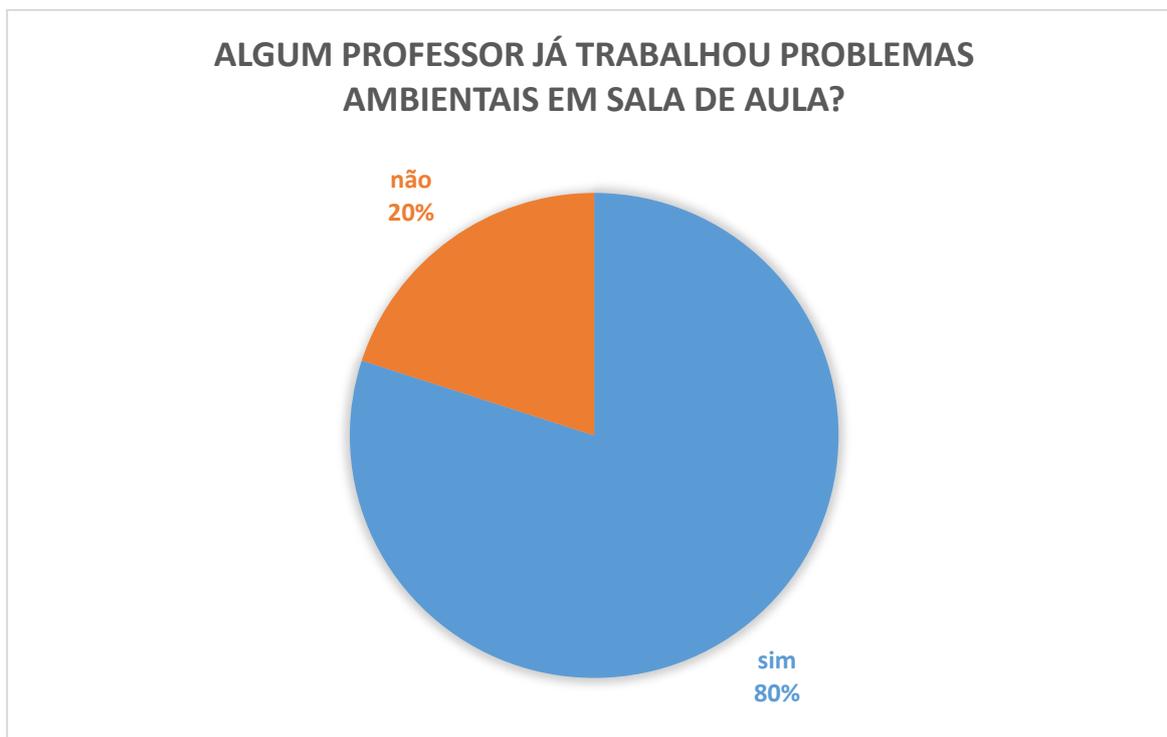
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 16 - Sobre a percepção dos alunos do conteúdo ministrado em sala de aula

Algum professor já trabalhou problemas ambientais em sala de aula?	
sim	20
não	5

Gráfico 12 - Sobre a percepção dos alunos do conteúdo ministrado em sala de aula



O baixo número (20%) de respostas negativas quanto a percepção sobre o conteúdo formal é positivo e demonstra que a escola é o espaço adequado para a discussão, mas conforme estabelecido nesta pesquisa por Barbosa; Pires (2011,

p.71), é necessário que a escola vá além da temática e promova também um sentimento de que todos nós pertencemos a natureza.

Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 17 - A percepção cotidiana dos alunos sobre problemas ambientais

Nos problemas ambientais do dia a dia está incluído	
Só a natureza	1
Só o homem	2
A natureza e o homem	22
Os animais	0
Outros	0

Gráfico 13 - A percepção cotidiana dos alunos sobre problemas ambientais



Os dados do gráfico 13 garantem a esta pesquisa um olhar positivo sobre a importância do tema ambiental para os alunos. Ao observarmos os números expressivos sobre o que está incluído nos problemas ambientais (88% respondeu

que é a natureza e o homem) percebe-se o acerto do Click Verde em permanecer trabalhando com esta temática dentro das oficinas oferecidas pelo projeto.

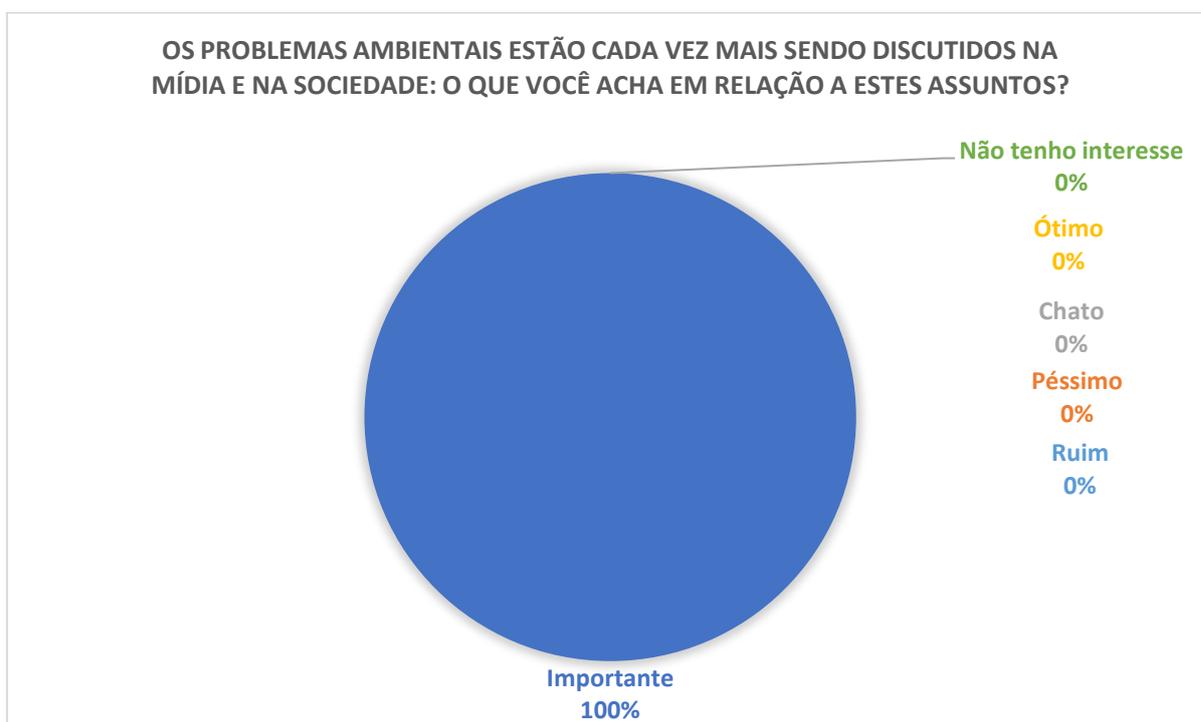
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 18 - Nível de importância dado pelos alunos para o assunto meio ambiente

Os problemas ambientais estão cada vez mais sendo discutidos na mídia e na sociedade: o que você acha em relação a estes assuntos?	
Ruim	0
Péssimo	0
Chato	0
Ótimo	0
Importante	25
Não tenho interesse	0

Gráfico 14 - Nível de importância dado pelos alunos para o assunto meio ambiente



Os quantitativos do gráfico 14 mostram que todos os alunos dão valor as questões de meio ambiente e que o assunto tem uma recepção positiva entre eles. O problema pode estar no modelo expositivo de sala de aula, então, uma proposta,

como a inserção de práticas educacionais, podem auxiliar na melhoria do entendimento da temática e na recepção do conceito.

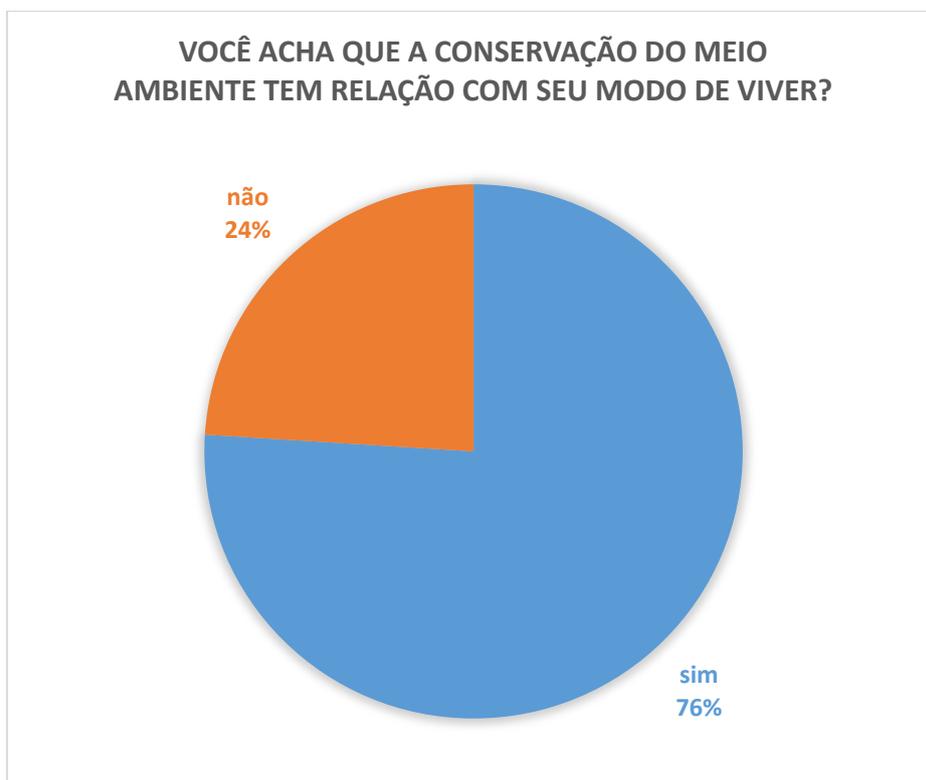
Tamanho da Amostra: 25

Total de Respostas: 25

Tabela 19 - Percepção do aluno em relação do meio ambiente e seu modo de viver

Você acha que a conservação do meio ambiente tem relação com seu modo de viver?	
sim	19
não	6

Gráfico 15 - Percepção do aluno em relação do meio ambiente e seu modo de viver



Mesmo que a maior parte (76%) entenda que a conservação do meio ambiente tem relação direta com a própria vida, o número daqueles que entendem o assunto não ter relação direta (24%) preocupa e alerta, isso demonstra, que mesmo sendo trabalhado pela educação formal, ainda são necessárias ações extracurriculares que reforcem a importância do meio ambiente.

Para finalizar esta parte da análise dos quantitativos, entende-se que o perfil descoberto sugere que a temática tem ampla receptividade entre os alunos e que a fotografia tem grande apelo junto aos adolescentes. Uma das interpretações que pode ser feita do resultado é que a abordagem precisa ser atualizada, e não o conteúdo. Insiste-se que a escola ainda precisa continuar a passar os conceitos através de seus modelos tradicionais, mas que a Educomunicação tem muito a acrescentar e a auxiliar neste processo.

Entretanto, essas ações são pontuais e não atingem toda a massa das escolas. Ainda é necessário que o conceito de Educomunicação ganhe mais adeptos para que a prática passe a constar não apenas como uma opção pedagógica, mas como ação cotidiana nas escolas.

3.3.2. Análise documentária das fotografias

Em uma segunda etapa de análise, foram solicitadas as fotografias produzidas durante as duas oficinas e para esta discussão optou-se pela utilização de um fichamento constituído através da tabela de análise documentária proposta na metodologia desta pesquisa.

No recorte desta pesquisa, as oficinas do Click do Verde aconteceram obedecendo a mesma dinâmica nas duas escolas. Não há na proposta do projeto (ver ANEXO B) uma formatação oficial das atividades, e estas aconteceram da seguinte forma: cinco dias seguidos de atividades, de segunda a sexta-feira, sempre no período vespertino, das 14h às 17h. No primeiro dia, antes de qualquer atividade, houve a aplicação do questionário, depois foi feita uma apresentação do projeto Click Verde para os participantes e em seguida a explicação de conceitos básicos e da importância do meio ambiente.

Estes conceitos de meio ambiente foram ministrados em parceria com o Projeto de Extensão Construindo Saberes em Engenharia, do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da UCDB. Sobre os conceitos, foi feita uma entrevista com o Professor Fernando Jorge Magalhães Filho, que explicou que além dos assuntos que orientam a educação ambiental o projeto faz explicações dos princípios básicos da EA e também dos problemas mais frequentes em solo brasileiro.

No segundo, terceiro e quarto dias são realizadas as oficinas de fotografia e ao final do quarto dia é solicitada uma atividade ao aluno participante da oficina que

faça uma fotografia a partir de seu *smartphone* com olhar crítico do que o aluno entende ser um problema ambiental.

Nenhuma explicação adicional é dada, o tema, a foto e a dimensão expressiva (conceitos relativos a técnica fotográfica) ficam a critério dos alunos. No último dia de oficina é feita a reflexão da produção fotográfica e as fotos são exibidas e analisadas primeiramente pelo tema e depois pela estética fotográfica para todos os alunos.

Nesta pesquisa o foco da análise das imagens está no que diz respeito ao conteúdo informacional fornecido pela tabela de análise documentária. Análises estéticas a cerca da composição ou mesmo da qualidade fotográfica não pairam sobre esta discussão. Sendo assim, dentro dos três parâmetros propostos por Smit (1987), há a necessidade de catalogar como a fotografia foi feita, o local e o assunto principal. Por isso, ficaremos restritos as análises que dizem respeito ao campo de conteúdo informacional.

Ao todo, foram 13 fotografias relevantes produzidas pelos alunos das oficinas do Click Verde. Outras produções, como testes e experiências em sala de aula, fotos do grupo, foram excluídas da análise. Para cada fotografia, foi feito um fichamento com a tabela de análise documentária.

Figura 4 - Fotografia com indício de queimada.



Tabela 20 - Análise Documentária da Figura 4

Figura 4	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Terreno com folhas e cinzas	Queimada	Exposição automática, luz diurna, posição normal, paisagem, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande, Bairro Mata do Jacinto		
Quando	Setembro 2016		

Observa-se pelo conteúdo informacional da imagem, que a fotografia produzida retrata o problema ambiental da realização de queimadas para limpeza de terrenos ou queima de lixo. Existe uma percepção geral de que este continua sendo um costume comum na região e que portanto, faz parte da realidade cotidiana.

Figura 5 - Fotografia de entulhos de lixo acumulados.



Tabela 21 - Análise Documentária da Figura 5

Figura 5	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Entulho, acúmulo de lixo.	Lixo urbano	Exposição automática, luz diurna, posição normal, paisagem, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande, Bairro Mata do Jacinto		
Quando	Setembro 2016		

A estética e a distância do motivo da fotografia prejudicam um pouco a qualidade, mas não deixa de ser relevante que na região existam focos de acúmulo de lixo. Ao trafegar diariamente pelas ruas, o aluno faz o registro de um motivo que talvez não saiba explicar porque chama a sua atenção.

Figura 6 - Entulhos e sujeira acumulados em terreno baldio.



Tabela 22 - Análise Documentária da Figura 6

Figura 6	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Entulho, sujeira, terreno baldio.	Lixo urbano	Exposição automática, luz diurna, posição alta, natureza, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande, Bairro Mata do Jacinto		
Quando	Setembro 2016		

A luz lateral do sol quente entrando na esquerda superior produzem um efeito estético que remetem a felicidade. No entanto, a beleza da fotografia acaba quando olha-se para o conteúdo informacional da imagem que mostra o acúmulo de lixo em um terreno baldio.

Figura 7 - Asfalto esburacado próximo a uma grelha de sarjeta.



Tabela 23 - Análise Documentária da Figura 7

Figura 7	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Grelha de sarjeta, buraco	Esgoto	Exposição automática, luz diurna, posição alta, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande, Bairro Mata do Jacinto		
Quando	Setembro 2016		

Nesta foto, uma dupla crítica. A primeira sobre a baixa qualidade do asfalto da região e também a preocupação com o escoamento das águas pluviais. O ângulo da foto mostra exatamente o ângulo da visão de uma criança olhando para baixo, sendo essa a realidade da rua em que o jovem caminha todos os dias.

Figura 8 - Vazamento de agua na rua.



Tabela 24 - Análise Documentária da Figura 8

Figura 8	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Vazamento de água, asfalto	Desperdício de água.	Exposição automática, luz diurna, rotação da câmera, posição alta, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva		
Quando	Novembro 2016		

Uma das preocupações dos alunos reportadas na análise dos quantitativos foi que a água pode acabar um dia. Sendo assim, a foto acima evidencia esta preocupação no retrato de um vazamento de água. O sentido invertido da foto foi mantido, para mostrar a diferença produzida pela mudança que um elemento da dimensão expressiva (no caso, a rotação da camera) pode causar.

Figura 9 - Lixo , sujeira e pichação em uma casa.



Tabela 25 - Análise Documentária da Figura 9

Figura 9	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Sujeira, lixo, pichação.	Lixo urbano	Efeito de desfoque, exposição automática, luz diurna, posição baixa, close, pouca profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Mata do Jacinto.		
Quando	Setembro 2016		

Não é possível identificar o local exato da produção dessa foto, mas poderia ser o pátio da própria escola que o aluno frequenta. Os lugares em que mais prestamos atenção são também aqueles que mais frequentamos, mas a fotografia pode permitir um olhar mais apurado do que o usual.

Figura 10 - Acúmulo de lixo em terreno baldio.



Tabela 26 - Análise Documentária da Figura 10

Figura 10	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Entulho, acúmulo de lixo, terreno.	Lixo a céu aberto. Terreno baldio.	Exposição automática, luz diurna, posição baixa, paisagem, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Mata do Jacinto.		
Quando	Setembro 2016		

A foto é confusa porque o ambiente de produção também é confuso e carregado de elementos perigosos. O jovem correu um pouco de risco para produzir uma foto que realmente pudesse trazer uma discussão de um problema que julgou ser relevante como o lixo acumulado a céu aberto. Este tipo de atitude mostra o como o protagonismo juvenil mostrado nesta dissertação nas palavras de Paulo Freire são importantes para que o aluno se sinta prestigiado ao fazer uma descoberta.

Figura 11 - Cerca elétrica de uma casa.



Tabela 27 - Análise Documentária da Figura 11

Figura 11	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
Quem	Cerca elétrica, casa.	Segurança, proteção.	Exposição automática, luz diurna, posição baixa, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Mata do Jacinto.		
Quando	Setembro 2016		

Na fotografia acima, a cerca elétrica, tão necessária nos dias de hoje, levanta questões que vão além do caráter de fauna e flora das outras fotografias e traz para a discussão o problema da segurança e do aprisionamento que vivemos dentro de nossas casas. Indo além, pode-se até levantar questões do aumento do uso da rede elétrica, o que certamente traria a fotografia para uma temática ainda mais próxima da ambiental.

Figura 12 - Terreno com indício de queimada.



Tabela 28 - Análise Documentária da Figura 12

Figura 12	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
Quem	Terreno baldio	Queimada	Exposição automática, luz diurna, posição normal, paisagem, muita profundidade de campo, efeito preto e branco.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva		
Quando	Novembro 2016		

O uso do preto e do branco causa uma certa tristeza na foto e olhando despretenciosamente não é possível ver com clareza o conteúdo informacional do registro. Só depois de uma análise mais atenta é que percebe-se os indícios de queimada e o acúmulo de detritos no terreno. Esse baixo contraste de elementos atrapalha um pouco o observador que demora a perceber o que o fotógrafo que dizer com a imagem.

Figura 13 - Lixo descartado em terreno baldio.



Tabela 29 - Análise Documentária da Figura 13

Figura 13	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Entulho, acúmulo de lixo	Lixo urbano	Exposição automática, luz diurna, posição alta, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva		
Quando	Novembro 2016		

O lugar parece praticamente o mesmo da foto anterior o que mostra que os alunos podem ter praticado o exercício solicitado de forma conjunta. Este tipo de atitude revela uma integração entre eles, um dos preceitos também esclarecidos da Educomunicação.

Figura 14 - Lixo descartado em estrada de chão.



Tabela 30 - Análise Documentária da Figura 14

Figura 14	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
Quem	Entulho, acúmulo de lixo, estrada de terra	Lixo urbano	Exposição automática, luz diurna, posição normal, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva.		
Quando	Novembro 2016		

A rua sem asfalto mostra mais do que somente a própria rua, mostra que sem uma urbanização adequada o local fica propício ao lixo urbano e ao descaso da própria população.

Figura 15 - Televisão antiga quebrada jogada no meio da rua.



Tabela 31 - Análise Documentária da Figura 15

Figura 15	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Televisão antiga quebrada	Lixo urbano	Exposição automática, luz diurna, posição baixa, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva.		
Quando	Novembro 2016		

A foto está com pouca qualidade devido ao equipamento utilizado pelo aluno e também ficou um pouco azulada, mas não é possível saber se foi feito propositalmente ou se foi cometido um equívoco na produção. Ainda assim, o olhar fotográfico é um destaque e o aluno se posicionou de uma forma inusitada para obter o clique.

Figura 16 - Água suja acumulada em buraco na rua.



Tabela 32 - Análise Documentária da Figura 16

Figura 16	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Buraco na rua com água suja	Água suja, rua com buraco	Exposição automática, luz diurna, posição baixa, close, muita profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Estrela Dalva.		
Quando	Novembro 2016		

A presença de um buraco no asfalto cheio de água suja que também está espalhada próximo evidencia que alguns automóveis ou motocicletas já passaram por ali. Além de ser foco de doenças, buracos também podem causar acidentes.

Figura 17 - Fotografia feita durante oficina do Projeto Click Verde.



Tabela 33 - Análise Documentária da Figura 17

Figura 17	Conteúdo Informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
CATEGORIAS	DE	SOBRE	
Quem	Escapamento de moto	Poluição, trânsito.	Efeito preto e branco, exposição automática, posição baixa, close, pouca profundidade de campo.
Onde	Campo Grande-MS, Bairro Mata do Jacinto.		
Quando	Setembro 2016		

A figura acima, ainda que se demore um pouco a perceber, é de um escapamento de moto e sugere não apenas a poluição como temática central, mas o próprio trânsito em si. O olhar pode remeter não somente ao aumento do número de automóveis e de motos, mas também a violência do trânsito, o que também é um problema de meio ambiente.

As fotos evidenciam os problemas que os alunos presenciavam todos os dias, o que faz com que tragam essa discussão naturalmente para as fotografias e também para a sala de aula. Os temas abordados fazem parte daqueles que são abordados na aula teórica sobre meio ambiente em sua totalidade.

Percebe-se que em todas as fotos produzidas o assunto é quase literal. É como se o aluno-fotógrafo fizesse da fotografia seu meio de reclamação de uma condição que não vê ser possível de modificar sozinho.

Fica apenas a ressalva de que diminuindo o número total de alunos pelo número de fotos produzidas teremos que aproximadamente 50% dos alunos (somando as duas escolas) não entregaram a atividade proposta pelo Click Verde, certamente um número importante, que demonstra que o projeto precisa dar mais tempo para que os alunos pratiquem a produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oficinas de fotografia propiciam uma mudança de conceitos e atitudes quando direcionadas nos moldes da interação educomunicativa e, após esta pesquisa, temos que uma base teórica para mostrar como a Educomunicação pode ser um caminho para propiciar esses direcionamentos.

A pesquisa também se preocupou em mostrar como a fotografia pode ser uma das ferramentas a ser utilizada pela Educomunicação para a Educação Sócioambiental quando esta se permite atuar como um agente de mudanças de conceitos e de comportamentos para os jovens. Também se reflete que os conceitos da Educomunicação não devem ser direcionados para quaisquer projetos envolvidos com tecnologias, porque estas, tão somente pela existência, não são garantia de que a prática do processo educomunicativo se faça presente.

Como fotógrafo há mais de 10 anos e professor há mais de 7 anos, percebo que o recurso das oficinas é atraente aos participantes do projeto que primeiramente almejam a oportunidade de aprender mais sobre o universo da fotografia. É isso que também afirma o CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária ao falar sobre como a fotografia fascina porque dá a chance de capturar rapidamente um momento com o mínimo de esforço nos dias de hoje. Embora, o que seja realmente produtivo sejam as impressões e discussões a cerca da produção das imagens e que o interessante de fato é compreender como os outros veem as coisas, e como irão transmitir um pouco de seus sentimentos nas fotos (CENPEC, 1998).

Percebe-se como é importante essa troca de experiências para que seja possível a construção de um conhecimento compartilhado, não só para os alunos, mas também para professores. Também percebo como fundamental o diálogo proporcionado pelo uso pedagógico da fotografia. Diante de uma sociedade que faz uso da imagem como um dos principais meios de comunicação de conceitos, vejo que existe ainda uma deficiência na utilização das mesmas em sala de aula principalmente quando os alunos são os protagonistas da sua realização.

Como seres midiáticos e tecnológicos, a rapidez proporcionada pode promover um estado de perplexidade que assusta até os mais experientes. Entretanto, os professores necessitam de maior senso crítico na inserção de meios

de comunicação em suas práticas cotidianas. A tecnologia é mais uma ferramenta para se chegar aos objetivos didático-pedagógicos. Com esta pesquisa ficou a experiência que a extensão é um caminho para incorporar estas atitudes, mas não deve ser o único.

De maneira ampliada, considera-se pelos quantitativos dos gráficos que a escola tem grande importância no desenvolvimento do conhecimento sobre problemas ambientais já que um número expressivo de alunos interpretou os assuntos relacionados às temáticas ambientais corretamente. Também se percebe que todos consideram o assunto importante e sabem distinguir os problemas mais comuns relacionados ao seu cotidiano.

Observando o conteúdo informacional das fotografias produzidas pelos alunos das oficinas, nota-se que 100% das mesmas têm características de problemas ambientais, o que vai de encontro ao exposto anteriormente de que um fotógrafo com informação sobre uma temática acerta na sua produção fotográfica. Em sua maioria as fotos são literais e destacam problemas visíveis aos alunos no caminho para a escola ou próximos as suas casas e bairros.

No entanto, ressalta-se que o conhecimento obtido em sala de aula nem sempre está em conformidade com as experiências pessoais, devido à característica genérica do material didático, ficando às vezes em um nível global abstrato. As oficinas educacionais funcionam então como facilitadoras do aprendizado desses problemas ambientais em âmbito local atuando em um nível bem mais específico trazendo o mundo do aluno para dentro da sala de aula e permitindo a todos conhecerem e experimentarem essas realidades, já que nem sempre professores e alunos residem nos bairros das escolas que frequentam.

Se na maioria das fotos foram retratados problemas mais comuns como o lixo urbano, em outras foi possível verificar a presença de outros assuntos como: segurança, violência, trânsito, energia, excesso de consumo. Todos são temas relacionados ao meio ambiente e prontos para oportunizar discussões específicas em sala de aula.

Se as diretrizes da educação ambiental já invocam conceitos de interdisciplinaridade e a comunicação é vista como um processo comunicativo, a Educomunicação faz a junção dessas práticas formando um cidadão mais preparado para lidar com a sociedade tecnológica atual.

Ao trabalhar com fotografia, o Projeto Click Verde demonstra ser possível que os meios de comunicação participem mais ativamente na construção do conhecimento incorporando uma tecnologia já existente na prática pedagógica.

Ainda sobre o Click Verde, é possível afirmar que a análise do documento do projeto propicia indícios de que o mesmo se utiliza da Educomunicação mesmo sem ter a percepção disso. Isto, porque, mesmo com a afirmação na entrevista de que seus idealizadores não fundamentaram o projeto nas bases da ciência, os objetivos do mesmo e a fundamentação teórica do projeto deixam evidentes que é um projeto de Educomunicação confirmando a hipótese inicial da pesquisa. Faz necessária uma reflexão a partir deste exposto, por entender-se que se abre um precedente para que existam outros projetos de Educomunicação nos mesmos moldes espalhados pelo Brasil e que apesar não se autointitulem educacionais, estão praticando cotidianamente a Educomunicação em suas ações.

A partir desta análise fica a sugestão para que outros projetos propiciem através de oficinas educacionais o aumento do diálogo, do protagonismo juvenil e da interação entre professor e aluno no intuito de sensibilizar a sociedade para assuntos urgentes como a educação socioambiental.

A Educomunicação torna-se importante na busca da transformação da educação tradicional no que diz respeito a uma maior participação dos alunos em projetos que ajudam a sala de aula e no fortalecimento da relação professor-aluno.

Considerando ainda a interdisciplinaridade, pede-se também que projetos como a Educomunicação auxiliem no trabalho de todas as disciplinas e não somente fique sob a responsabilidade de um único docente na escola (geralmente com o professor de artes ou educação física). Esta é uma prática a ser incorporada por todos, abrangendo horizontalmente e verticalmente todas as disciplinas.

Foi feita ainda uma sugestão ao Projeto Click Verde para que atualize seu questionário de pesquisa, atualizando principalmente a captação de dados no tocante a classificação socioeconômica.

E por último, fica ainda uma indagação a ser respondida em projetos futuros. Será que projetos de extensão para atender, com plenitude, a relação entre a academia e a comunidade deveriam ser fundamentados na educação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE-DUVERNOY, Doriele; RÉGNIER, Jean-Claude. **A Educomunicação como princípio indissociável da extensão universitária, do protagonismo juvenil e da coesão social**: o caso da rede coque vive. in Unisul, Tubarão, Número Especial, p. 149 - 164, Jun./Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1171>>. Acesso em: 25 de mai 2107.
- ABEP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/VzCjXq>>. Último acesso em: 10 jun 2017.
- ALVES, Patrícia Horta. **Gênese teórica e prática da Educomunicação**. Santos-SP, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2403-1.pdf>>. Acesso em: 19 fev 2017.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **Inéditos - Vol. 3 - Imagem e Moda**. São Paulo: Martin Editora, 2005.
- _____. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Disponível em: <<https://goo.gl/rM7Z8G>>. Acesso em: 24 mar 2015.
- BERGUER, John. **Modos de ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BLEGER, José. **Temas de Psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José. **A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental**. In: *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p.
- BOULDING, Kenneth E. (1956). **The Image**. Knowledge in Life and Society. Ann Arbor (Mich.): The University of Michigan Press, 175p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: Bases legais. Brasília, MEC/SEB, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei 9.394, de 20/12/1996. Brasil. Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931.149-161, 2010.
- _____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e>>

qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 08 de jan. de 2017.

_____. **Lei no 9.795**, de 27 de abril de 1999. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 05 out 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA** - 4ª ed. 114p. Brasília, 2014. Disponível em <[http:// https://goo.gl/f40MYs](http://https://goo.gl/f40MYs)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Programa de Educomunicação Socioambiental. **Série Documentos Técnicos 2**. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2005. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016..

_____. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em <<https://goo.gl/JGI3Rh>> Acesso em: 15 nov. 2016.

BUENO, André. **Cedeca Interlagos: Fotografia e Educomunicação para o desenvolvimento humano**. São Paulo,, 2012. Disponível em: <<http://pontosdevista.org/Content/Upl/Arquivo/4bda09b0-574a-4a81-a18c-396509d634a4.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2016.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Pioneira, 1988.

CALVINO, Italo. (1990). **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras.

CARLOS, E. J. Introdução: a importância do ato de ver. In: CARLOS, E. J.; VICENTE, D. do S. S. (Org.). **A Importância do Ato de Ver**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011. p. 7–28.

_____. O texto em questão: re-significação conceitual e implicações pedagógicas. **Revista Conceitos**, João Pessoa, n. 8, p. 61–73, 2002.

_____. Sob o signo da imagem: outras aprendizagens, outras competências. In: CARLOS, E. J. (Org.). **Educação e Visualidade: reflexões, estudos e experiências pedagógicas com a imagem**. João Pessoa: UFPB, 2008. p. 13–35.

CASASÚS, José Maria. **Teoria da Imagem**. Rio de Janeiro, Salvat, 1979.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). **A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Roberta Dall Agnese da. LOPES, Paulo Tadeu Campos. **Educação ambiental escolar crítica: as contribuições de Marcos Reigota**, 2013. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/284727265>>. Último acesso em: 08 jan de 2017.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação e Gestão Ambiental**. São Paulo: Gaia, 2006.

DOMINGOS DA SILVA, F. P. **Princípios Educomunicativos**: Uma análise sobre a Série Infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 14, 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2009. p. 94-115.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP : Papyrus, 2007.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Inovação, mudança e cultura docente**. Brasília: Liber Livro, 2006.

FERRARA, Lucrecia d'Alessio. **Olhar periférico**: informação, linguagem, percepção ambiental. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

FERNANDES, L. F.; FELIZOLA, M.P.M.; DE CARVALHO, K. M.; GOMES, L. J.. **Estudo de caso das oficinas de Educomunicação Ambiental desenvolvidas pelo Mídia Jovem**. In: Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte-Porto Velho ,13p., 18 a 20 de Julho, 2009.

FILHO, José Estornio. **A representação da imagem**: indexação por conceito e por conteúdo. São Paulo: 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, juventude e memória cultural**. Educação e Sociedade, v.29, n° 104. p. 667-686, 2008.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Boockman, 2004.

FORPROEX - XXXI ENCONTRO NACIONAL DO FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 28 novembro 2016

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A mensagem de Paulo Freire**: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. São Paulo: Nova Crítica, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade** – e outros escritos. 3. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GADOTTI, Maurício. **A escola frente à cultura midiática**. In: OROFINO, Maria Isabel.

GHEDIN, E. **Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. 3ª ed. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**, 3ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Os Tempos da Fotografia**. O Efêmero e o Perpétuo, São Paulo: Atelier Editorial, 2007.
- KUBRUSLY, Cláudio. **O que é fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos; 1982
- LACERDA, Aline L. **Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 41-54, jan./dez. 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. SÃO PAULO, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/publico/Tese.pdf>>. Acesso em: 13 mar 2017.
- MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital**. Barcelona: Paidós Comunicación. 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- MASCARO, Cristiano. **Desfeito e Refeito**. São Paulo: BEI Comunicação, 2007.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação. nº 5 e 6. p. 05-14, 1997.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=educ>>. Acesso em: 07 abr. 2017.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In. GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). **Textos em representações sociais**. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2013.

PENN, G. **Análise semiótica de imagens paradas**. In: Bauer, M. W.; Gaskell G. (eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.319-342.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação**: quando aprender é fazer. Bauru: Edusc, 2004.

PINHEIRO, Rose Mara. **A Educomunicação nos centros de pesquisa do país**. Um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo. Tese. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

RATTO, Cleber Gibbon. **Novas Territorialidades limites e possibilidades educativas de enfrentar o vazio na cultura da imagem**. In: Cleuza Maria Sobral Dias; Lúcia Maria Vaz Peres. (Org.). Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si. 1ed.Porto Alegre; Natal; Salvador: EDIPUCRS; EDUFERN; EDUNEB, 2012, v. 1, p. 211-242.

REIGOTA, Marcos. **Desafios à educação ambiental escolar**. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998. p.43-50.

REIGOTA, Marcos. **O Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil** in: Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 2, n. 1 – pp. 33-66, 2007.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos & COLESANTI, Marlene T. de Muno. **Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação** in: Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (1): 51-66, jun. 2008

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.

_____. **As três matrizes do pensamento e linguagem**: sonora, visual e verbal. São Paulo, 1999. Comunicação verbal oral (Disciplina de Doutorado ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Será, em breve, publicado sob a forma de livro.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº 46.211**, de 15 de agosto de 2005. Regulamenta o Programa EDUCOM - Educomunicação pelas ondas do rádio, instituído no Município de São Paulo pela Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004. Secretaria do Governo Municipal, São Paulo, SP, 15 ago. 2005.

SHATFORD, Sara. **Analyzing the subject of a picture**: a theoretical approach. Cataloging and Classification Quarterly, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SILVA, Márcia Barbosa da; PACHECO, Milena; RUTHS, Jeynnie. **A contribuição da Educomunicação em atividades formativas de extensão**. 14º CONEX. 9 a 11 de junho de 2016. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR. 2016.

SILVA, Priscila Kalinke. **A fotografia como recurso na educação para a cidadania**. In: V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. UNICENTRO, Guarapuava/PR – 8 a 10 de outubro de 2009.

SILVA, Margarida S. M. do M. **Calça quadrada, cabeça redonda?** Desenho animado na educação. In: CARLOS, J. C. (Org.). Por uma pedagogia crítica da visualidade. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.

SILVEIRA, L. S. da, ALVES, J. V. (2008). **O uso da fotografia na educação ambiental:** tecendo considerações. Revista Pesquisa em educação ambiental, vol. 3, n. 2, p. 125-146.

SMIT, Johanna W. **A representação da imagem.** Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v. 2, n. 2, p. 28-36, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3191>>. Acesso em: 24 Nov 2016.

_____. **A representação da imagem.** Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

_____. **Análise documentária:** a análise da síntese. 2a ed. Brasília: IBICT, 1989. A análise da imagem: um primeiro plano, p. 101-113.

_____. **Propostas para a indexação de informação iconográfica,** 1997b. (Mimeo).

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?**, [2004]. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. **A Formação do Educomunicador:** 15 anos na busca de uma mais profunda interrelação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes. CD-ROM. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação -2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.

_____. **A Comunicação/Educação como novo campo do conhecimento e o perfil de seu profissional.** Nexus, São Paulo, v. Ano III, n.5, p. 07-28, 1999.

_____. **Educomunicação** [livro eletrônico]: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação** (Editora Paulinas). Comunicação & Educação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>>. Acesso em: 20 fev. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v19i2p135-142>.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981.

STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa.** São Paulo: Cultrix, 1966.

TOFLER, Alvin. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

UBEE - UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO. **Educomunicação: um caminho para o Protagonismo de Crianças, Adolescentes e Jovens.** In: IX Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do

Paraná. 2015. Fascículo Temático. Disponível em: <<https://goo.gl/euQnP3>>. Acesso em: 20 dez 2016.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **El análisis del “contrato de lectura”**: un nuevo método para los estudios del posicionamiento de los soportes de los media. In: VERÓN, Eliseo. *Les medias: experiences, recherches actuelles, applications*. Paris: IREP, 1985. Disponível em: <http://goo.gl/m9x38Z>. Acesso em: 09 de junho de 2015.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

VIEIRA, Roberto F. **A iniciativa privada no contexto social**: Exercício de Cidadania e Responsabilidade Social in RP in Revista. ANO 5 – N.22 – SALVADOR/BA – MAI, 2007 – ISSN: 1809-1687.

APÊNDICES

APÊNDICE A -	Entrevista com a Professora Claudia Mara Stapani Ruas	129
APÊNDICE B -	Entrevista com o Professor Elton Tamiozzo	130
APÊNDICE C -	Entrevista com o Professor Fernando Jorge Magalhães Filho ...	131

APÊNDICE A - Entrevista com a Professora Claudia Mara Stapani Ruas

Pergunta: No período em que planejou a primeira versão do Projeto de Extensão Click Verde, você tinha conhecimento da Educomunicação?

Resposta: Embora tivesse conhecimento a respeito desse formato educacional que se apodera de recursos midiáticos, esse projeto não foi construído a partir desse princípio.

Pergunta: Se sim utilizou seus conceitos teórico-práticos para a construção do projeto?

Resposta: Como não possuía o conhecimento da Educomunicação, não pesquisei os conceitos.

Pergunta: Se não, o que usou como parâmetro para a construção do projeto?

Resposta: Algumas constatações no cotidiano dos alunos e da sociedade levaram o curso de Publicidade/UCDB a estruturar esse projeto.

Primeiramente, como coordenadora e professora, observei o fascínio, pelos alunos, pela fotografia. Era notório o interesse principalmente dos alunos de publicidade e propaganda em registrar experiências cotidianas por meio da fotografia, atualmente digital.

Em segundo lugar estava sendo inserido na grade conteúdos que contemplassem a preocupação com o meio ambiente e a necessidade de uma maior reflexão sobre sustentabilidade. Dessa forma, reunindo esses dois pontos e com a intenção de fazer com que os alunos tivessem o interesse de colocar a mão na massa produzindo material diferenciado sobre o meio ambiente surgiu a ideia de escrever esse projeto de extensão. Com o intuito de fomentar o uso da fotografia como um novo modo de comunicar, informar, ver, reconhecer, registrar e divulgar os espaços verdes da nossa cidade nasceu o Click Verde. Complementando esse objetivo, a partir desse projeto, pretende estimular o uso da fotografia como ferramenta na educação ambiental, registrando de forma criativa e pessoal, a realidade socioambiental da cidade de Campo Grande, MS.

APÊNDICE B - Entrevista com o Professor Elton Tamiozzo

Pergunta: No período em que planejou o questionário de pesquisa socioambiental para o Projeto Click Verde, você tinha conhecimento da Educomunicação?

Resposta: Conhecia superficialmente o conceito.

Pergunta: Se sim utilizou seus conceitos teórico-práticos para a construção do questionário de pesquisa?

Resposta: Como só tinha conhecimento superficial sobre Educomunicação, ela nem foi lembrada no momento da construção do questionário.

Pergunta: Se não, o que usou como parâmetro para a construção do questionário sócioambiental?

Resposta: O questionário foi baseado em um questionário utilizado pelo grupo arte-educação, mantido pelo Jornalista Eduardo Romero, e por um questionário utilizado por outro projeto de extensão da UCDB, chamado Construindo Saberes em Engenha, da Engenharia Sanitária e Ambiental, que faziam diagnósticos parecidos com o que precisávamos no projeto.

APÊNDICE C - Entrevista com o Professor Fernando Jorge Magalhães Filho

Pergunta: Que tipo de conceitos que são passados sobre educação ambiental em uma aula para alunos do ensino médio?

Resposta: Os conhecimentos devem ser apenas os iniciais, dependendo do tempo e do público.

Pergunta: Professor, de que forma são passados esses conceitos?

Resposta: Geralmente utiliza-se uma aula expositiva, ministrada com uma apresentação em *datashow*.

Pergunta: E quais são os temas abordados nesta apresentação?

Resposta: Como o tempo é muito curto, então fazemos um apanhado geral passando primeiro pelos conceitos gerais de ecologia e meio ambiente e o que são recursos naturais. Também destacamos o que é preciso para conviver em harmonia com a natureza e logo após é feita uma explicação dos princípios básicos da educação ambiental, os conceitos de desenvolvimento sustentável e os problemas ambientais mais comuns como: poluição da água, do ar e do solo, o desmatamento, o depósito e disposição de lixo em locais inadequados, a caça e a pesca predatórias, o desperdício de alimentos e de recursos naturais e por ultimo o aquecimento global.

ANEXOS

ANEXO A - Questionário de Pesquisa aplicado	133
ANEXO B - Proposta do Projeto Click Verde	135

Você já viu um animal silvestre

Sim

| Não

Qual?

Você acha que a conservação do meio ambiente tem relação com o seu modo de viver?

Sim

| Não

Porque? _____

Assinale o que é um problema ambiental para você? (Aqui pode escolher duas opções)

Enchentes

| Desmatamento

Queimadas

| Mudanças Climáticas

Lixo na rua

Algum professor já trabalhou problemas ambientais em sala de aula?

Sim

| Não

Nos problemas ambientais do dia a dia está incluído:

Só a Natureza

| Os animais

Só o homem

| Outros

A natureza e o homem

Os problemas ambientais estão cada vez mais sendo discutidos na mídia e na sociedade: o que você acha em relação a estes assuntos:

Ruim

| Ótimo

Péssimo

| Importante

Chato

| Não tenho interesse

Qual dos equipamentos tem a disposição para fotografar (não precisa ser seu, pode ser de alguém da sua família – pai, mãe, irmãos)?

Celular com câmera

| Máquina fotográfica
comum

| Máquina fotográfica
que troca a lente

Já fez algum curso de fotografia?

Sim

Não

ANEXO B - Formulário de Proposta de Projeto de Extensão – 2016 – Click Verde

**FORMULÁRIO DE PROPOSTA DE
PROJETO DE EXTENSÃO – 2016**

CLICK VERDE

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	139
2. EQUIPE DE EXECUÇÃO	140
2.1. RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA/PROJETO:.....	140
2.1.1. Demais professores integrantes da equipe (copiar e colar quantos forem necessários)	141
3. DETALHES DA PROPOSTA.....	142
3.1. DIAS DE EXECUÇÃO:.....	143
3.2. PÚBLICO-ALVO.....	143
3.3. PARCERIAS: (ENVIAR EM ANEXO ÀS COMPROVAÇÕES DAS PARCERIAS):	143
3.3.1. Interna (Liste).....	143
3.3.2. Externas (Liste)	143
3.4. CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO	144
3.5. DESCRIÇÃO DA AÇÃO.....	144
3.5.1. Justificativa	144
3.5.2. Fundamentação Teórica	145
3.5.3. Objetivos.....	149
3.5.4. Metodologia e Avaliação.....	150
3.5.5. Relação Ensino, Pesquisa e Extensão	151
3.5.6. Avaliação	152
3.5.7. Referências Bibliográficas	152
3.5.8. Observações.....	153
4. DIVULGAÇÃO/CERTIFICADOS	154
5. OUTROS PRODUTOS ACADÊMICOS	155
6. ANEXOS.....	156
7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	157
8. DESPESAS (TODA DESCRIMINADA. INCLUSIVE BOLSISTAS)	158
8.1. DIÁRIAS.....	158
8.2. MATERIAL DE CONSUMO.....	158
8.3. MATERIAL PERMANENTE.....	158
8.4. PASSAGENS	158
8.5. SERVIÇOS DE TERCEIROS – FÍSICA.....	158
8.6. SERVIÇOS DE TERCEIROS – JURÍDICA.....	158
8.7. BOLSA DE EXTENSÃO	158
8.8. OUTRAS DESPESAS	159
8.9. ORÇAMENTO CONSOLIDADO.....	159
9. PLANO DE TRABALHO (ATRIBUIÇÕES/FUNÇÕES DE CADA PROFESSOR/ACADÊMICO PARTICIPANTE DO PROGRAMA/ PROJETO):.....	160
9.1. PROFESSOR.....	160
9.1.1. Parte Teórica.....	160
9.1.2. Parte Prática	161

9.2. ACADÊMICOS.....	162
----------------------	-----

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Título: Click Verde

Área temática principal: Meio Ambiente

Coordenador: Eduardo Perotto Biagi

Tipo da Ação: Educativa e informativa

Ações Vinculadas:

Início Previsto: Janeiro:2016

Término Previsto: Outubro/2016

Possui Recurso Financeiro: Sim

Órgão Financeiro: Parceria com o gabinete do vereador Eduardo Romero na cedência de ônibus para levar os alunos nas saídas fotográficas e no grupo de teatro Arte Educação.

2. EQUIPE DE EXECUÇÃO

2.1. RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA/PROJETO:

Nome completo:	Eduardo Perotto Biagi			RF:	4082-7		
Curso(s):	Jornalismo / Publicidade e Propaganda / Design		Ramal UCDB:	3740			
Titulação:	Especialista	E-mail	adobiagi@ucdb.br				
End. residencial	Rua/Av: Tulio Abrão			N°	54		
Bairro:	Jardim Mansur	CEP:	79051-610	Cidade:	Campo Grande	Estado	MS
Tel residencial:	3204-3746	Tel celular	9965 4746		CH semanal:	4h	
Função no projeto	Coordenador	Dia e horário no projeto					

2.1.1. Demais professores integrantes da equipe (copiar e colar quantos forem necessários)

Nome completo:	Claudia Mara Stapani Ruas			RF:	5220-5		
Curso(s):	Jornalismo / Publicidade e Propaganda		Ramal UCDB:	3740			
Titulação:	Doutora	E-mail	claudia@ucdb.br				
End. residencial	Rua/Av: Brilhante			Nº	2013		
Bairro:	Amambai	CEP:	79006-560	Cidade:	Campo Grande	Estado	MS
Tel residencial:	3331 1367	Tel celular	9221 0155		CH semanal:	2h	
Função no projeto	Supervisora	Dia e horário no projeto					

Nome completo:	Elton Tamiozzo de Oliveira			RF:	7735-6		
Curso(s):	Jornalismo / Publicidade e Propaganda / Design		Ramal UCDB:	3740			
Titulação:	Especialista	E-mail	eltontamiozzo@ucdb.br				
End. residencial	Av. Semiramis			Nº	313, Casa 56		
Bairro:	Rita Vieira	CEP:	79052-601	Cidade:	Campo Grande	Estado	MS
Tel residencial:		Tel celular	9221-3377		CH semanal:	2h	
Função no projeto	Supervisor	Dia e horário no projeto					

3. DETALHES DA PROPOSTA

Carga Horária Total da Ação:

- 8h semanais

Justificativa da Carga Horária:

- 4h (1 dia por semana) destinado para realização dos treinamentos e saídas fotográficas com os alunos do ensino médio;
- 4h (1 dia) destinado para planejamento das atividades e confecção de material, tratamento das imagens e treinamento dos acadêmicos extensionistas.

Periodicidade:

- Anual

A Ação é Curricular?

- Pode envolver as disciplinas de Produção em Comunicação I e II, Fotografia publicitária e fotojornalismo, Direção de arte (I e II), Linguagens em comunicação e Semiótica (trabalhada na disciplina de Tópicos em Comunicação).

Abrangência:

Tem Limite de Vagas?

- () não (X) sim .
- Quantos? Até 30 alunos por turma atendida.

Local de Realização (setor, área, curso):

- Espaços verdes da capital;
- Escolas públicas parcerias;
- LabCom UCDB.

Rua/Av: LabCom UCDB - Rua/Av: Tamandaré, 6000

Bairro: Jardim Seminário

Cidade: Campo Grande

CEP: 79117-900

Telefone: 3312-6740

Período de Realização:

- Início: Janeiro / 2016

- Término: Outubro / 2016

3.1. DIAS DE EXECUÇÃO:

- Terça, quinta e sexta-feira, das 13h às 17h.
- Quando necessário, pode acontecer em horários diferentes do inicialmente previsto (quando a ação acontecer aos fins de semana, quando o dia de execução do projeto de extensão for outro, etc.)

Tem Inscrição? (X) não () sim. A parceria é feita diretamente com as escolas municipais, os alunos não precisam realizar inscrição.

3.2. PÚBLICO-ALVO

Nº Estimado de Público:

- Alunos do ensino fundamental: 120 (2 escolas por semestre, com cerca de 30 alunos por turma).
- Na participação do projeto em eventos da Extensão não é possível mensurar o público, pois depende do tamanho do evento.

Discriminar Público-Alvo:

- Alunos do 7º, 8º ou 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas.

3.3. PARCERIAS: (ENVIAR EM ANEXO ÀS COMPROVAÇÕES DAS PARCERIAS):

3.3.1. Interna (Liste)

O Projeto Click Verde firmou uma parceria com o Projeto Saberes em Engenharia para que o mesmo atue na educação ambiental, além disso, o projeto participará dos eventos da Extensão realizando a cobertura fotográfica caso seja necessário.

3.3.2. Externas (Liste)

- Gabinete do vereador Eduardo Romero;
- Escola Estadual José Antônio Pereira;
- Escola Estadual General Malan;
- Escola Particular GAPPE de Educação Infantil e Ensino Fundamental;
- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Curso de Bacharelado de Artes Visuais.

3.4. CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO

Área de Conhecimento: Meio Ambiente

Área Temática Principal: Fotografia

3.5. DESCRIÇÃO DA AÇÃO

Resumo da Proposta:

A proposta é a utilização de oficinas e saídas fotográficas para fomentar o uso da fotografia como um novo modo de comunicar, informar, ver, reconhecer, registrar e divulgar os espaços verdes da capital sul-mato-grossense.

Optou-se pela fotografia, pois sempre foi natural o homem procurar o registro puro e simples das belezas à sua volta. Um único símbolo é capaz de transmitir uma enorme mensagem; daí o dito popular “uma imagem vale por mil palavras”. O objetivo é utilizar a fotografia como um elemento didático pedagógico na educação ambiental. Esta prática deverá aprofundar o conhecimento dos envolvidos (docentes, acadêmicos extensionistas e público participante) sobre os locais, procurando reconhecer as características, necessidades, exigências e peculiaridades, impelindo um novo olhar, uma nova reflexão, sobre os espaços públicos, sua relação com a comunidade e sua importância no contexto ambiental de nossa cidade.

Como resultado, esperamos provocar mudanças de comportamento e de pensamento que, por meio do conteúdo teórico e prático da oficina, será um fator para essas mudanças com relação ao meio ambiente.

Os produtos palpáveis do trabalho serão uma exposição fotográfica e um álbum fotográfico digital com as melhores fotos tiradas pelos alunos.

Palavras-Chave: Meio Ambiente. Fotografia. Educação. Arte-educação. Imagem e Educação.

3.5.1. Justificativa

O presente projeto tem condição de aliar conhecimentos técnicos às atividades práticas, esta indispensável para o desenvolvimento completo do profissional de qualquer área. No caso específico da Comunicação Social, a inserção na sociedade, de forma participativa, integrada e produtiva, é inerente ao

seu perfil profissional, e mais ainda quanto ao profissional de Publicidade e Propaganda, que pode articular técnicas e estratégias para promover marcas, produtos, serviços e ideias.

É nesse contexto que se insere o projeto CLICK VERDE, tendo como característica fundamental o seu caráter extensionista, que faz com que necessariamente essa atuação seja integrada à comunidade. Assim, em 2016, o curso de Publicidade e Propaganda da UCDB desenvolverá, com seus parceiros, atividades que, por meio da fotografia, contribuam para a educação ambiental e valorização dos espaços verdes da capital sul-mato-grossense.

As técnicas de propaganda estão cada vez mais relacionadas aos conceitos de responsabilidade social, sustentabilidade, contribuição para a qualidade de vida, hoje condições indispensáveis para toda e qualquer atividade produtiva. A fotografia se mostra como uma ferramenta importante na construção e registro de uma história, bem como de possibilitar reflexão sobre a realidade. Por intermédio deste projeto buscar-se-á a integração entre os conhecimentos teóricos adquiridos pelos acadêmicos extensionistas com a prática, entendendo a fotografia como uma maneira de comunicação e, principalmente, de interferência na realidade social.

Contribuir para o incremento e valorização do meio ambiente e dos espaços públicos presentes em Campo Grande, beneficiando a população e possibilitando o crescimento dos extensionistas como profissionais e como pessoas, são os resultados esperados. Tal contribuição justifica a iniciativa, seja pela relevância técnica, pedagógica e social.

3.5.2. Fundamentação Teórica

Em relação a forma tradicional da educação, Gutierrez (1978 apud SILVA, 2009) há mais de três décadas já havia alertado que já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação.

Recentemente, instituições de ensino também perceberam que um fator de competitividade mercadológica é ser socialmente responsável, em função do ganho na imagem institucional. Tal percepção estimula a busca constante de novas possibilidades de projetos sociais utilizando a comunicação e seus instrumentos

como ferramenta potencial para disseminar esta preocupação. Deste relacionamento - comunicação e responsabilidade social - surgiu o projeto CLICK VERDE.

Etimologicamente, a palavra “comunicação” deriva-se do latim “communicare”, cujo significado seria tornar comum, partilhar, trocar opiniões, conferenciar. Assim, comunicação quer dizer trocar ideias, consultar os demais, tornar comum, tornar legível, fazer-se compreendido e compreender os outros.

Comunicar-se é uma das maiores prerrogativas do homem, porque implica em pensar, ter ideias, emitir juízos de valor. Ao transmitir ou partilhar estas ideias, o homem as codifica através de símbolos, palavra escrita e/ou falada. A outra pessoa que ouve e/ou vê a mensagem a decodifica. Esta troca de informações entre as pessoas é que chamamos de comunicação. [...] Todo processo de comunicação, independente do veículo usado, deve ser entendido como um momento pedagógico que afirma ou nega a perspectiva da construção de uma nova sociedade (NEUMANN, 1990, p. 13).

A comunicação é fundamental na vida do homem, capaz de atribuir significados aos fonemas. De acordo com Berlo (1999, p. 1), “gastamos cerca de 70% do nosso tempo ativo nos comunicando: ouvindo, falando, lendo e escrevendo, ou seja, cada um de nós gasta de 10 a 12 h por dia, todos os dias, em comportamento de comunicação”.

Desse modo, comunicação é um dos principais agentes do processo social, pois possibilita a permuta de informações que se processa entre um emissor, que envia a mensagem e um receptor, que a acolhe. Por meio da comunicação o homem se torna um ser social e assim mantém-se. De acordo com Steinberg (1986, p. 23), “sem a comunicação, os homens não poderiam ajuntar-se, empreender tarefas conjuntas, nem progredir no domínio do mundo físico. Visto que as invenções e descobrimentos dependem quase sempre de uma acumulação de informações”.

Dado esse conceito, pode-se concluir que comunicação é um processo social ativo e não passivo. Ativo, pois é um processo que cria laços, envolve, amarra, influencia, dirige, manipula, oprime, reprime, liberta. Todo processo de comunicação, independente do veículo usado, deve ser entendido como uma transmissão de ideias, quer seja por meio de processos convencionais, quer pela linguagem falada ou escrita, de aparelhamento técnico sonoro/visual, que afirma ou nega a perspectiva da construção de uma nova sociedade.

Portanto, é fácil entender o motivo que levou, ao longo dos anos, a popularidade da palavra “comunicação” e que segundo Aristóteles (*apud* Berlo 1999, p. 23), comunicação é: “a procura de todos os meios disponíveis de persuasão, a tentativa de levar outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala” e que não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. Sobre este aspecto, Bordenave (1986, p. 32) concluiu que:

[...] assim se desenvolveu a grande árvore da comunicação. Começou com os grunhidos e gestos dos poucos homens recém-emergidos da animalidade original, evoluiu e se enriqueceu em seu conteúdo e em seus meios, ganhando cada vez maior permanência e alcance, aumentando sua influência nas pessoas e, através delas, incidindo na cultura, na economia, no desenvolvimento e na política das nações.

O ser humano e a comunicação evoluíram, evoluindo também a forma de comunicação, e entre elas a fotografia, que antes eram apenas imagens que eram usadas para efetuar os registros que se acreditavam serem importantes. De acordo com DE FLEUR e BALL-ROKEACH (1993 *apud* LUCAS, 2006, p. 18): “muitos estudos evidenciam e apontam a evolução da vida dos primeiros habitantes através das imagens petrogramadas, desenhadas ou pintadas, ou petroglifadas, gravadas ou talhadas, como testemunhas da mentalidade e evolução da espécie humana.”. De certa forma, os registros pictográficos deixados nas grutas, pedras, cavernas que continham imagens em formato de animais de perfis, de chifres, mamíferos etc, são fotografias. Hoje somos classificados como a civilização da imagem, designada pelo homem contemporâneo, compreendendo um conjunto de fatores que caracterizam a imagem como transmissão e comunicação de mensagens.

O ato de fotografar consiste no processo capaz de gravar e reproduzir imagens de tudo o que nos cerca e a possibilidade também de parar o tempo, retendo uma imagem que jamais se repetirá (KUBRUSLY, 1982). Silva (2009, p. 8) expande o conceito quando afirma que “fotografar é reduzir parte da complexidade das combinadas informações do nosso cérebro a um momento de tempo e a uma fração de espaço, confinando um plano de uma realidade existente”. Para Borges (2010, p. 152) a imagem está presente em tudo o que rodeia o cidadão, e reafirma a sua importância dizendo que “os diversos meios de comunicação e informação

jornalística, publicitária ou cultural que nos envolvem e fascinam, são essencialmente fotográficos, seja na forma de imagens estáticas ou dinâmicas”.

A fotografia foi chamada a prestar serviço, como objetos simbólicos e como elementos de informação, em importantes instituições de controle, nomeadamente a família e a política. (SONTAG, 1981, p. 29), e essas instituições influenciam o processo fotográfico, informação reafirmada por Kossoy (2001 apud SILVA, 2009, p. 9) quando destaca a importância do filtro cultural, da bagagem cultural do fotógrafo, diante da realidade fotografada, citando que “o registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade”. Alves (2008, p. 9) concorda quando assume que “fotografias não são verdades absolutas, elas são apenas visões parciais de um sujeito que seleciona e recorta referenciado em suas vivências pessoais”.

Silva (2009, p. 8) destaca um paradoxo e aponta uma porta para a educação, assumindo que a informação visual “não se resume na confirmação do óbvio” e que pode ser uma porta de entrada para provocar reflexões “a partir de indicativos oferecidos por um momento real roubado ao tempo”. A relação de possibilidade de interferência da fotografia na realidade é também indicada por Borges (2010, p. 152) ao afirmar que a “a fotografia provoca dúvidas, gera questionamentos e sugere soluções na busca de resultados, tanto para artistas quanto para cientistas, e também ao homem comum, em sua contemplação desinteressada (ou não) do mundo que o cerca”.

Nesta ceara, abre-se caminho para o uso da fotografia no processo de educação ambiental, foco do projeto CLICK VERDE. A prática da educação ambiental é regulamentada no Brasil pela Lei 9.795/1999 (BRASIL, 1999) que diz em seus artigos primeiro e segundo:

Art 1º. Entende-se por Educação Ambiental os processos pelo meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art 2º. A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma

articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo em caráter formal e não formal.

A fotografia é um instrumento adequado para a educação ambiental, pois estimula a integração dos indivíduos com o meio ambiente de maneira lúdica, permitindo que “coisas esquecidas ou nunca vistas sejam percebidas, educando o sujeito para a imaginação e para um olhar multifacetado que vai além da imagem cristalizada que se tem naquele momento” (SILVEIRA, 2008, p. 142). Sabino (2009 *apud* BORGES, 2010) complementa o pensamento quando diz que a fotografia no processo de educação ambiental oportuniza a aplicação das imagens como forma de mudança de comportamentos e atitudes em relação aos problemas ambientais e ecológicos.

Para Ferrara (1999 *apud* BORGES, 2010, p. 152), a fotografia pode ser um instrumento eficaz detonador da capacidade perceptiva, ou indicador do estágio dessa percepção. Ou seja, uma imagem, se não é capaz de sensibilizar, pode, ao menos, demonstrar quanto o observador conhece sobre o assunto em questão, pois se uma fotografia não causa nenhum tipo de “agitação”, isso pode levar a crer que a percepção ambiental daquele indivíduo é baixa.

3.5.3. Objetivos

Geral

Utilizar a fotografia como ferramenta na educação ambiental, seja reconhecendo espécies, registrando de forma criativa e pessoal, divulgando os espaços verdes ou estimulando reflexões sobre a realidade socioambiental de Campo Grande, MS.

Específicos

- Qualificar os participantes para utilizar a linguagem fotográfica como uma forma de expressão e principalmente como uma forma de valorizar e preservar o meio ambiente;
- Consolidar a fotografia como meio de expressão e experimentação que pode contribuir para a divulgação dos espaços verdes da capital, bem como estimular a participação de cada um no processo de preservação ambiental;

- Debater e refletir sobre o conhecimento que os participantes possuem sobre o seu meio ambiente antes da exercitação da fotografia;
- Divulgar, através de uma mostra fotográfica os resultados como uma estratégia de conscientização para a questão ambiental e como forma de levar um número de visitantes, cada vez maior, aos espaços públicos;
- Produzir, com o material fotográfico selecionado, álbum fotográfico digital com o objetivo de divulgação dos espaços verdes, como espaços turísticos;

3.5.4. Metodologia e Avaliação

O projeto é dividido por duas partes – uma teórica e outra prática.

Na parte teórica o projeto Arte-Educação, grupo de teatro mantido pelo vereador Eduardo Romero (parceiro do Click Verde desde 2014) realiza a educação ambiental com os alunos nas escolas. Esse trabalho de educação ambiental será dividido também com o Projeto de Extensão Saberes em Engenharia da UCDB. Após essa fase os alunos recebem aulas teóricas para propiciar o aprendizado dos fundamentos da fotografia e dos equipamentos fotográficos (podendo ser inclusive aparelhos celulares).

O projeto utiliza para as aulas teóricas as câmeras fotográficas disponíveis no LabCom, para exemplificar os principais conceitos. Como os maioria dos alunos não possui esse equipamento semi profissional e normalmente fotografa com câmeras digitais comuns – as chamadas *point-and-shot* - ou até com telefones celular, esses dois últimos equipamentos recebem o foco principal nas aulas teóricas. Pede-se ao parceiro da ação (escola) que disponibilize computador e projetor para as aulas teóricas.

O tratamento e a identificação das imagens tiradas pelos participantes – alunos das escolas – são feitos utilizando os computadores da Agência Experimental Mais Comunicação.

Para a parte prática, o transporte dos alunos da escola até o local da ação fica por conta do parceiro (vereador Eduardo Romero), que viabiliza um ônibus para levar e buscar os alunos nas saídas fotográficas. As partes práticas são compostas primeiro por uma observação espacial do local, procurando entender o papel que cada espécie desenvolve no seu contexto, para posterior obtenção das imagens.

3.5.5. Relação Ensino, Pesquisa e Extensão

Nos cursos de Comunicação Social existem especificidades, e o ensino, pesquisa e extensão devem estar presentes no processo de aprendizagem. O ensino acontece no espaço das salas de aula, a pesquisa é necessária para a realização de trabalhos e os acadêmicos são estimulados a participarem de congressos científicos, e a extensão permite a união das duas primeiras com o objetivo de interferir positivamente na comunidade. Essa inter-relação permite ao acadêmico perceber como a universidade - e como cada um dos acadêmicos - pode fazer diferença na vida de pessoas e comunidades, e entender que o papel mobilizador e questionador da comunicação se faz cada dia mais necessário.

Além da integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, a interdisciplinaridade é apontada, desde o início do curso, como fundamental para formação de um bom profissional e um bom cidadão. O Click Verde integra, a partir das disciplinas oferecidas os alunos e a comunidade. No início do projeto são oferecidas as capacitações para que os extensionistas atendam às necessidades dos participantes e também para realizarem suas produções fotográficas.

Para o primeiro semestre de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda e Jornalismo), na disciplina Produção em Comunicação I, são oferecidas oficinas de fotografia com os técnicos do LabCom e com os alunos do Click Verde.

A “Fotografia Publicitária” e o “Fotojornalismo” são disciplinas presentes nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo, respectivamente, e a realização de saídas fotográficas permite a integração da sala de aula com a extensão. Como as disciplinas de fotografia normalmente acontecem no segundo semestre, no primeiro semestre ainda não houve essa integração com as citadas disciplinas.

Para a confecção das apostilas e das apresentações os acadêmicos utilizam conhecimentos adquiridos também em outras disciplinas, como direção de arte (I e II), Linguagens em comunicação e Semiótica (trabalhada na disciplina de Tópicos em Comunicação).

3.5.6. Avaliação

Pelo Público

- Realização de pesquisa com os alunos da escola.
- Realização de pesquisa com os professores da escola.

Pela Equipe

- Reuniões periódicas entre a equipe (docentes e acadêmicos extensionistas)
- Reuniões periódicas com a equipe do gabinete do vereador Eduardo Romero.

3.5.7. Referências Bibliográficas

ALVES, Jefferson Fernandes Alves (coord.). **Fotografia e Educação: Alguns Olhares do Saber e do Fazer**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Setembro de 2008.

BARBOSA, Leila Cristina Aoyama; PIRES, Dario Xavier. **O uso da fotografia como recurso didático para a educação ambiental** - uma experiência em busca da educação problematizadora. In: Experiências em Ensino de Ciências – V6(1), pp. 69-84, 2011

BERLO, David K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDENAVE, Juan e. Diz. **O que é comunicação**. São Paulo: Nova Cultura-Brasiliense, 1986.

BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José. **A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental**. In: Ciência & Educação, v. 16, n. 1, p. 149-161, 2010.

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos; 1982

LUCAS, Silvana Mendes. **A imagem fotojornalística do atentado terrorista de Madri**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2006

MARTELLI, Josyanne Milléo. **O uso da imagem na pesquisa educacional**. GT: Educação e comunicação/n.16

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, Elisabeth P.; MEIRA, Mirela R. **“Transler” o ambiente escolar: a fotografia na visão de crianças da educação infantil**.

SILVA, Priscila Kalinke. **A fotografia como recurso na educação para a cidadania.** In: V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. UNICENTRO, Guarapuava/PR – 8 a 10 de outubro de 2009.

SILVEIRA, L. S. da, ALVES, J. V. (2008). **O uso da fotografia na educação ambiental:** tecendo considerações. Pesquisa em educação ambiental,3 (2), 125-146.

SOARES, Sabrina Delgado; BRANCO, Lucivone Maria Peres de Castelo; IGLESIAS, Jacqueline de Oliveira Veiga. **A importância da fotografia dentro da disciplina de ciências no ensino fundamental.**

STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa.** São Paulo: Cultrix, 1966.

TSUKAMOTO, Neide Mitiyo Shimazaki; FILIETAZ, Marta Rejane Proença. O uso de fotografia para inclusão de alunos com surdez na educação infantil.

3.5.8. Observações

Percebemos que nas ações de 2015 o tempo dedicado à realização das ações nos parceiros foi satisfatório. Assim, para 2015 a proposta é continuar com as seguintes etapas:

- Encontro com os professores da escola para buscar uma maneira de utilizar as fotos produzidas no projeto em sala de aula;
- Aula sobre meio ambiente com grupo de teatro Arte Educação;
- Aula teórica sobre fotografia (ação realizada pelos acadêmicos do Click Verde);
- Saída fotográfica (visita a um espaço verde da capital);
- Aula teórica (mostrando erros e acertos da primeira saída);
- Saída fotográfica (visita a um espaço verde da capital);
- Tratamento e identificação das fotografias (ação realizada pelos acadêmicos do Click Verde);
- Publicação das fotografias na internet e entrega dos arquivos digitais para os professores da escola (ação realizada pelos acadêmicos do Click Verde)

4. DIVULGAÇÃO/CERTIFICADOS

Meios de Divulgação:

- Participação nos eventos coordenados pela Extensão, como, por exemplo, Dia do Brincar, Ação Global, Praça da Cidadania, Cidade da Vida.
- Notícias publicadas no site da UCDB
- Página no Facebook

Contato:

- Telefone do projeto: (67) 3312-3741
- E-mail do projeto: clickverde@ppucdb.com.br
- Mensagem pelas mídias

Emissão de Certificados:

O projeto não emite certificados para os alunos.

5. OUTROS PRODUTOS ACADÊMICOS

Gera Produtos: Sim

Produtos:

- Artigos / Relatos de experiência / Banners científicos;
- Mostra fotográfica (TV);
- Álbum fotográfico digital.

Descrição/Tiragem:

- Não é possível prever, já que a exposição é feita com uma TV Digital e o Álbum fotográfico teoricamente tem alcance mundial.

6. ANEXOS

Declarações de todas as parcerias firmadas e também de uma carta de agradecimento de uma das escolas em que foi realizada a ação em 2015.

7. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.

No mês de fevereiro e março acontecerá a seleção e o treinamento dos acadêmicos extensionistas. O restante do cronograma de atividades dependerá do agendamento com as escolas, que acontecerá no início do ano de 2016. Mas a ideia do projeto é trabalhar com duas escolas no primeiro semestre e uma escola no segundo semestre.

8. DESPESAS (TODA DESCRIMINADA. INCLUSIVE BOLSISTAS)

8.1. DIÁRIAS

Não é necessário

8.2. MATERIAL DE CONSUMO

Não é necessário

Descrição	Quantidade	Valor unitário	Valor Total (R\$)

8.3. MATERIAL PERMANENTE

Não é necessário

Descrição	Quantidade	Valor unitário	Valor Total (R\$)

8.4. PASSAGENS

Não é necessário

8.5. SERVIÇOS DE TERCEIROS – FÍSICA

Não é necessário

8.6. SERVIÇOS DE TERCEIROS – JURÍDICA

Não é necessário

8.7. BOLSA DE EXTENSÃO

Solicitamos bolsa para três acadêmicos, conforme necessidade abaixo:

- Duas para acadêmicos do curso de Publicidade e Propaganda e;
- Uma para acadêmico do curso de Engenharia Sanitária Ambiental.

8.8. OUTRAS DESPESAS

Não é necessário

8.9. ORÇAMENTO CONSOLIDADO

9. PLANO DE TRABALHO (ATRIBUIÇÕES/FUNÇÕES DE CADA PROFESSOR/ACADÊMICO PARTICIPANTE DO PROGRAMA/ PROJETO):

A fotografia como instrumento de educação ambiental é uma disciplina bastante específica que demanda diversos conhecimentos técnicos de composição fotográfica, do funcionamento da câmera, de iluminação em ambientes fechados e abertos.

A fotografia ambiental não foge a algumas regras e é necessário que os professores tenham este conhecimento prévio e os acadêmicos sejam capacitados para que possam executá-los perfeitamente. Para isto, existe a necessidade de que o plano de trabalho esteja adequado a duas funções principais: capacitação fotográfico-ambiental dos alunos e execução do projeto nos locais de parceria.

9.1. PROFESSOR

Acompanha, supervisiona e coordena todas as atividades relacionadas ao desenvolvimento do projeto. Responsável pela formação das parcerias e também pelo desenvolvimento prático do projeto que consiste na capacitação dos alunos na composição imagem e no funcionamento dos equipamentos fotográficos disponíveis. Orientará e acompanhará o planejamento das aulas teóricas e práticas e a elaboração do material teórico que será utilizado para o desenvolvimento do projeto.

Supervisionará as saídas fotográficas, juntamente com os alunos e demais integrantes do projeto. Participará, orientando os acadêmicos, desde a passagem do conteúdo até a captação da imagem. Além disso, fará aprovação final das imagens fotográficas.

9.1.1. Parte Teórica

A parte teórica tem como objetivo proporcionar e oferecer ao aluno o conhecimento da técnica e da expressão fotográfica para realizar fotos mais profissionais utilizando elementos de persuasão, composição, beleza e a técnica fotográfica como fator fundamental para o desenvolvimento da educação ambiental.

Do ponto de vista acadêmico tem-se a preocupação de situar a fotografia dentro dos debates que a caracterizam como objeto de apreciação e documentação. O interesse é passar para o extensionista o referencial que permita interpretar a

fotografia como uma forma simbólica e os diferentes aspectos que ela assume na conservação do meio ambiente.

Destaca-se abaixo os tópicos relacionados à teoria que será ministrada aos alunos extensionistas e posteriormente repassada aos participantes nos locais de atuação do projeto:

- O Parceiro (equipe do vereador Eduardo Romero ou o Projeto de Extensão Construindo Saberes em Engenharia) fará a fundamentação teórica sobre a importância e relevância da conservação do meio ambiente;
- Teoria da luz; composição e linguagem fotográfica;
- A câmera fotográfica: os diferentes modelos, as limitações de cada um, seu alcance e usos possíveis;
- A formação da imagem, mecanismos do equipamento fotográfico: obturador, diafragma, fotômetro;
- Objetivas/lentes: distância focal, zoom ótico X zoom digital - flash: tipos, funções e aplicação;
- As funções da câmera digital: balanço do branco, resolução; qualidade dos arquivos, uso das prioridades;
- Sensibilidade (ISO);
- Uso do flash embutido;
- Composição de imagem para fotografias específicas do meio ambiente

9.1.2. Parte Prática

O projeto não deve se restringir ao contexto acadêmico e escolar e tampouco somente às questões ecológicas. Ele precisa associar problemas ambientais com os sociais na tentativa de construção de um mundo mais justo e igualitário. Para isso, faz-se também necessário a reflexão sobre valores de ética e cidadania em saídas fotográficas periódicas.

A saída fotográfica possibilita ao participante desenvolver todo o conteúdo visto em forma de teoria e exercitar a prática da fotografia em um ambiente socioambiental. Nos locais das saídas existe a possibilidade do contato com realidades diferentes e neste contexto existe um desenvolvimento natural não apenas como aluno, mas como ser humano.

Abaixo destacamos os aspectos práticos que serão desenvolvidos no CLICK VERDE:

- Adequação da parte teórica anteriormente explicada aos equipamentos dos participantes;
- Exemplos de composição de imagem para fotografias específicas do meio ambiente;
- Saídas fotográficas com análise das imagens.

9.2.ACADÊMICOS

Os acadêmicos interessados em participar do projeto de extensão “CLICK VERDE” serão selecionados pelos professores responsáveis a partir da disponibilidade, interesse e habilidade com as técnicas fotográficas por meio de testes básicos relacionados com a fotografia e o meio ambiente.

São selecionáveis acadêmicos regularmente matriculados em todos os semestres dos cursos de graduação, preferencialmente dos cursos de comunicação - Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Design e Engenharia Sanitária e Ambiental - que depois de selecionados irão desenvolver as atividades dispostas na parte prática de aprendizado, apresentação, transmissão de conteúdo e produção fotográfica.

Além de três acadêmicos extensionistas bolsistas, serão selecionados ainda extensionistas voluntários (o número depende da quantidade de interessados) e a participação ainda vai levar em conta a disponibilidade dos mesmos de acordo com os horários de realização do projeto. As saídas fotográficas, principalmente, requerem uma supervisão muito próxima, por isso se houver um número grande de supervisores o rendimento é melhor.

Dentre as atribuições dos acadêmicos está a pesquisa de conteúdo e roteirização das aulas ministradas nas escolas participantes do projeto, bem como se responsabilizar pela transmissão deste conhecimento aos participantes das oficinas. Também faz parte das atribuições monitorar e ajudar os professores na pesquisa para criação, produção das peças fotográficas, bem como acompanhar a captação das imagens, editá-las e selecioná-las, juntamente com os alunos participantes.

Os horários e os planos de trabalho do projeto podem ser ajustados de acordo com a necessidade das escolas.

ASSINATURA DOS RESPONSÁVEIS: (coordenador (a) e demais membros do programa/projeto):

Campo Grande, 20 de outubro de 2015.